

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ELIEL DA SILVA CARDOZO

**IMPLICAÇÕES DA LÍNGUA INGLESA NA PRÁTICA DO BIBLIOTECÁRIO: um
estudo dos serviços de leitura, indexação e referência**

vocabulary

São Luís

2018

ELIEL DA SILVA CARDOZO

**IMPLICAÇÕES DA LÍNGUA INGLESA NA PRÁTICA DO BIBLIOTECÁRIO: um
estudo dos serviços de leitura, indexação e referência**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valdirene Pereira da Conceição

São Luís

2018

Cardozo, Eliel da Silva.

Implicações da língua inglesa na prática do bibliotecário: um estudo dos serviços de leitura, indexação e referência / Eliel da Silva Cardozo. — São Luís, 2018.
105 f.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Valdirene Pereira da Conceição
Monografia (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Biblioteconomia. 2. Competência linguística. 3. Ensino. 4. Língua inglesa. 5. UFMA. I. Conceição, Valdirene Pereira da. II. Título.

CDU: 025:801

ELIEL DA SILVA CARDOZO

**IMPLICAÇÕES DA LÍNGUA INGLESA NA PRÁTICA DO BIBLIOTECÁRIO: um
estudo dos serviços de leitura, indexação e referência**

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia da Universidade Federal do
Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel
em Biblioteconomia.

Aprovada em ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Valdirene Pereira da Conceição – Orientadora
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Rocha Silva
Doutora em Linguística
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Márcia Teresa da Rocha Pimenta
Doutora em Políticas Públicas
Universidade Federal do Maranhão

A Deus, aos meus pais que muito têm me ajudado e, desde sempre, me ensinaram que a melhor didática é o exemplo. A meus irmãos e irmãs e aos outros familiares que, de forma direta ou indireta, me ajudaram a dividir alegrias, angústias e despesas na caminhada para a formação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder o dom da vida e me sustentar dia após dia.

À minha família, principalmente aos meus pais Luiz Carlos Cardozo e Alaide Cardozo, por serem meus anjos da guarda e incentivadores na busca por melhores dias. E à minha irmã Adnaelma Cardozo, que, durante toda a graduação, tem sido outro anjo da guarda.

À minha amiga de hoje e sempre Olga Sousa Rodrigues, que foi a primeira bibliotecária que eu conheci na vida e que durante os estágios e monitorias na UEMA apresentou a mim o fascinante “mundo” da Biblioteconomia e sua bibliodiversidade.

Aos amigos e amigas do Curso de Letras/Inglês da UEMA (*Campus Santa Inês*) que, juntamente com as outras bibliotecárias dessa instituição, contribuíram para que eu aprendesse uma parcela do trabalho biblioteconômico, antes mesmo de adentrar na graduação.

Aos amigos e amigas do curso de Biblioteconomia da UFMA, que contribuíram de forma brilhante para a concretização da pesquisa aplicada e para minha formação como discente e pesquisador. Agradecimentos especiais para meus colegas de equipe e inseparáveis “irmãos acadêmicos” Aderlou Oliveira, Fernanda Fonseca e Adriana Rocha, pelas muitas conquistas nos mais variados eventos da área e até de outras áreas.

À Prof^a. Dr^a. Valdirene Pereira da Conceição, orientadora dedicada e apegada às pesquisas interdisciplinares (que muito amo) e aos docentes do Departamento de Biblioteconomia da UFMA (DEBIB) pelo reforço e adição de conhecimentos técnicos e humanistas ensinados ao longo do curso.

Aos amigos discentes de Biblioteconomia, Arquivologia e Gestão da Informação de outras Universidades que conheci nos eventos acadêmicos. Aos amigos e amigas do Programa de Educação Tutorial (PET), do Sesc Deodoro, da Rádio Universidade FM 106, do Núcleo de Pesquisa e Documentação em Turismo (NPDTUR), do TRE-MA.

À minhas inesquecíveis coordenadoras de estágio Lisiana Bessa, Hellen de Paula, Giselly Almeida, Maria Izabel Alvares e Eulália Fonseca, pelas lições de profissionalismo que não serão esquecidas.

Enfim, não poderia deixar de agradecer aos mais de 207 milhões de brasileiros que, de forma direta, colaboraram através de seus impostos com o pagamento das despesas de uma graduação em uma Universidade pública; será gratificante para mim devolver para essa mesma sociedade o investimento através da contribuição sob a forma de serviços prestados com dedicação, imparcialidade e clareza.

“A dicotomia de corpo e alma existe em todo lugar que contemplamos [...] Em um livro, por exemplo, as palavras na página são o corpo e as ideias por trás delas, a alma”.
Menahem Mende Schneerson

RESUMO

A pesquisa apresenta uma sondagem sobre o ensino da língua inglesa entre estudantes do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. Aborda uma amostra das concepções dos bibliotecários sobre o uso de recursos nesse idioma. Objetiva investigar as habilidades e competências no processo de leitura e interpretação de textos em língua inglesa entre os estudantes de Biblioteconomia da UFMA e os bibliotecários, no desempenho das atividades profissionais. Descreve reflexões sobre a profissão e os futuros profissionais da Biblioteconomia, suas expectativas, experiências, práticas sociais, práticas intelectuais e processos de uso da competência linguística, somados às habilidades técnicas da profissão. Elenca uma análise de cunho interdisciplinar de fundamentos da área da Linguística, da Administração, da Psicologia e da Biblioteconomia para estudar o espaço que o bibliotecário ocupa na sociedade e no “mercado”. Trata de uma pesquisa exploratória, concebida por Gil (2002), que proporciona maior familiaridade com o problema. Adota, como procedimentos metodológicos, as pesquisas bibliográfica, documental e de campo, sendo esta última nas modalidades de análise quantitativa e qualitativa, na qual foram contatados 100 sujeitos em âmbito estadual – 50 estudantes e 50 profissionais, entre estes, foram selecionadas 87 experiências de estudantes e profissionais para compor o universo da pesquisa. Relaciona, como resultados oriundos das experiências analisadas, que ainda há deficiências no aprendizado de Língua Inglesa no Curso de Biblioteconomia da UFMA, apesar de haver a oferta de duas disciplinas desse idioma aos discentes, visto que fatores externos e anteriores à Universidade contribuem para o aumento dessa deficiência. Conclui que os profissionais da área demonstram preocupação com o cenário educacional existente; procuram agregar valor à profissão e à sua vida pessoal através do investimento em formação continuada, apesar das dificuldades encontradas. Aponta como sugestões a aproximação entre as disciplinas de Língua Inglesa ministradas no Curso e a disciplina que trabalha a CDD, maior adequação dos conteúdos ministrados.

Palavras-chave: Competência linguística. Língua Inglesa. Ensino. Biblioteconomia. UFMA.

ABSTRACT

The research presents a survey on the teaching of the English language among students of the Library Science course of the Federal University of Maranhão. It addresses a sample of librarian conceptions about the use of resources in that language. It aims to investigate the skills and competences in the process of reading and interpreting texts in English between UFMA Library Science students and librarians in the performance of professional activities. Describes reflections on the profession and the future professionals of Library Science, their expectations, experiences, social practices, intellectual practices and processes of use of linguistic competence added to the technical skills of the profession. It provides an interdisciplinary analysis of the fundamentals of Linguistics, Administration, Psychology and Library Science to study the space that the librarian occupies in society and in the “market”. This is an exploratory research, conceived by Gil (2002), that provides greater familiarity with the problem. It adopts, as methodological procedures, bibliographical, documentary and field research, the latter being in the modalities of quantitative and qualitative analysis, in which the quantitative of 100 subjects at the state level – 50 students and 50 professionals – were contacted, among these, we selected the sum of 87 experiences of students and professionals to compose the universe of research. It reports as results from the analyzed experiences that there are still deficiencies in the English language learning in the UFMA Library Science course, despite the fact that two subjects of this language are offered to the students, since external and previous factors contribute to the increase of this deficiency. It concludes that the professionals of the area demonstrate preoccupation with the existent educational scene; seek to add value to the profession and their personal lives through investment in continuing education despite the difficulties encountered. It points out as suggestions the approximation between the subjects of English Language taught in the course and the discipline that works the CDD, greater adequacy of the contents taught.

Keywords: Linguistic competence. English language. Teaching. Library Science. UFMA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|----------|--|----|
| Quadro 1 | Conceitos do termo Competência..... | 19 |
| Figura 1 | Competências no trabalho do bibliotecário..... | 22 |
| Figura 2 | A Indexação no sistema de recuperação da informação..... | 39 |
| Figura 3 | Monitoramento da produção internacional no tema..... | 50 |
| Quadro 2 | Síntese do universo da pesquisa de campo..... | 46 |
| Quadro 3 | Mapeamento da produção no tema (âmbito nacional)..... | 51 |
| Quadro 4 | Mapeamento da produção no tema (âmbito internacional)..... | 52 |
| Quadro 5 | Uso da língua inglesa em atividades da biblioteca..... | 81 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|------------|---|----|
| Gráfico 1 | Os idiomas e as quantidades de falantes..... | 29 |
| Gráfico 2 | Os 10 idiomas mais utilizados na Internet..... | 31 |
| Gráfico 3 | Período que cursa atualmente..... | 55 |
| Gráfico 4 | Tipo de escola onde estudou os ensinos Fundamental e Médio..... | 55 |
| Gráfico 5 | Nivelamento em cada uma das 4 competências na língua..... | 60 |
| Gráfico 6 | Estudantes que já cursaram as disciplinas Inglês I e II..... | 61 |
| Gráfico 7 | Período em que os alunos cursaram as disciplinas..... | 62 |
| Gráfico 8 | É necessário estudar língua inglesa na Biblioteconomia?..... | 63 |
| Gráfico 9 | Titulação dos(as) bibliotecários(as) entrevistados(as)..... | 72 |
| Gráfico 10 | Instituição na qual trabalha..... | 73 |
| Gráfico 11 | Conceituação dos conteúdos ministrados na graduação..... | 74 |
| Gráfico 12 | Considera a língua inglesa como idioma dos negócios?..... | 76 |
| Gráfico 13 | Competências em língua inglesa..... | 78 |
| Gráfico 14 | Frequência de recebimento de documentos em língua inglesa..... | 80 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| ALA | American Library Association |
| BDB | Biblioteca Digital Brasileira |
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações |
| CDD | Classificação Decimal de Dewey |
| CFB | Conselho Federal de Biblioteconomia |
| CI | Ciência da Informação |
| DELER | Departamento de Letras UFMA |
| ESP | English for Specific Purpose |
| IBICT | Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia |
| IFMA | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão |
| LD | Linguagem Documentária |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional brasileira |
| LN | Linguagem Natural |
| MEC | Ministério da Educação |
| NDLTD | Networked Digital Library of Theses and Dissertations |
| OCLC | Online Computer Library Center |
| ODLIS | Online Dictionary of Library and Information Science |
| PCN | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PET | Programa de Educação Tutorial |
| PPC | Projeto Pedagógico de Curso |
| PUCCAMP | Pontifícia Universidade Católica de Campinas |
| SLA | Second Language Acquisition |
| SOC | Organização do Conhecimento |
| TIC | Tecnologias de Informação e Comunicação |
| UEMA | Universidade Estadual do Maranhão |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |
| UFMA | Universidade Federal do Maranhão |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |
| UFPR | Universidade Federal do Paraná |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| UNIRIO | Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA: noções gerais | 18 |
| 2.1 | Língua, Linguagem e Idioma: distinções necessárias | 22 |
| 2.2 | Linguagem, Cognição e Mundo | 25 |
| 2.3 | Competência e inteligência linguística – teorias de Gardner | 26 |
| 3 | O ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS | 29 |
| 3.1 | Aquisição de uma segunda língua | 30 |
| 3.2 | O inglês instrumental: breves considerações | 32 |
| 4 | BIBLIOTECONOMIA: modo de saber e fazer | 34 |
| 4.1 | Mas afinal, o que é Biblioteconomia? | 37 |
| 4.2 | Atuação do bibliotecário | 40 |
| 5 | PERCURSO METODOLÓGICO | 43 |
| 6 | A LÍNGUA INGLESA NA BIBLIOTECONOMIA: ensino e uso | 48 |
| 6.1 | Estudos da relação Linguística - Biblioteconomia | 49 |
| 6.2 | Competência linguística em língua inglesa: concepção dos estudantes de Biblioteconomia da UFMA | 53 |
| 6.3 | Competência linguística em língua inglesa: concepção dos profissionais da Biblioteconomia | 70 |
| 7 | CONCLUSÃO | 88 |
| | REFERÊNCIAS | 91 |
| | APÊNDICES | 95 |
| | ANEXO | 103 |

1 INTRODUÇÃO

A complexidade, a diversidade nas interações humanas e os avanços tecnológicos das últimas décadas têm modificado profundamente as relações sociais e, conseqüentemente, as comunicacionais ao redor do mundo, promovendo assim o acesso a um número cada vez maior de informações e a necessidade de se trabalhar na criação de métodos para aproveitar melhor aquelas que são realmente úteis.

Na realidade de uma cultura da “velocidade acelerada”, a dita “sociedade da informação” e principalmente o mercado de trabalho de hoje não admitem mais a existência de profissionais estáticos, que se mantenham intelectualmente “isolados” dos outros profissionais ao redor do mundo devido ao pouco conhecimento em um segundo idioma, ou à permanência de leitores mecânicos e com interpretação limitada do texto que lê. Faz-se indispensável que, na comunidade diversa e interativa do século XXI, o indivíduo seja capacitado para compreender as mais variadas linguagens que o cercam, sejam elas sob a forma de texto ou sob forma de símbolos e códigos.

Nesse cenário dinâmico, destaca-se uma outra mudança silenciosa que muitas vezes não é percebida pelas instituições, incluindo as bibliotecas – as mudanças interpretativas decorrentes da vivacidade da língua e do mundo das palavras.

Devido a essas constantes transformações nas relações linguísticas e comunicacionais, algumas instituições tendem a refletir esse comportamento “mutável”, o que causa também uma incessante busca por novidades e aprimoramentos que melhoram a interação, tanto no desenvolvimento dos negócios com os quais trabalham quanto na interação com os usuários dos serviços ou produtos que oferecem. Nesse contexto, cabe também à área da Ciência da Informação (CI), incluindo aqui a Biblioteconomia, o posicionamento de identificar se essas mudanças afetam a qualidade e a efetividade no desenvolvimento dos serviços de informação.

Mesmo com o presente cenário, é pouco recorrente a publicação de estudos realizados por bibliotecários em conteúdos de áreas, como por exemplo, a Linguística e a Análise do Discurso, para investigar se ocorre no ambiente das bibliotecas o satisfatório domínio das normas cultas da língua vernácula, bem como conhecimentos mínimos de outros idiomas e de regionalismos por parte dos profissionais, a fim de que a comunicação de informações no ambiente de trabalho flua melhor.

O bibliotecário, de posse das “competências” desses itens linguísticos, provavelmente aumentará a qualidade dos resultados em processos de busca, decorrente de

descritores bem elaborados e representativos dos textos dos documentos do acervo, o que pode melhorar a imagem da biblioteca diante de seus usuários/clientes. Pode-se citar, como exemplo de resultados, a satisfação apresentada pelos usuários: não é somente a informação contida nos documentos do acervo que atrai o público; tão importante quanto isso é a representação textual desta para que aumente, assim, as chances de utilização de um documento, que será mais utilizado se apresentar fidelidade ao que está na representação sintetizada. Desse modo, haverá mais confiança por parte dos usuários, por aumentar a probabilidade de eles utilizarem outras vezes os serviços que a biblioteca tem a oferecer.

Partindo do pressuposto de que a correta interpretação de um texto deve gerar uma ideia global (um sentido) do que ele fala, expõe-se que há um “caminho cognitivo” para que se chegue a essa ideia ou sentido: ambos dependem das relações linguísticas, extralinguísticas e cognitivas. A primeira engloba o léxico, a sintaxe e a semântica; a segunda engloba fatores históricos, sociais, comunicacionais e até financeiros; a terceira engloba as estruturas cognitivas simples (como a memória, a imaginação) e complexas (como o raciocínio e a compreensão). São nessas estruturas ditas complexas que se encontram as habilidades e, também, a competência linguística; sendo esta última conceituada por Chomsky (1965, p. 4, tradução nossa) como o “[...] conhecimento do falante-ouvinte sobre sua linguagem.”¹

É notório que a compreensão da “leitura de mundo” que todos nós construímos e carregamos conosco é modificada constantemente em todas as interações que realizamos com o mundo, e é através da releitura dessas interações que encontramos sentido nos acontecimentos e na linguagem oral ou escrita – os textos em seus vários suportes. Entende-se então que o conhecimento gerado pela facilidade e agilidade na leitura de textos em língua nacional e em outros idiomas, como a língua inglesa, por exemplo, e também na leitura de mundo pode permitir a criação, a promoção e a distribuição de melhores produtos e serviços de informação.

Muitas vezes, uma informação fornecida em outro idioma pode ser altamente relevante para um indivíduo; mas, como esse não sabe o que está escrito, a tendência é que o sujeito a considere como uma informação que apresente significado nenhum e por isso atribui certa inutilidade a ela, já para outro indivíduo que conhece a estrutura linguística do outro idioma, essa mesma informação pode se tratar de algo importante e que pode colocá-lo à frente do primeiro que não conhece. Um texto pode ser a resolução de uma questão, pois é responsável pela base do conhecimento.

¹ “[...] the speaker-hearer’s knowledge of his language”

Por esses e outros motivos, saber ler e interpretar textos em um segundo idioma se tornou algo de grande valor, que pode influenciar a vida das pessoas no âmbito profissional, político, social, econômico, cultural etc.

Assim, tanto para o bibliotecário quanto para o estudante de Biblioteconomia se faz necessário o entendimento de que não deve mais existir a visão limitada de conhecimento “nacional” ou monolíngue. Tanto o primeiro quanto o segundo devem motivar-se a sair da zona de conforto e buscar interagir com a pesquisa e a produção do conhecimento científico em outros idiomas para adequar-se ao novo contexto de “aldeia global” no qual as bibliotecas também estão inseridas.

Enfatiza-se que, por se tratar de algo não tão perceptível, a qualidade vocabular depende também do ponto de vista subjetivo e da expectativa do cliente/usuário. Embasado nas poucas literaturas encontradas, que abordam a temática da contribuição de uma área para a outra, observa-se, em vários momentos, que especialistas de outras áreas, como Robert Logan e Robert Darnton, estudam essa aproximação de áreas, mas que ainda não há uma preocupação voltada ao debate sobre a influência de fatores linguísticos e cognitivos no progresso acadêmico, principalmente no contexto da Biblioteconomia nacional.

Adentrando ao contexto tecnológico, destaca-se também o fato de que alguns sistemas eletrônicos, que trabalham com recuperação de textos implantados em bibliotecas, se utilizam de alguns princípios da Linguística para realizar o processo da indexação automática.

Assim como na CI, a organização da informação realizada pela Biblioteconomia – que se preocupa com a geração, comunicação e uso da informação – também depende do uso e análise das palavras em processos como catalogação, classificação, indexação e elaboração de resumos. Por sua vez, os conceitos utilizados nesse trabalho “[...] são expressos por meio de formas linguísticas, portanto, a determinação do conteúdo de um documento passa pelo reconhecimento dessas formas e pela identificação do conceito ao qual se referem” (MELO; BRÄSCHER, 2011, p. 15).

Nesse sentido, é possível entender porque de algumas décadas até os dias de hoje várias áreas do conhecimento se dedicam a auxiliar nos estudos interdisciplinares que repassam outros olhares aos especialistas da Biblioteconomia. E, no contexto destes últimos, destacam-se as indagações: como a língua inglesa pode auxiliar nas práticas profissionais diárias dos bibliotecários, notadamente na classificação e indexação realizadas por eles? E de que forma o referido idioma contribui no processo de comunicação do conhecimento registrado realizado por esse profissional?

A escolha pela temática se deu pela observância e percepção do comportamento

informacional dos estudantes do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) frente aos conteúdos dos componentes curriculares de cunho linguístico (Fundamentos de Linguística) e de língua inglesa (Inglês I e Inglês II) ministrados ao longo dos primeiros períodos e a conexão entre estes conteúdos, a produção científica e também o diálogo com a disciplina Linguagem Documentária I, na qual é utilizada a Classificação Decimal de Dewey (CDD), publicada no idioma original – a língua inglesa. Ressalta-se que a idealização do objeto de investigação, a problematização e as primeiras bibliografias surgiram a partir de pesquisas desenvolvidas durante a participação no Programa de Educação Tutorial (PET)² de Biblioteconomia da UFMA.

Outros fatores que influenciaram na escolha pelo tema serão enumerados a seguir e se pautam em uma justificativa, que segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 120) é a “[...] exposição sucinta, porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa” e também na soma de um conjunto de motivações – as quais apresentam caráter interdisciplinar – e que podem, futuramente, apresentar desdobramentos ao gerar a construção de novos estudos.

Entre essas motivações, destacam-se:

a) a observação das contribuições da área da Linguística na área da Biblioteconomia, pelo fato de teorias e princípios dessas duas áreas se adequarem ao espaço da biblioteca. Muitos resultados de pesquisas fornecidos pela soma das duas, quando bem aplicados, podem ser úteis para manter os usuários bem informados sobre os serviços que as bibliotecas oferecem, além de também atrair um considerável número de novos usuários (usuários potenciais) para conhecer e utilizar os mesmos;

b) outro fator que se constitui como ente motivador reside na abordagem de um tema pouco explorado por teóricos e cientistas diretamente ligados à área da CI, no âmbito de produções nacionais;

c) a percepção de que muitos *softwares* de automação implantados em bibliotecas, manuais de equipamentos eletrônicos, bases de dados, sistemas eletrônicos que trabalham com recuperação automática de textos, descrição e audiodescrição de conteúdos com

² O PET é um programa do Governo Federal regulado pela Lei 11.180/2005, regulamentado pelas Portarias nº 3.385/2005, nº 1.632/2006, nº 1.046/2007 e mais recentemente pela Portaria 343, de 24 de Abril de 2013. Foi criado no ano de 1979, durante o governo do General João Batista Figueiredo, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com a nomenclatura “Programa Especial de Treinamento”. Em 1999, a responsabilidade foi transferida para o MEC, junto à Secretaria do Ensino Superior (SESu). Em 2004, o programa mudou de nome e passou a se chamar “Programa de Educação Tutorial”. Atualmente está presente em 121 Instituições de Ensino Superior e conta com 842 grupos “[...] orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial.” (MINISTÉRIO, 2016, não paginado)

finalidade de promover acessibilidade etc, muitas vezes são elaborados em língua inglesa;

d) a necessidade de demonstrar a importância do uso da língua inglesa para articulação e crescimento das Ciências na sociedade contemporânea, visto que grande parte dos resultados de pesquisas realizadas em todos os continentes são produzidos e divulgados nesse idioma e, em muitos casos, esse processo de difusão se faz com uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que também são editadas em língua inglesa.

Desse modo, com foco apenas no aspecto linguístico, este trabalho busca, também, evidenciar as contribuições significativas dos estudos comparativos que aliam a formação técnico-científica da Biblioteconomia à formação interpretativa proporcionada pelos estudos da Linguística, visto que tanto na primeira como na segunda a forma pela qual se efetua o trabalho ocorre através do uso de letras, códigos e mensagens que façam sentido, mesmo que estejam em outros idiomas – fato que pode influenciar inclusive na determinação de assunto no processo de indexação e no atendimento durante o processo de Referência.

Quanto aos objetivos específicos, pretende-se investigar as habilidades e competências no processo de leitura e interpretação de texto em língua inglesa junto aos estudantes de Biblioteconomia da UFMA e o uso das mesmas pelos profissionais em seu fazer biblioteconômico; identificar, junto aos estudantes dos períodos finais do curso de Biblioteconomia da UFMA, as habilidades e competências no processo de leitura e interpretação de texto em língua inglesa; examinar a relação entre a teoria ensinada (interpretação dos conceitos e métodos) e a prática aplicada (os processos de síntese, indexação e mediação); apontar métodos para otimizar o uso da língua inglesa no processo de mediação de informações realizado pelos bibliotecários.

Inicia-se com a apresentação de teorias e explanações que envolvem discussões voltadas a temas como a competência linguística, a língua, a linguagem e o idioma como itens formadores do processo de comunicação em um contexto social; a cognição; a inteligência linguística proposta nas teorias de Gardner.

Logo após, será apresentado o detalhamento da teorização sobre o ensino da língua inglesa voltada para fins específicos, do processo de aquisição de uma segunda língua e o uso da técnica pedagógica do chamado “inglês instrumental”.

Em seguida, serão abordados conteúdos de cunho histórico-científico, nos quais será possível observar um breve histórico da Biblioteconomia – incluindo aspectos conceituais e apontamentos sobre a formação e atuação profissional do bibliotecário.

O percurso metodológico transcorrido para alcançar a concretização da pesquisa fixou como critério e como um de seus propósitos motivadores a abordagem de um tema

pouco explorado. O estudo apresenta caráter interdisciplinar, visto que se fez constante uso de fundamentos da área da Linguística, da Administração e da Psicologia para construir a fundamentação teórica, como Chomsky (1965), Hymes (1972), Saussure (2012), Hutchinson e Waters (1987), Zarifian (2001) e Gardner (2011).

Através do diálogo interdisciplinar, teceu comentários sobre o espaço que o bibliotecário ocupa na sociedade e como se dá a aquisição, a organização e o uso de informações em língua estrangeira na formação acadêmica e no fazer diário desse profissional, como apontam autores como Cintra (1983), Mendonça (2000), Moura (2004), Melo e Bräscher (2011).

Logo após, serão enumerados os resultados da pesquisa realizada, englobando primeiramente, as observações quanto ao ensino da língua inglesa para o Curso de Biblioteconomia da UFMA, as percepções dos estudantes sobre a aquisição de outro idioma, os descompassos interpretativos identificados nas interações dos estudantes com documentos em língua inglesa e, logo em seguida, a descrição do uso (e dificuldades no uso) das competências/habilidades linguísticas entre os profissionais da Biblioteconomia dos campos de pesquisa estudados.

Subentende-se que o tema aqui discutido é complexo. Entretanto, espera-se que o trabalho se configure numa contribuição significativa para a área da Biblioteconomia e se apresente como uma produção a mais que enfatize os bons resultados que podem surgir da soma dos conhecimentos linguísticos com as habilidades e saberes técnicos específicos da profissão de bibliotecário. Espera-se que os pesquisadores se apropriem com maior frequência desses estudos interdisciplinares que aproximam a Biblioteconomia e a CI da Linguística, visando a obtenção e melhor proveito das colaborações desta última para os estudos que exploram as relações entre as duas áreas.

2 COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA: noções gerais

Nesta seção, serão abordados apontamentos sobre os termos *competência*, *competência linguística*, *inteligência linguística*, *língua e fala*, *linguagem*, *cognição*; observando-se teorias de variadas áreas do conhecimento.

Quanto se trata do tema “Competência”, são encontradas muitas definições na literatura científica, principalmente em textos da ciência da Administração. Muitas vezes, se entrelaçam e até se assemelham as definições do que é “competência” e do que é “conhecimento” e, especificamente em estudos linguísticos, do que é “performance”. Esse entrelaçamento ocorre também nos estudos da CI. Faz-se necessário, então, destacar que a abordagem a ser utilizada para o estudo sobre “competência” será direcionada para a análise sob os pontos de vista da CI.

Em produções na língua portuguesa, dependendo do contexto na qual é utilizada, a palavra competência sugere múltiplas interpretações: no conceito gramatical fornecido pelo dicionário, o termo significa

Aptidão que um indivíduo tem de opinar sobre um assunto e sobre o qual é versado. 2 JUR Legitimação de uma autoridade pública de julgar certos pleitos. 3 JUR Legitimação conferida a um indivíduo de atuar em seu próprio benefício. 4 Conjunto de conhecimentos. 5 FIG Indivíduo com profundo conhecimento de determinado assunto. 6 Afluência de pessoas para ocupar o mesmo cargo [...] (MICHAELIS, 2017, não paginado)

Em língua inglesa, os conceitos apresentados se assemelham muito. De acordo com o *Oxford Dictionary*, competência é

A habilidade para fazer algo com sucesso ou eficientemente [...] A autoridade legal de uma corte ou outra entidade para tratar com uma causa particular [...] *Linguística* O conhecimento subconsciente de uma pessoa das regras que governam a formação do discurso em sua primeira linguagem [...] (OXFORD, 2017, não paginado, tradução nossa)³

Na área administrativa, por exemplo, conforme Zarifian (2001), muitos conhecimentos voltados para a capacitação do indivíduo quanto ao uso de máquinas ou procedimentos técnicos são chamados de “competências”.

E, com a mudança de foco para o “material humano” ou “talentos humanos”, cresceu, também, a busca por informação voltada ao capital intelectual, fazendo com que a execução dos trabalhos, que antes eram fundamentados no domínio da máquina se voltassem para a melhoria dos talentos da pessoa, visando, como resultado, a um indivíduo ativo, proativo, produtivo e consumidor.

³ The ability to do something successfully or efficiently [...] The legal authority of a court or other body to deal with a particular matter [...] *Linguistics* A person's subconscious knowledge of the rules governing the formation of speech in their first language [...]

No quadro 1, serão apresentadas 10 (dez) definições, de cunho administrativo e mercadológico, do termo “Competência(s)”, de acordo com quadro-resumo construído por Souza et al (2008, p. 8) em seu texto sobre as diferentes abordagens e interpretações do referido termo relacionados à área da CI:

Quadro 1 – Conceitos do termo Competência

| AUTOR | DEFINIÇÃO |
|--|--|
| Durand (1999) | Competências são conhecimento, habilidades e atitudes necessárias para se atingir determinados objetivos |
| Fleury & Fleury (2001) | Competência é saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agregam valor econômico à organização e valor social ao indivíduo |
| Flink e Vanalle (2006) | As competências podem ser de três tipos: essenciais, funcionais e individuais. Os autores utilizam os estudos de McClelland para avaliar as competências que devem ser desenvolvidas |
| Le Boterf (1995) | A competência é o saber agir responsável e que é reconhecido pelos outros. Implica saber como mobilizar, integrar e transferir os conhecimentos, recursos e habilidades, num contexto profissional determinado |
| Levy-Leboyer (1997, p.13) | Competências são “repertórios de comportamentos que algumas pessoas dominam melhor que outras, o que as fazem mais eficazes em uma determinada situação” |
| Prahalad e Hamel (1998, p. 298) | “As competências essenciais são o aprendizado coletivo na organização, especialmente como coordenar as diversas habilidades de produção e integrar as múltiplas correntes de tecnologia” |
| Real Academia Espanhola (2000) | Competência é “[...] tanto obrigação como atitude ou habilidade para fazer algo”. |
| Santos (2001, p.27), | Competência “não é apenas conhecimento e habilidades para a realização do trabalho (saber fazer), mas também atitudes, valores e características pessoais vinculados ao bom desempenho no trabalho (querer fazer)” |
| Zafirian (2003, p.137) | “Competência é a tomada de iniciativa e o assumir de responsabilidade do indivíduo sobre problemas e eventos que ele enfrenta em situações profissionais” |
| Zarifian (2001, p.66); MEDEF (1998) ² | Competência profissional “[...] é uma combinação de conhecimentos, de saber-fazer, de experiências e comportamentos que se exerce em um contexto preciso” |

Fonte: SOUZA et al (2008).

Parafraseando o pensamento de Zarifian (2001), é possível entender que a competência de um sujeito se manifesta em situações práticas e, somente quando se põe em prática as competências, torna-se possível avaliá-las.

Em termos gerais, os dicionários comuns frequentemente apresentam conceitos ligados ao âmbito de qualquer campo profissional. Em dicionários especializados, é possível notar o detalhamento para um conceito mais específico, como o abordado pelo *Online Dictionary of Library and Information Science (ODLIS)* ⁴:

[...] capacidades esperadas de uma pessoa contratada para executar um trabalho específico, ou sobre a conclusão com sucesso de um curso de estudo ou treinamento.

⁴ O ODLIS foi criado em 1994 por Joan M. Reitz, Bibliógrafo da Ruth Haas Library, da Western Connecticut State University (WCSU), na cidade de Danbury. Iniciou com o nome de *Library Lingo* e tinha o objetivo de informar granduandos não fluentes no inglês e falantes não familiarizados com a terminologia (os termos) de uma biblioteca básica.

Em Biblioteconomia, o conhecimento, as habilidades, e experiência necessária para manusear efetivamente as responsabilidades profissionais, geralmente dentro de uma especialização, de preferência abrangentemente expressada assim como um conjunto de padrões mínimos. (REITZ, 2002, p. 158, tradução nossa) ⁵

Ao trazer a discussão para o campo biblioteconômico, cumpre informar que as atividades de um bibliotecário, além de englobarem a divisão do conhecimento através de vários trabalhos, como o de processamento técnico, por exemplo, envolvem diversas outras atividades que se destacam pelo processo de comunicação com a sociedade, no que diz respeito aos materiais produzidos por pesquisadores nas várias áreas do conhecimento, fato que destaca e fortalece a responsabilidade social do bibliotecário e seu papel como cientista.

Tratando-se das questões ligadas ao saber fazer, em seu acervo documental, a Resolução 0492/2001⁶ do Ministério da Educação (MEC) enumera algumas “competências e habilidades” esperadas do bacharel em Biblioteconomia, a saber:

[...] Gerais: gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; formular e executar políticas institucionais; elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; utilizar racionalmente os recursos disponíveis; desenvolver e utilizar novas tecnologias; traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres; responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo [...] Específicas: Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente; Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação; Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza; Processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação; realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação (BRASIL, 2001, p. 32-33)

Não distante dessa série de requisitos descritos pelo MEC, o Curso de Biblioteconomia da UFMA apresenta, no capítulo sete do seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC), a ênfase em conteúdos de cunho gerencial e enumera outra série de “competências e habilidades” que devem se fazer presentes tanto de modo teórico, através do currículo profissional, quanto no modo prático através do bom desempenho nas práticas profissionais de rotina já nos locais de trabalho ocupados pelo profissional.

⁵ [...] Capabilities expected of a person hired to perform a specific job, or upon successful completion of a course of study or training. In librarianship, the knowledge, skills, and experience necessary to effectively handle professional responsibilities, usually within a specialization, expressed inclusively rather than as a set of minimum standards.

⁶ Resolução com parecer homologado no Diário Oficial da União (DOU), datado de 9 de Julho de 2001, Seção 1, página 50.

Espera-se que o entrelaçamento da teoria aprendida durante o Curso com a prática adquirida ao longo dos estágios, por parte dos estudantes do bacharelado em Biblioteconomia da UFMA, resulte em

[...] b) um profissional habilitado para atuar na análise, seleção, processamento, tratamento, recuperação e produção da informação registrada em qualquer suporte; c) **um profissional capaz de articular informação, cultura, tecnologia, sociedade e pesquisa** na sua prática bibliotecária; d) um profissional que considere as dimensões contextuais e político-ideológicas, bem como as interações entre informação e o universo cultural dos diferentes sujeitos presentes na realidade da unidade de informação onde atuará; e) um profissional com capacidade de dominar processos e meios de informação, comunicação e tecnologia no seu cotidiano profissional; f) um profissional capaz de identificar problemas socio culturais e biblioteconômicos, encontrando soluções criativas que respondam a tais questões; g) um profissional comprometido ética e politicamente com o conjunto da população brasileira; h) um profissional com autonomia e capacidade para construir conhecimento e tomar decisões nos campos da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação; i) um profissional com competência para trabalhar em equipe; j) **um profissional com domínio das novas linguagens documentárias e das tecnologias de informação e comunicação**; k) um profissional com capacidade para diagnosticar e propor alternativas para a melhoria dos recursos, serviços e produtos em diferentes unidades de informação. (UNIVERSIDADE, 2007, p. 21-22, grifo nosso)

Além de atuar na organização e difusão de informações, nota-se, nas entrelinhas dos conteúdos da resolução 0492/2001 do MEC e do PPC que a formação esperada de um profissional em Biblioteconomia alcança patamares bem mais abrangentes, é possível perceber que as competências envolvem desde saberes de caráter gerencial a saberes pedagógicos, perpassando por habilidades comunicacionais e técnicas, para lidar com o uso das novas TIC nas atividades da rotina.

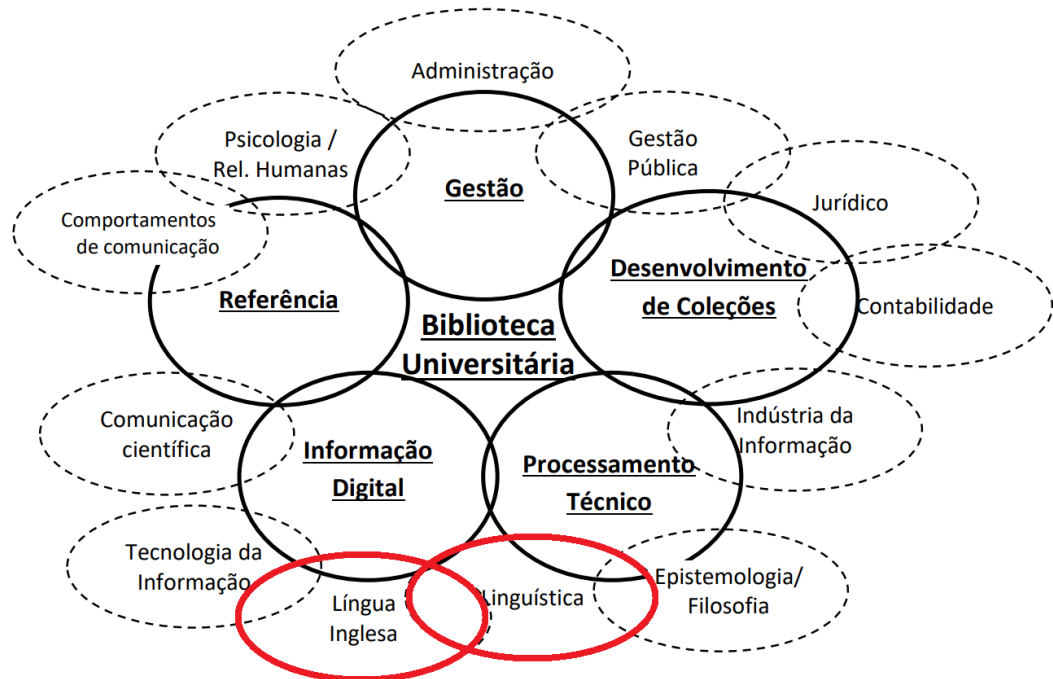
Enfatiza-se que, tanto para articular a informação com a cultura, tecnologia e sociedade quanto para dominar muitos dos processos e meios de informação e comunicação com foco na difusão da pesquisa, é recomendável que o profissional apresente, entre as competências adquiridas, a capacidade de ler e interpretar documentos em outros idiomas.

Essa visão mais abrangente, voltada ao desenvolvimento de competências linguísticas e também ao estudo de outra língua – a inglesa, no caso –, é corroborada em produções científicas e em alguns pontos do PPC do curso de Biblioteconomia da UFMA, mais especificamente no capítulo oito, que trata da matriz curricular. Nesse recorte do texto são elencados os quadros com os eixos e núcleos estruturantes, nos quais se encontra a relação de disciplinas de caráter interdisciplinar que dialogam com a Biblioteconomia e o eixo estruturante sobre o pensamento científico e relações sociohistóricas – no qual estão inseridas as disciplinas de Língua Inglesa I e Língua Inglesa II.

Quanto à busca pela aquisição de competências, vale ressaltar que aquelas voltadas a questões linguísticas se configuram como somente uma entre várias outras que

devem ser desenvolvidas pelos bibliotecários, como formaliza a cartografia interdisciplinar presente no trabalho científico de Silveira (2017, p. 78), o qual se fundamentou nas declarações dos referidos profissionais e que elenca os variados aspectos das atividades desenvolvidas em bibliotecas universitárias – incluindo os aspectos ligados à linguagem

Figura 1 – Competências no trabalho do bibliotecário



Fonte: SILVEIRA, 2017, adaptado.

No contexto pedagógico, entende-se que somente o conteúdo de duas disciplinas não supre totalmente as necessidades no que tange à aquisição de outro idioma, sendo recomendável tanto para estudantes quanto para os profissionais o aumento de conhecimentos em língua inglesa através do investimento em cursos e formação continuada.

2.1 Língua, Linguagem e Idioma: distinções necessárias

Pesquisas desenvolvidas ao longo dos anos sobre o desenvolvimento das competências leitores têm sido unânimes em informar que o ato de ler está baseado na capacidade do indivíduo de interpretar o mundo.

Sabe-se que a Biblioteconomia é interdisciplinar e utiliza princípios de várias outras áreas do conhecimento – incluindo a Linguística – da qual emanam noções essenciais tanto para a organização da informação quanto para a organização do conhecimento. Ressalta-se que a linguagem é um dos objetos comuns aos dois campos de estudo – nas duas áreas, as palavras são o foco dos estudos, como informa Mendonça (2000, p. 51), a CI “[...] tem estreita

ligação com a lingüística pela intermediação da análise documentária, que se utiliza de métodos e processos para descrever o conteúdo dos documentos.”

No aspecto tecnológico, enfatiza-se que alguns sistemas eletrônicos que atuam com recuperação de textos implantados em bibliotecas se utilizam de alguns princípios da Linguística para realizar o processo da indexação automática e, como apontam Dias e Naves (2007, p. 81), “A vizinhança entre lingüística e a documentação, apesar de evidente a partir de um certo nível de abstração, é menos explorada do que se poderia esperar.”

Muito dificilmente se inaugura um estudo voltado para os fundamentos da Linguística sem se reportar aos estudos da publicação póstuma do *Cours de Linguistique Générale* (Curso de Linguística Geral), de Ferdinand de Saussure, em 1916. Levando-se em conta que a língua se constitui em um sistema uniforme, somente a divisão e o detalhamento dos elementos que a constituem (léxico, sintaxe, e semântica) permite a busca de aprofundamento e compreensão do todo.

Estudar a língua como um todo é tarefa complicada visto que se trata de algo “vivo” e mutável. Isso se justifica no próprio caráter individual da linguagem. Isso pode ser comprovado no dia a dia pela observação das variações de sons entre pessoas e até mesmo nos diversos sentidos que uma pessoa ou conjunto de pessoas pode atribuir à mesma palavra.

Para facilitar o estudo do todo e das partes, Saussure dividiu seus estudos em dicotomias, e entre elas, enfatizou o uso dos termos *langue* e *parole*. O primeiro ficou como objeto específico da Linguística, exemplificando a base do processo de comunicação humana, o qual é feito através do uso de signos verbais. Esse fator caracteriza a *langue* como algo coletivo, um conjunto de regras que se tornam comum a um grupo, pois “[...] o homem é um inventor de signos e que por meio deles acessa o mundo a sua volta.” (MELO; BRÄSCHER, 2011, p. 25). Reforçando essa fala, Saussure (2012) ressaltou que a língua é uma instituição social formada por um conjunto de convenções coletivamente escolhidas, como se fosse uma espécie de “contrato social”.

O segundo termo da dicotomia, a *parole*, já traz um caráter mais individualizado, pois se trata da “[...] realização concreta, aos enunciados produzidos, às manifestações individuais, nas quais ficam evidenciadas, inclusive, as expressões de criatividade do falante” (CINTRA, 1983, p. 8). Pelo fato de ter caráter individualizado, a linguagem é uma manifestação intelectual complexa, uma representação simbólica que expressa um grande número de sentidos, pode significar linguagem verbal (oral e escrita), teatral, musical, mímica, documentária etc.

Atualmente, um dos grandes desafios da CI tem sido a construção de códigos documentários que tornem mais efetivo o trabalho de representação documentária. Segundo Melo e Bräscher (2011, p. 40), “[...] o entendimento da transposição de uma Linguagem Natural (LN) para uma Linguagem Documentária (LD) é fundamental aos estudantes de CI para conscientizá-los das limitações destes instrumentos de intermediação.” Nesse contexto, esta última – a linguagem documentária – surge para diminuir as dificuldades que a linguagem natural oferece para o trabalho de descrição de documentos e se constitui como uma linguagem pelo fato de perpetuar a capacidade do homem em criar símbolos, através da organização de vários termos e regras em sistema próprio.

Enfatiza-se que é essa necessidade de oficializar sistemas, regras, “contratos sociais” etc. que colabora no desenvolvimento de leis ou certos códigos linguísticos comuns a grupos de pessoas em determinadas regiões, ou seja, o idioma (ou dialetos).

Mas, que vem a ser Idioma? E o que é “idioma oficial”?

Inicialmente, pode-se considerar como idioma uma língua falada por um grupo de pessoas em um espaço geográfico delimitado. Em sentido amplo, no dicionário Aurélio pode-se ler que se trata da “[...] Língua (4) de uma nação. 2. Língua (4) peculiar a uma região.” (FERREIRA, 2010, p. 1119). Em outras interpretações, um idioma pode ser considerado como um unificador político, criador de nova mentalidade, ruptura como uma cultura e tradição, forma de resistência, de identidade cultural etc.

Nesse sentido, o idioma dito “oficial” é uma língua própria de um povo e apresenta-se como um unificador político pelo fato de ter sua oficialidade registrada. A existência do idioma oficial geralmente está relacionada com a existência do Estado em seu caráter político, uma forma de assegurar espaços com o objetivo de garantir a identidade de uma nação. Como exemplo disso, pode-se citar o fato de o idioma oficial do Brasil ser o Português, idioma que é falado por vários outros países da África, que também se tornaram independentes do mesmo colonizador. Já em muitos países como o Canadá, há dois idiomas com status de língua oficial (o francês e o inglês).

Utilizando ainda o exemplo da língua falada no Brasil, no que se refere ao idioma oficial, outro fator que exemplifica a língua como unificadora e atrelada ao Estado é o fato de que somente a língua portuguesa consta como língua oficial, embora existam grupos que utilizem outros idiomas ou dialetos, como as comunidades indígenas.

Uma outra percepção é revisitada na visão sociolinguística de Pierre Bourdieu, que em seu trabalho “A economia das trocas linguísticas” enfatizou mais a temática do idioma

e conceituou o termo competência linguística como “[...] a capacidade para o engendramento infinito de discurso gramaticalmente regrado” (BOURDIEU, 1977, p. 646, tradução nossa).⁷

Nessa obra, Bourdieu trata do uso da competência linguística como instrumento para a escalada social em realidades nas quais a posse dessa competência, somada à imposição legal de um idioma oficial, representam uma espécie de dominação simbólica. E, no contexto apresentado por ele, as línguas vernáculas populares – rotuladas como idiomas marginais – e os dialetos são vistos como símbolos de resistência.

2.2 Linguagem, Cognição e Mundo

Devido ao uso da linguagem, é possível aos seres humanos o fenômeno social da comunicação e a concretização de relações interpessoais. Através de uma linguagem representada de forma escrita, sonora ou gestual, as pessoas podem socializar experiências e adquirir explicações para as indagações que elas têm.

Essas duas ações (socialização e aquisição) se caracterizam pela exteriorização e pela interiorização de conteúdos e são fatores que se constituem em itens de constante análise porque têm funções de relação dentro de um grupo – expressão pela capacidade de comunicação – e de construção de conhecimento devido à elaboração do pensamento ou “internalização”, sendo que esta última se constitui em um processo bastante complexo e resulta da soma de vários outros processos desenvolvidos na mente dos comunicantes para que se realize a referida construção e, entre esses processos, enfatiza-se o cognitivo.

Os estudos ligados à temática “cognição” são necessariamente interdisciplinares, envolvem a observação e análise de literaturas de cunho pedagógico, psicológico e, algumas vezes, biológico. É importante destacar que ao longo do trabalho a ênfase adotada diz respeito às pesquisas e teorias da Psicologia Cognitiva, que é

[...] ciência que procura descrever e explicar o conjunto das capacidades cognitivas (em outras palavras, as capacidades mentais de tratamento da informação) de que dispõem [...] os seres humanos. [...] O sistema cognitivo é um sistema complexo de tratamento da informação compreendendo conhecimentos (representações) e meios de operar sobre esses conhecimentos (processos) (MORAIS, 1996, p. 17-18).

Outra definição mais simplificada encontra-se no trabalho de Sternberg e Sternberg (2012, p. 3, tradução nossa), no qual a Psicologia Cognitiva é apresentada como “[...] o estudo de como pessoas percebem, aprendem, lembram, e pensam a respeito de informação [...]”⁸

⁷ [...] capacity for infinite generation of grammatically regular discourse.

⁸ [...] is the study of how people perceive, learn, remember, and think about information [...]

Diversos trabalhos da Pedagogia e da Psicologia Cognitiva abordam a temática da Linguagem pelo fato desta última se constituir em um código falado (conversa) ou escrito (leitura) utilizado para comunicações, explicações e repasses do conhecimento, que é transmitido através dos diálogos, discursos e registros. E, desse modo, muito dificilmente se realizam estudos mais orgânicos sobre a temática “cognição” sem perpassar pelas análises das teorias da Linguística, as quais dialogam sobre os processos de interpretação, entendimento e internalização daquilo que se ouve (ou vê) através dos sentidos.

O ato de ler um texto, entender o que foi lido e depois não esquecer mais aquele conteúdo, por exemplo, é um processo que não depende somente do fato da pessoa saber ler ou não; conta também com a soma de várias estratégias por parte do leitor e de contextos que envolvem outros dois processos: os linguísticos, que se referem às regras formais do idioma – como as normas gramaticais por exemplo; e os não linguísticos – que se referem ao contexto cultural, social, intelectual etc.

Ou seja, essa soma contribui para que se construa no leitor a formação de “modelos mentais” de referência, isto é, um “caminho” a seguir para entender melhor o conteúdo do texto. Esse “modelo mental” pode ser o protocolo que garante a armazenagem – o conteúdo que fica na memória do leitor após uma leitura bem atenciosa – a chamada leitura dedicada. Quando se trata da pessoa que exerce a atividade de ler com competência, Figueiredo e Bizarro (2000, p. 468), informam que um

[...] leitor competente não se limita a processar a informação, analisando as expressões linguísticas em termos do seu conteúdo proposicional e/ou conceptual, mas também constrói uma representação de um modelo mental de referência [...] constrói um modelo mental do discurso por meio da estrutura correferencial das expressões.

Infere-se que o ato de saber e interpretar fielmente um texto faz com que o indivíduo se torne mais independente ao ir atrás de novos conhecimentos, o que pode levá-lo a ser um leitor autodidata. Esse processo também inclui a internalização do conteúdo lido – o “aprender para a vida”. Ou seja, aprender tanto em sua língua vernácula quanto numa segunda língua depende também do que já se sabe – daquilo que foi aprendido fora do ambiente escolar e muitas vezes, conhecer previamente algo sobre o texto que será lido pode aumentar o interesse e a vontade de compreender e ler com mais dedicação.

2.3 Competência e inteligência linguística – teorias de Gardner

Aqui serão discorridas reflexões sobre a “habilidade” como sinônimo da capacidade em saber desenvolver algo e sobre a “competência” voltada ao campo linguístico, nas quais serão enumerados estudos de vários autores, iniciando com a apresentação da

definição fornecida pelo dicionário Michaelis – no qual pode-se ver a ênfase dedicada à abordagem de Chomsky. Segundo o referido dicionário, competência linguística é o

[...] Conhecimento linguístico inconsciente que torna um indivíduo capaz de compreender e construir um número infinito de frases em sua língua, mesmo aquelas nunca ouvidas; gramática internalizada, gramática mentalizada [...] Competência universal, LING: **conjunto dos conhecimentos básicos de todas as línguas no nível inconsciente de cada indivíduo**, de acordo com a teoria preconizada por Noam Chomsky (1928) (MICHAELIS, 2017, não paginado, grifo nosso)

Ainda no contexto do tema da seção – competência, nota-se que os conceitos do termo apresentados até agora se reportam à competência em seu sentido genérico (da gramática ou do dicionário) e etimológico, ou ainda às competências ligadas ao âmbito profissional, principalmente na área da Administração.

Quando se trata do termo composto “Competência linguística”, faz-se necessário ressaltar também que existem outras abordagens sobre o assunto em outras Ciências, como por exemplo a Sociologia e parte da Psicologia que se dedica a estudar fatos relacionados à cognição (Psicologia Cognitiva); porém, enfatiza-se que a maior parte das literaturas que tratam do assunto se encontram em maior número dentro da Linguística e Sociolinguística.

Além da concepção de Bourdieu, destacam-se, entre os muitos teóricos, os estudos de Noam Chomsky, que em 1965 conceituou “Competência linguística” como o conhecimento sobre a linguagem por parte do falante-ouvinte; os trabalhos do estudioso Dell Hymes, que em 1972 apresentou ao mundo a ideia da *Communicative competence* e observava a Competência linguística como “[...] o tácito conhecimento da estrutura da linguagem, isto é, conhecimento que comumente não está perceptivo ou disponível para descrição espontânea, mas necessariamente implícito naquilo (modelo) que o falante-ouvinte pode exprimir.” (HYMES, 1966, p. 54, tradução nossa)⁹

Tratando-se de estudos sobre cognição humana, tanto do viés da Psicologia Cognitiva quanto do olhar pedagógico da área da Educação, muito dificilmente se fala em desenvolvimento cognitivo sem se reportar aos estudos do professor e psicólogo Howard E. Gardner que, no ano de 1983, apresentou ao mundo a obra clássica *Frames of mind: The theory of multiple intelligences* (que traduzido significa “As estruturas da mente: a teoria das múltiplas inteligências”).

Segundo os estudos dele, as pessoas apresentam formas diferentes de aprender algo devido à soma de vários tipos de “inteligências” que variam de pessoa para pessoa. São elas: a inteligência linguística, a inteligência lógico-matemática, a inteligência espacial, a

⁹ [...] the tacit knowledge of language structure, that is, knowledge that is commonly not conscious or available for spontaneous report, but necessarily implicit in what the (ideal) speaker-listener can say.

inteligência interpessoal, a inteligência intrapessoal, a inteligência musical, a inteligência corporal-cinestésica, a inteligência naturalista e a inteligência existencial.

É possível notar, no escopo dessa mesma obra trabalhada por Gardner, que o primeiro tipo de inteligência analisada por ele é exatamente aquela que envolve a linguagem – a inteligência linguística – a qual o autor associa com a competência linguística e utiliza o trabalho intelectual dos poetas como o exemplo de manifestação desse tipo inteligência. Ao iniciar a explanação de sua teoria, ele aponta a inteligência linguística como “[...] a competência intelectual – que parece ser a mais amplamente e mais democraticamente compartilhada entre a espécie humana” (GARDNER, 2011, p. 82, tradução nossa) ¹⁰.

Geralmente, as pessoas que apresentam o domínio dessa faculdade linguística compreendem melhor o significado das palavras, gostam de ler, escrever, contar fatos reais/histórias e apresentam mais facilidade para se expressar, persuadir etc.

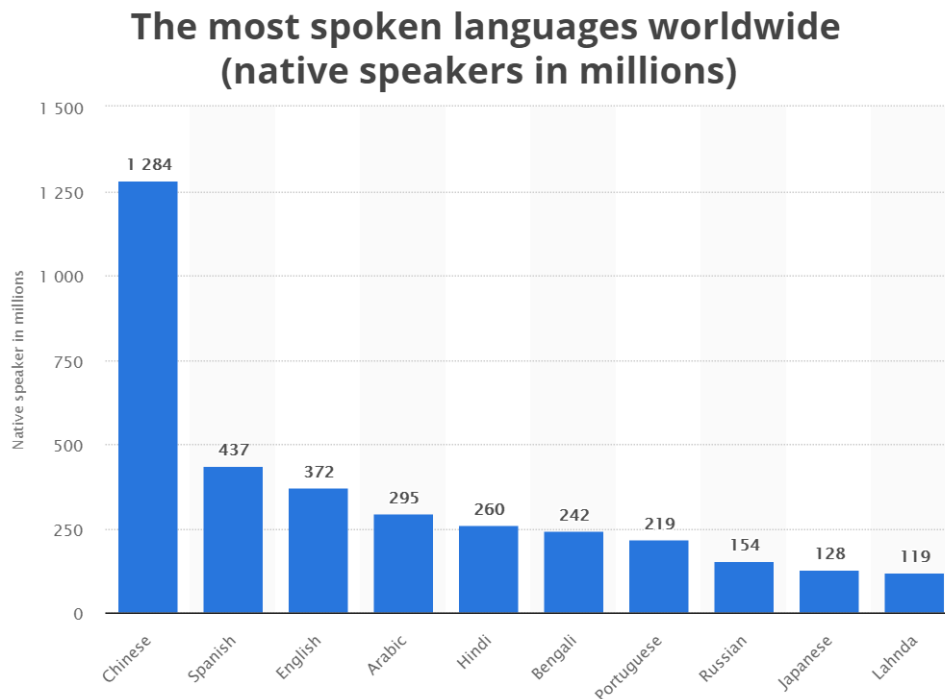
Como já demonstrado em vários estudos, percebe-se que as peculiaridades de cada ser humano influenciam diretamente nas formas ou modos de se aprender. Essa particularidade, revisitada pelos estudos de Gardner sobre as múltiplas inteligências, deve ser um fator basilar, entre outros, na ocasião da preparação de materiais didáticos e metodologias de ensino para grupos de estudantes de cursos universitários, incluindo também o ensino de outros idiomas. Enquanto um aprende mais pelo falar; outros podem aprender mais pelo ouvir, pela leitura, através da observação de profissionais que já atuam na área etc. Ou seja, não há uma fórmula pronta (e não haverá) que atenda as necessidades de aprendizagem de grandes quantidades de estudantes ao mesmo tempo.

¹⁰ [...] the intellectual competence — that seems most widely and most democratically shared across the human species.

3 O ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS

A língua inglesa é, atualmente, o terceiro idioma mais falado no mundo, quando se trata da quantidade de falantes nativos, ou seja, em países que a adotam como idioma oficial, como pode ser conferido no gráfico 1:

Gráfico 1 – Os idiomas e as quantidades de falantes



Fonte: Portal Statista ¹¹ (2017)

Essa quantidade de falantes – que supera os 372 milhões – aumenta ainda mais quando se adota o critério do uso de uma segunda língua, mesmo de forma temporária e que seja por motivos específicos: muitas pessoas utilizam a língua inglesa como segundo idioma nas relações interpessoais, comerciais e profissionais e esse uso esporádico faz com que a quantidade de falantes se eleve para os 800 milhões aproximadamente, o que torna o referido idioma no segundo mais usado no mundo, sendo que o mandarim ocupa a primeira posição pela quantidade de habitantes em países como a China, por exemplo.

É possível notar que, pelos dados expressos no gráfico 1, atualmente não é a língua inglesa que ocupa o primeiro lugar quando se trata do quantitativo de falantes, mas várias situações e ocasiões fazem com que essas estatísticas mudem, fato que será objeto de análise e mais detalhamento na subseção posterior.

¹¹ O Statista é uma empresa com sede em Hamburgo e escritórios em Berlin e Frankfurt (Alemanha) e em países como Reino Unido, Itália, França, Espanha, Bélgica, Estados Unidos e outros. O portal é fonte para pesquisas acadêmicas e comerciais. Em seu acervo há documentos como dossiês, bases de dados comerciais, bases de dados universitárias, coleções, dados industriais, serviços de busca, entre outros. E entre os clientes constam grandes nomes como Microsoft, Google, e-bay, Samsung, Volkswagen, Unilever, ESPN, Forbes, CNN, The Wall Street Journal, P&G, Greenpeace etc

Seja por motivo acadêmico, comercial ou mesmo pessoal, é necessário que ocorra o ensino de outros idiomas preferencialmente em todos os níveis do ambiente educacional. Entre as várias motivações para aprender melhor um idioma, há muitas que mudam de pessoa para pessoa: uns aprendem mais porque estudaram o ensino médio em escolas privadas, em cursos de língua no Brasil ou no exterior, ou pela oportunidade de morar meses ou anos no exterior, pela convivência com familiares que moram em outro país etc.

O aprendizado de outro idioma contribui para o enriquecimento cultural da pessoa que o estuda, fator que pode facilitar o deslocamento de um estudante/pesquisador de um país para outro na intenção de aumentar os conhecimentos em sua área de formação. Em parceria com os governos, muitas Universidades oferecem programas que trabalham intercâmbios culturais entre estudantes, com periodicidades flexíveis para não atrasar o estudo destes em seu país de origem. Nesse contexto, aprender a língua inglesa torna viável a comunicação científica internacional através da troca de conhecimentos.

3.1 Aquisição de uma segunda língua

Na atual sociedade, nota-se que grandes fluxos de informação que circulam nas redes se apresentam na língua inglesa. Assim, faz-se indispensável aos bibliotecários a aquisição de competências para manusear esses conteúdos informacionais.

Tratando-se do aprendizado, o processo de aquisição de uma segunda língua pode ser entendido genericamente como “[...] a maneira na qual pessoas aprendem uma outra linguagem depois de sua língua materna, dentro ou fora de uma sala de aula, e ‘Aquisição de Segunda Linguagem’ (SLA) como o estudo desta.” (ELLIS, 1997, p. 3, tradução nossa)¹²

Nessa perspectiva, mesmo sabendo que a língua inglesa – considerada como o idioma do século XX – poderá não ser mais o “idioma dominante”, futuramente, devido ao crescimento das relações comerciais dos países asiáticos com o resto do mundo e a maior facilidade no estudo de outra língua de forma remota através da Internet, vários outros fatores ligados às novas tecnologias e ao seu uso ainda impulsionam a necessidade do aprendizado da língua inglesa por parte de estudantes e profissionais do século XXI como ferramenta fundamental para melhor desempenho em suas carreiras, tanto na academia quanto no trabalho, no desenvolvimento das relações comunicacionais com colegas de profissão em outras nações pelo resto do mundo. Uma amostra dessa necessidade ocorre em duas situações (entre muitas outras): quando os estudos se referem aos *softwares* desenvolvidos para uso em

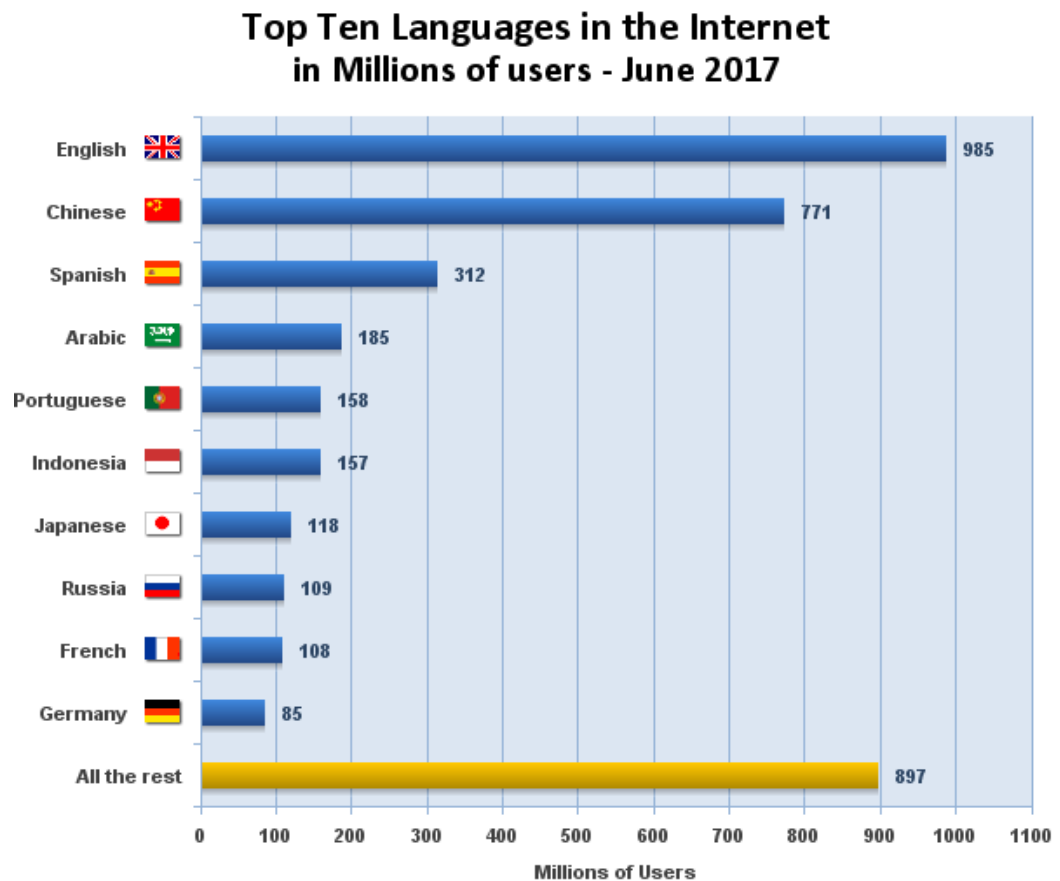
¹² [...] the way in which people learn a language [other than their mother tongue, inside or outside of a classroom, and ‘Second Language Acquisition’ (SLA) as the study of this.

bibliotecas e a prática do trabalho rotineiro com uso desses mesmos *softwares*; quando se faz necessário o manuseio de instrumentos para divulgação de trabalhos científicos em muitas plataformas de difusão existentes no ambiente da “aldeia global”.

Sabe-se que as redes digitais que se encontram à nossa disposição se constituem em fontes de informação quase que infinitas, mas para que o pesquisador consiga acessar essa informação de forma completa e mais atualizada, muitas vezes é quase obrigatório que ele apresente bons conhecimentos em complexas tecnologias, o que também exige conhecimentos mínimos da língua inglesa.

Quando se trata do uso falado e escrito da língua inglesa no mundo digital, os números mudam significativamente, o que pode ser conferido no gráfico 2:

Gráfico 2 – Os 10 idiomas mais utilizados na Internet



Fonte: Site Internet World Stats (2017)¹³

O gráfico difere um pouco do primeiro pelo fato de quantificar as ocorrências não pelo número de falantes nas ruas ou pelos centros acadêmicos ao redor do mundo, mas sim pelo idioma no qual os resultados são apresentados à sociedade e à comunidade científica.

¹³ *Internet World Stats* é um site internacional do *Miniwatts Marketing Group* que desenvolve estatísticas de uso da Internet em termos de população usuária da rede, abrange usuários em mais de 233 países; tem sido fonte útil para as estatísticas do e-commerce, pesquisas de mercado internacional, principalmente na área de telecomunicações.

Nesse contexto, para que haja mais rendimento e melhor “performance” em sua rotina diária, os profissionais da informação devem acompanhar as mudanças no cenário tecnológico e desenvolver em si competências visando a escolher informações relevantes para sua atividade intelectual. Tanto no espaço físico de uma biblioteca quanto nas atividades desenvolvidas em rede, o conhecimento e interpretação de conteúdos em uma segunda língua se constitui em estratégia essencial de crescimento e de diferencial em seleções.

3.2 O inglês instrumental – breves considerações

O ensino de uma segunda língua, muitas vezes, requer adaptações tanto nos materiais quanto nas metodologias adotadas ao próprio ensino, principalmente quando se trata de idiomas com regras gramaticais totalmente diferentes por ocasião da origem, como é o caso da relação entre a língua portuguesa e a língua inglesa – que não tem origem latina.

Segundo informam os autores Hutchinson e Waters (1987), após a Segunda Guerra Mundial, ocorreram muitas iniciativas para adequar o ensino da língua inglesa a estrangeiros que ajudaram na reconstrução de cidades após o fim da guerra e, como haviam pessoas de muitas nacionalidades num mesmo campo de trabalho, se fez necessário ensinar o inglês para facilitar a comunicação no trabalho; uma História que se atrela também à disseminação da “cultura americana” pelo mundo, envolvendo o comércio e o cinema.

Esse idioma adaptado para o ensino de estrangeiros evoluiu e hoje é tratado como “inglês instrumental” ou *English for Specific Purpose* (ESP), que em tradução livre na língua inglesa quer dizer “inglês para fins específicos”. Ele deve ser considerado como uma “abordagem” e não como um “produto”, pois “[...] é uma abordagem para aprendizado de linguagem, o qual é fundamentado na necessidade do aprendente.” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 19, tradução nossa)¹⁴

Os referidos autores foram os primeiros a abordar o tema no clássico *English for Specific Purposes – a learning-centred approach*, de 1987, no qual informam que essa classificação para o ensino do idioma surgiu por três causas principais: as demandas de um mundo novo e desafiador; uma revolução na Linguística e, por último, o foco no aprendente (HUTCHINSON; WATERS, 1987).

Em escolas de idiomas, geralmente há outras subdivisões do ESP que variam de acordo com as profissões, com os cursos ou com a idade do público, como o Inglês para a Ciência e Tecnologia (EST), Inglês para fins acadêmicos (EAP), Inglês para as Ciências Sociais (ESS), entre outros.

¹⁴ [...] it is an approach to language learning, which is based on learner need.

Essa variação nas abordagens no ensino da língua inglesa também é contemplada nos estudos de Tosqui (2007) ao examinar o uso de um vocabulário básico para a área do Turismo, que é um dos setores que convive com uma grande demanda de aprendizado em outros idiomas pela convivência direta com um público de variadas partes do mundo.

Fundamentado em uma perspectiva pedagógica, é possível perceber que há muitas diferenças tanto nos conteúdos quanto nas maneiras de aplicar o ensino do ESP e, no caso do ensino da língua inglesa para a área do Turismo, Tosqui (2007, p. 27) inferiu que “[...] para elaborar um curso com um fim específico, o professor de língua estrangeira deve desenvolver estratégias e habilidades que também fazem parte de um curso de língua geral.” Ou seja, a didática muda conforme mudam os “usuários do curso” – no caso, os estudantes que formarão o público alvo do ensino.

Para que o ensino de outro idioma direcionado a um público específico apresente bons resultados, é necessário que ocorra antes um estudo que determine a finalidade do processo, os resultados que se deseja alcançar e o nível dos conhecimentos que os componentes da turma já trazem e que foram adquiridos pela convivência com um falante nativo ou mesmo por didáticas informais.

4 BIBLIOTECONOMIA: modo de saber e fazer

Desde os tempos antigos, o ser humano percebeu a necessidade de registrar as informações que produzia e essa percepção o fez criar diversas maneiras de gravar esses registros com uso de diferentes recursos e suportes, desde a utilização de argila, madeira, papiros, até se chegar ao descobrimento e utilização do papel e, conseqüentemente, do livro – uma “[...] tecnologia que por cinco mil anos foi o principal meio para o armazenamento e a transmissão de informação.” (LOGAN, 2012, p. 215)

Embora mudassem os suportes, havia também a constante necessidade de organizar os documentos produzidos e, ressalta-se que grande parte do árduo trabalho de realizar a organização e zelar pela preservação deles era feita em forma de “ritual” e ocorreu devido à atuação dos copistas – que foram os primeiros bibliotecários, como informa Martins (1996, p. 98) ao destacar que

[...] o livro é indústria eminentemente e exclusivamente monástica. Mais do que um simples trabalho de ordem material, a cópia de manuscritos assumia foros de exercício espiritual, capaz de aprimorar as virtudes e de realçar os merecimentos sobrenaturais dos monges [...]

Historicamente, a Biblioteconomia surgiu em meio a instituições religiosas, apresentava um viés de trabalho restrito e atuava principalmente nas atividades de preservação de documentos, conforme relata Siqueira (2010, p. 56) ao esclarecer que a

[...] igreja católica, por exemplo, detinha o conhecimento da época, guardando os materiais da antiguidade clássica fora do alcance do povo, em sua maioria analfabeto, e restringindo até para os monges, também muitas vezes analfabetos, à técnica da cópia de livros. Desse modo, tanto a produção bibliográfica como a ordenação, armazenamento e guarda de livros era feita pelos religiosos, que podem ser considerados os primeiros bibliotecários.

Com o passar do tempo, praticamente em períodos próximos aos das grandes navegações e da descoberta do “novo mundo”, ocorreu também um aumento na produção bibliográfica no mundo devido à uma revolução na confecção de materiais gráficos que é considerada como um marco e início da imprensa: o invento do alemão Johannes Gutenberg de Mainz, por volta do ano de 1440.

Agora, em função da tecnologia dos caracteres móveis desenvolvida por ele, um mesmo texto poderia ser multiplicado em centenas. E essa multiplicação que gerou acúmulo de produções literárias causou o surgimento de novas demandas: a inovação nas maneiras de realizar a organização, a recuperação e a preservação das coleções produzidas e, juntamente com esse trabalho, a delegação dessas atividades a um “novo perfil” de bibliotecário, um com novas técnicas e novos ambientes para trabalhar.

Muitos fatos, descobertas e personagens colaboraram para traçar o caminho da Biblioteconomia (ou *Library Science*) do ano de 1500 até os dias atuais, tanto em países do “Velho Mundo” quanto nas novas nações do “Novo Mundo” – incluindo o Brasil.

Entre muitos, alguns se destacam mais por terem fornecido contribuições práticas e muito importantes utilizadas até os dias de hoje pelas bibliotecas do mundo, nomes como Konrad Gessner (1516-1565), Francis Bacon (1561-1626), Gabriel Naudé (1600-1653), Jacques-Charles Brunet (1780-1867), Anthony Panizzi (1797-1879), Charles Ammi Cutter (1837-1903), Melvil Dewey (1851-1931) e Ranganathan (1892-1972).

O botânico e bibliófilo Konrad Gessner, ainda no século XVI, elaborou um catálogo, o *Bibliotheca Universalis*, o qual foi considerado uma grande contribuição à atividade de classificação, visto que a divisão foi registrada e levou em consideração os assuntos dos livros de sua biblioteca.

Francis Bacon modernizou ainda mais a atividade de classificação ao separar as ciências em três grupos: o primeiro abrangia poesia ou ciência da imaginação; o segundo, a história ou ciência da memória; o terceiro, a filosofia ou ciência da razão. Ressalta-se que esse “modelo” influenciou a classificação da *Library of Congress (LC)*.

Gabriel Naudé é outro nome considerado como um dos principais teóricos da Biblioteconomia. O pensamento dele estimulou a ideia de se olhar as bibliotecas como espaços públicos e universais. Ele lançou um novo sistema de classificação bem mais detalhado, formado por 12 classes: Teologia, Medicina, Bibliografia, Cronologia, Geografia, História, Arte Militar, Jurisprudência, Direito, Filosofia, Política e Literatura.

Em 1810, Jacques-Charles Brunet publicou uma “bibliografia internacional” de livros raros e para facilitar a consulta a ela, Brunet elaborou um sistema de divisão com 5 classes: Teologia, Jurisprudência, História, Filosofia e Literatura. Essa ideia foi muito imitada em toda a Europa.

Em 1839, na Inglaterra, o bibliotecário Anthony Panizzi e sua equipe elaboraram 91 regras de catalogação que foram chamadas de *Rules for the Compilation of the Catalog: Catalogue of Printed Books in British Museum*. Entre essas normas, há uma que foi bem aceita pelos bibliotecários ingleses e que se aplica até os dias de hoje, que é a valorização da folha de rosto como fonte das informações para catalogação.

Em 1876, Charles Ammi Cutter publicou a obra *Rules for a Printed Dictionary Catalog* e deixou sua marca na História da Biblioteconomia. A tabela de notação de autores elaborada por ele e que ficou conhecida como Tabela de Cutter é usada até hoje pelas bibliotecas ao redor do mundo (SANTOS; RODRIGUES, 2013, adaptado).

Inspirado nas classificações de Francis Bacon, o bibliotecário Melvil Dewey desenvolveu uma sistemática numérica de classificação de livros fundamentada em classes decimais de 000 a 999 que se chamou de Classificação Decimal de Dewey (CDD). O trabalho de Dewey iniciou uma verdadeira revolução na organização dos acervos das bibliotecas dos Estados Unidos e que depois se espalhou por outros países. Atualmente, ele é considerado um dos maiores estudiosos da Biblioteconomia moderna, pois, além de criar um sistema de classificação muito adotado, ele ajudou a criar uma instituição que até hoje é influente para a Biblioteconomia: a *American Library Association (ALA)*.

Considerado como o maior bibliotecário do século XX, o indiano Shiyali Ramamritam Ranganathan forneceu novos métodos de trabalho através de seu esquema de classificação facetada e foi mais além; deixou também subsídios científicos através da divulgação de sua concepção quanto ao ato de classificar, que era visto por ele não somente como “técnica” ou “sistemas de classificação”, mas se tratava de algo bem mais profundo – eram estruturas com embasamento teórico e com implicações filosóficas. Em sua clássica obra *The five Laws of Library Science* (As cinco leis da Biblioteconomia), de 1931, ele estabeleceu diretrizes que regem praticamente todo o fazer biblioteconômico até os dias de hoje, são elas: Os livros são para usar; Para cada leitor, seu livro; Cada livro para seu leitor; Poupe o tempo do leitor; Uma biblioteca é um organismo em crescimento. (RANGANATHAN, 1931, tradução nossa).¹⁵

No Brasil, a Biblioteconomia passou a existir como área do conhecimento, a partir do ano de 1911, quando Manuel Cícero Peregrino da Silva, na qualidade de diretor da Biblioteca Nacional (BN), conseguiu oficializar a criação do primeiro Curso de Biblioteconomia do Brasil. Esse curso começou a funcionar somente em 1915, na própria Biblioteca Nacional e continuou, durante anos, até chegar ao da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a atual UNIRIO.

Até o início da década de 1930, a área viveu sua fase humanista, calcada no modelo da *École de Chartre*, na França, e na qual os seus profissionais eram ilustres personalidades: escritores, historiadores, literatos, pessoas cultas em geral. A partir da década de 1930, graças aos esforços de Rubens Borba de Moraes, começou a progredir a passos mais largos, com a criação da primeira Escola de Biblioteconomia, que funcionou, inicialmente, junto ao Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo e depois na Escola de Sociologia e Política da mesma cidade. Essa Escola, dirigida por Rubens Borba de Moraes, tinha uma

¹⁵ Books are for use; Every reader his or her book. Every book its reader. Save the time of the reader. A library is a growing organism.

orientação estritamente americana, e abriu as portas para os alunos recém-saídos do Curso Secundário, o 2º grau de hoje. Para essa Escola, a fim de participar de um Curso de Atualização Profissional, Rubens Borba convidou bibliotecários de todo o país, os quais retornando aos seus Estados e foram reunindo esforços no sentido de criar novos Cursos e Escolas de Biblioteconomia, especialmente nas Universidades Federais.

Nessa perspectiva, surgiu, em 1942, a Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1945, foi criada a Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP); em 1947, surge a Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e, em 1950, surgiu o Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), pelo esforço de alguns bibliotecários do Paraná e a Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cuja fundadora foi Dona Etelvina Lima. Em 1965, já existiam no Brasil 14 Escolas e Cursos de Biblioteconomia. A profissão já tinha sido regulamentada em 1962, graças aos esforços de bibliotecárias, como Laura Garcia Moreno Russo, que, com persistência e coragem, vinham trabalhando em prol da regulamentação da profissão, há vários anos.

Na década de 1970, a Biblioteconomia tomou novo impulso com a criação de seis Cursos de Mestrado, o surgimento de revistas especializadas e a expansão de oportunidades de emprego, principalmente junto aos órgãos federais, bibliotecas especializadas e universitárias. Os Cursos de Doutorado começaram a surgir durante a década de 1980. Atualmente, a classe bibliotecária encontra-se já consolidada em âmbito nacional, em processo de reconhecimento cada vez maior pela sociedade e com os seus órgãos de classe: Conselhos e Associações. (CONSELHO, 2018, não paginado)

4.1 Mas afinal, o que é Biblioteconomia?

Quando se trata de discorrer sobre conceitos relacionados à Biblioteconomia, nota-se que são muitos os autores e teóricos que escreveram sobre o tema, desde os primeiros bibliotecários do país até cientistas de outras áreas.

O significado literal, no contexto etimológico da palavra, se faz pela união de três elementos gregos: *biblion* (livro); *n* (caixa); *nomos* (regra); aos quais se adicionou o sufixo – ia. Etimologicamente, portanto, “biblioteconomia é o conjunto de regras de acordo com as quais os livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios” (FONSECA, 2007, p. 1).

Para Tefko Saracevic, a área da Biblioteconomia apresenta cunho social e é entendida como uma das mais antigas disciplinas, que se dedica a estudar formas democráticas de acesso à informação e de como realizar a transmissão da mesma. O autor destaca que a Biblioteconomia

[...] tem uma longa e orgulhosa história, remontando a três mil anos, devotada à organização, à preservação e ao uso dos registros gráficos humanos. Essas atividades são realizadas pelas bibliotecas não apenas como uma organização particular ou um tipo de sistema de informação, mas principalmente, como uma instituição social, cultural e educacional indispensável, de valor comprovado muitas vezes ao longo da história humana e através das fronteiras das diferentes culturas, civilizações, nações ou épocas (SARACEVIC, 1996, p. 48-49).

Essa visão, focada no âmbito social, também é abordada por Butler (1933) em sua obra *An Introduction to Library Science* (que em tradução livre significa “Uma Introdução à Biblioteconomia”), na qual o autor contribui significativamente para as discussões trazidas por Ranganathan (1931) e apresenta, no primeiro capítulo de seu trabalho, algumas reflexões sobre a cientificidade da Biblioteconomia. Ele aborda a estreita ligação da área com a Ciência propriamente dita e, além disso, reforça o papel histórico e social da Biblioteconomia ao destacar que ela se preocupa em realizar “[...] a transmissão da experiência acumulada da sociedade aos seus membros individualmente através da instrumentalidade do livro.” (BUTLER, 1933, p. 29, tradução nossa)¹⁶

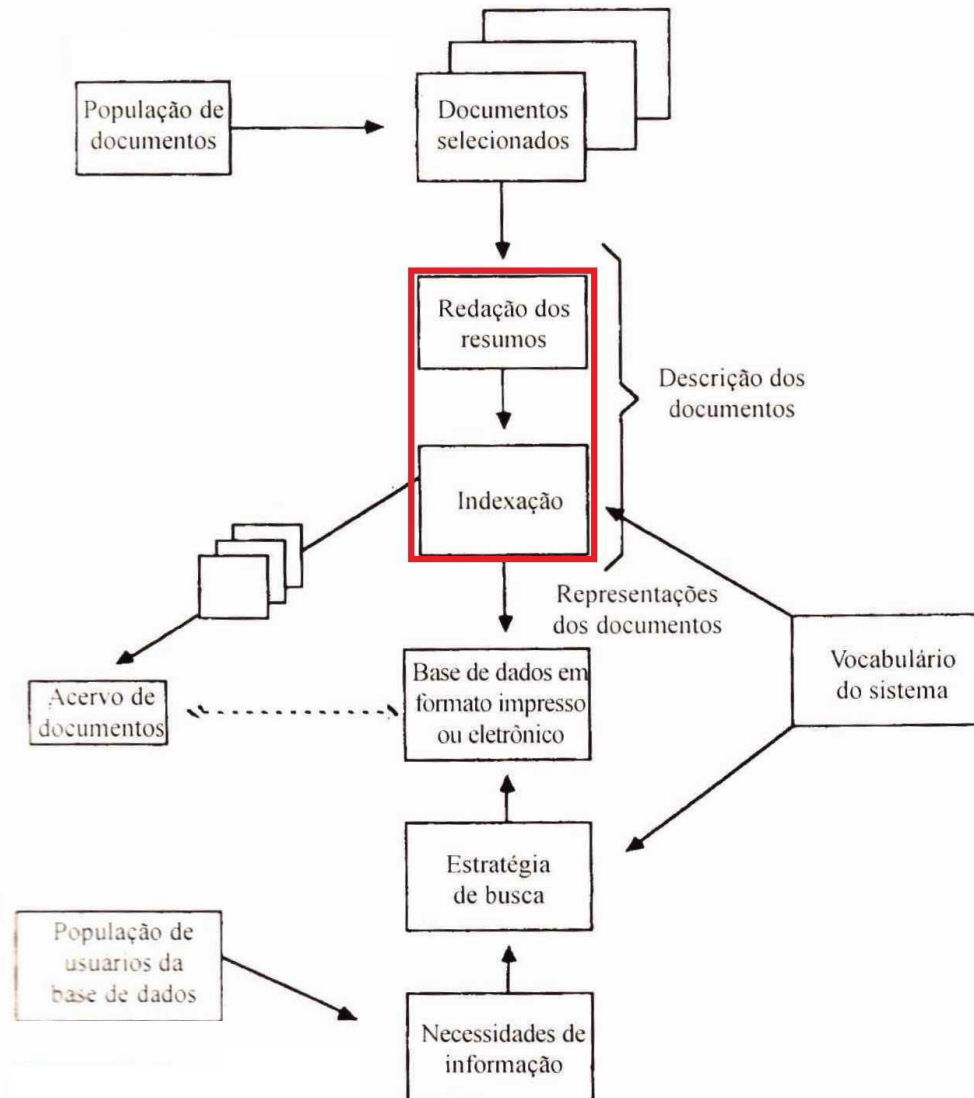
Trata-se de uma área que reflete sua interdisciplinaridade nas disciplinas da graduação e na construção histórica de seus currículos. Abrange conhecimentos técnicos, os quais se apresentam no uso de metodologias próprias na realização das atividades de organização do conhecimento registrado; conhecimentos humanistas, os quais se manifestam pela formação histórica da profissão; conhecimentos científicos, os quais se reafirmam pela participação direta na difusão de produções científicas; conhecimentos culturais, os quais são demonstrados pela ligação da biblioteca com a comunidade onde está instalada; conhecimentos tecnológicos, os quais são adquiridos para o desempenho de atividades que envolvam a transmissão de conhecimentos; e conhecimentos administrativos e gerenciais, pelo fato de bibliotecas se tornarem também instituições de estrutura organizacional diversificada e muitas vezes, complexa.

Enfatiza-se que o aspecto direcionado aos conhecimentos técnicos – com foco naqueles relacionados diretamente com a indexação de documentos em qualquer formato – também sugere que estudantes e profissionais da Biblioteconomia se utilizem dos conhecimentos em língua inglesa para realizar essa atividade de indexação desses documentos

¹⁶ [...] the transmission of the accumulated experience of society to its individual members through the instrumentality of the book.

em idiomas estrangeiros de forma mais precisa para não prejudicar o processo de resgate da informação demonstrado por Lancaster (2004, p. 2) na figura 2:

Figura 2 – A Indexação no sistema de recuperação da informação



Fonte: Lancaster (2004, adaptado)

Destaca-se que as competências, analisadas por Silveira (2017) e retratadas na figura 1, envolvem uma visão macro da atuação dos bibliotecários em seus postos de trabalho, desde a gestão do espaço e de pessoas até ao final do “percurso informacional” no setor de Referência. Entre estas, nota-se que as atividades ligadas ao exercício da competência linguística se manifestam de forma enfática nas atividades de indexação e elaboração de resumos, como demonstrado no fluxograma de Lancaster (2004). Na ocasião do processamento de documentos em língua inglesa, quando essas duas etapas não são realizadas de forma eficiente, há uma probabilidade muito grande de acarretarem distorções interpretativas graves no trabalho de indexação gerado pela limitação linguística.

4.2 Atuação do bibliotecário

Além de trabalhar com organização de documentos físicos e digitais, com planejamentos para o gerenciamento de pessoas e instituições, a função dos bibliotecários está em atender demandas informacionais dos usuários e também estudá-los, pois se trata de um público diverso e as “[...] necessidades variam de acordo com o domínio do saber, com o estado dos conhecimentos, com a natureza dos usuários e com seus objetivos.” (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 28).

Partindo-se dessa assertiva, infere-se que o bibliotecário é um profissional que, entre outras, detém habilidades para realizar funções, como o tratamento, a análise e a mediação da informação. Os reflexos desses serviços contribuem em maior ou menor grau até mesmo para o desenvolvimento da Ciência, tanto dentro da comunidade acadêmica, quanto no seio da comunidade em geral, o que revela claramente o papel social desse profissional.

É importante que se atente para as vantagens linguísticas oferecidas no sentido de melhorar o trabalho de recuperação da informação através da eficaz representação, já que ela é o “[...] conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um documento.” (MELO; BRÄSCHER, 2011, p. 14).

Assim como ocorre nos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), um dos objetivos do trabalho dos bibliotecários é a padronização terminológica, realizada sobretudo pelo controle de sinonímias e ambiguidades, para que haja uma comunicação bem-sucedida envolvendo uma recepção sem ruídos e uma boa interpretação das mensagens.

É bom destacar que as formas variantes de palavras, dependendo de região ou camada social segundo investigações de Bourne, afetam consideravelmente os resultados das buscas (MELO; BRÄSCHER, 2011, p. 46). Então, entende-se que um dos princípios da comunicação eficaz é o emprego de um código comum entre o emissor e o destinatário.

Sabe-se que qualquer estudo ou trabalho a ser aplicado diretamente com públicos heterogêneos exige do pesquisador uma análise do contexto macro na sua interface social, cultural e econômica. Assim, torna-se importante ressaltar que

[...] a flexibilidade da linguagem geral, em algumas situações, pode levar a distorções de compreensão entre interlocutores oriundos de comunidades diferentes, ou mesmo entre interlocutores de uma mesma comunidade. Isto por que, embora os significados disponíveis na linguagem geral sejam socialmente construídos, eles sofrem mudanças em decorrência da própria dinamicidade da sociedade (GALVÃO 2004 apud MELO; BRÄSCHER, 2011, p. 53).

Nesse universo multicultural, os serviços de informação manifestam sua real necessidade de existência e de utilidade para a sociedade em geral quando ocorre a

valorização do usuário, assim como acontece a valorização do cliente no contexto das disputas entre empresas. Uma das maneiras de se praticar esse comportamento em bibliotecas acontece quando há o aumento da atenção dos funcionários dessas unidades aos clientes em dificuldade e quando há o estudo dos clientes para conhecer bem de perto suas necessidades informacionais.

Diante desse fato, o bibliotecário se torna uma peça fundamental no trabalho de disseminação da informação, devido seu conhecimento especializado nessa área e sua percepção de como realizar esse trabalho.

Sabe-se que a “administração” de pessoas tornou-se objeto de estudo para as organizações, considerando o contato humano e a fluência comunicacional como fundamental ao desenvolvimento organizacional. E, assim como qualquer outra organização, as bibliotecas também refletem essa mudança, até mesmo porque a atuação dos profissionais da informação é considerada como uma prestação de serviços que depende de interação. Partindo desse princípio, elas devem se preocupar com a qualidade do “capital intelectual” para obterem mais valorização de seus produtos/serviços finais.

O assunto abordado mostra a possibilidade de examinar a adequação das teorias da Linguística como requisito para o aumento da qualidade na área dos serviços de informação. De forma similar ao que acontece em algumas empresas, há uma adequação de vários itens como vestuário, comportamento e até o vocabulário das pessoas que trabalham nessas empresas, de acordo com a realidade de cada local – o contexto social e cultural. Esses princípios da qualidade também podem ser colocados em prática nas bibliotecas.

Essa abordagem de busca por qualidade em serviços de informação é revisitada na obra *Qualidade em serviços de informação*, de Waldomiro Vergueiro (2002), na qual o autor cita grandes mestres do tema na área da Administração, como o Dr. Edwards Deming, o qual enumerou alguns obstáculos que as empresas enfrentam para conseguir a qualidade no oferecimento de seus produtos e serviços – desde o planejamento até chegar ao atendimento do consumidor final.

Quanto ao controle de processos e produtos na área dos serviços de informação, as metodologias de controle de processos é relativamente antiga e a primeira obra que tratava do assunto foi de Dougherty Heinritz em 1966 (VERGUEIRO, 2002). Buscar a qualidade de um serviço não é como buscar a qualidade de um produto: serviços não são materializados e não podem ser trocados se vierem com defeito, contudo, deve-se questionar: quanto está custando, para as organizações, a falta de qualidade em seus serviços?

A compreensão da “leitura de mundo”, que todos nós construímos e carregamos conosco, é modificada constantemente em todas as interações que realizamos com o mundo, e é através da releitura dessas interações que encontramos sentido nos acontecimentos e na linguagem oral ou escrita – os textos em seus vários suportes. Entende-se, então, que o conhecimento gerado pela facilidade e agilidade na leitura de textos e na leitura de mundo pode permitir a criação, o desenvolvimento, a promoção e a distribuição de melhores produtos e serviços de informação.

Nesse contexto, é recomendável que se exercite, nas bibliotecas, a compreensão de regionalismos por parte dos bibliotecários, além da prática das normas cultas da língua e do uso de habilidades linguísticas em outros idiomas na ocasião dos atendimentos, para que a comunicação no ambiente de trabalho flua melhor, objetivando a otimização na circulação dos documentos do acervo. Inclui vários métodos para capacitar seus funcionários; entretanto, somente o domínio da língua portuguesa e uso de descritores bem elaborados e representativos dos textos dos documentos do acervo não são mais suficientes na realidade vivida hoje.

Enfatiza-se que, por se tratar de algo não tão perceptível, a qualidade vocabular depende, também, do ponto de vista subjetivo e da expectativa do cliente/usuário. Entre outras atividades, o trabalho do bibliotecário consiste em criar representações condensadas dos textos que sejam ao mesmo tempo carregadas de sentido, como informa Moura (2004, p. 165)

[...] o profissional busca, no desempenho de suas atividades, conhecer de forma mais específica os conceitos e as interfaces que os descritores representam para as distintas áreas de conhecimento. Devido a esse fato, a representação de um dado item informacional realizada pelo bibliotecário ganha significação e a mediação passa a ter mais chance de efetivação.

Para o trabalho de interpretação do conteúdo de um documento, é imprescindível o bom domínio do código, tanto da língua natural quanto da linguagem documentária (MELO; BRÄSCHER, 2011, p. 34). Outro fator importante para determinar uma boa interpretação pelo profissional é que deve haver uma soma de “[...] conhecimento que o falante possui da língua e os conhecimentos que ele tem da realidade extralinguística, do ‘mundo real’ [...]” (MARQUES, 1990 *apud* MELO; BRÄSCHER, 2011, p. 61).

5 PERCURSO METODOLÓGICO

O alvo dessa pesquisa não manifesta a pretensão de desconstruir as “competências técnicas” adquiridas pelo bibliotecário; e nem de apontar somente a língua inglesa como “o melhor idioma” a ser estudado, adquirido e praticado; mas surge da necessidade de refletir se esse profissional tem a compreensão da importância de saber ler e interpretar fielmente documentos em sua própria língua e também em outros idiomas – com foco na língua inglesa, para que se concretize no bibliotecário uma constante atualização de conteúdo, crescimento e desenvolvimento na vida acadêmica e, conseqüentemente, na rotina profissional, bem como na participação ativa na continuidade do mover da roda da Ciência.

Sabendo-se que pesquisas científicas podem ser divididas em grandes grupos e classificadas de acordo com sua natureza, método de investigação, abordagem do problema, abordagem dos objetivos, abordagem dos procedimentos de coleta e análise de dados, o estudo ora apresentado se caracteriza como investigação de cunho exploratório e interdisciplinar, com abordagem qualitativa e quantitativa, visto que a busca de respostas para algumas inquietações implicaram na aplicação de questionários.

Através da revisão de literatura, da pesquisa documental e da pesquisa de campo, demonstra-se a explanação sobre os temas *Competências e Habilidades*, *Competência linguística*, *Inteligência linguística*, *Cognição*, *Ensino de uma Segunda Língua* e *Interpretação da Informação*, com enfoque nas literaturas de vários teóricos e no fazer do bibliotecário, na qualidade de cientista, gestor, intérprete e mediador do conhecimento.

Por fins didáticos, enfatiza-se que o termo “interpretação” adotado ao longo do conteúdo diz respeito tanto à interpretação em língua vernácula quanto à interpretação (tradução e versão) em língua inglesa.

Muitas citações de literaturas voltadas para os temas estudados são traduções retiradas de textos publicados também em língua inglesa (em alguns casos, fontes primárias com os textos originais), com o intuito de evitar complicações ao redigir palavras com grafias diferentes devido à reforma ortográfica da Língua Portuguesa ocorrida no ano de 2009.

Quanto ao desenvolvimento textual, ressalta-se que as atividades foram realizadas em várias etapas, seguindo métodos em pesquisa social estudados no bojo de disciplinas do curso de Biblioteconomia da UFMA, as quais abordam preceitos sobre escrita científica, interpretação de textos acadêmicos, descrição, interpretação e tabulação de dados. E, quanto à ordem de execução, o estudo seguiu uma programação sistemática.

Inicialmente, realizou-se um mapeamento de produções científicas relevantes até

então publicadas em várias disciplinas da Biblioteconomia e em literaturas existentes – tanto em língua portuguesa quanto em língua inglesa – no campo da Linguística, da Administração e da Psicologia para se conseguir um número considerável e atualizado de informações, as quais se encontram disponibilizadas em diversos tipos de documentos e em variados suportes “[...] com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura resposta [...]” (LEITE, 2008, p. 48).

Após a escolha dos textos para compor a fundamentação teórica, procedeu-se à leitura dos mesmos; elaboração de resumos descritivos e fichamentos de estudo, envolvendo assuntos relacionados com os temas da pesquisa. A técnica do fichamento, análise e interpretação forneceu subsídios para a formulação de novos textos.

Foram consultados documentos de cunho pedagógico como fichamentos, *slides*, artigos e relatórios produzidos em disciplinas específicas do curso de Biblioteconomia, como Análise Temática da Informação, Representação Descritiva I e II; Linguagem Documentária I, II e III; e também materiais utilizados pelos estudantes em disciplinas de cunho linguístico como Leitura e Formação de Leitores, Fundamentos de Linguística, Inglês I e Inglês II, visando ao melhor esclarecimento dos assuntos. Logo após, se fez na Biblioteca Central da UFMA a busca de títulos (livros, periódicos, artigos científicos, teses e dissertações) que abordam os temas pertinentes.

Assim, para fins de comparação, realizou-se o confronto teórico entre diferentes autores para fundamentar as discussões do processo investigativo, visando a teorizar que o fazer do bibliotecário deve se pautar também na soma dos conhecimentos técnicos de sua profissão com os códigos linguísticos praticados na comunidade que o cerca.

Utilizando-se de pesquisa em materiais bibliográficos e no meio virtual, o estudo procurou demonstrar a importância da aplicação dos conhecimentos linguísticos básicos na otimização do trabalho desenvolvido no espaço da biblioteca; ou seja, a compreensão de que o correto manuseio da linguagem é requisito para a melhoria da transmissão de informações contidas nos documentos que são ofertados aos frequentadores do referido espaço, no qual os temas “competência” e “interpretação” foram considerados como norteadores.

O passo seguinte se fixou na elaboração de métodos para a pesquisa documental – aquela realizada através de documentos dispersos, que não receberam “tratamento científico” e podem ser considerados como “fontes primárias”, como por exemplo, atas de reunião, documentos administrativos, manuais, relatórios, cartas, gravações, fotografias etc.

Infere-se que, mesmo com o suporte teórico disponibilizado pela pesquisa bibliográfica, às vezes, é necessária a consulta a fontes documentais para encontrar respostas

de muitos questionamentos. Muitas vezes, o uso desse tipo de metodologia pode ser o mais propício em trabalhos nas Ciências Humanas e Sociais, visto que grande parte das fontes – e também dos instrumentos de coleta elaborados pelos autores – são quase sempre escritas.

Sabe-se que, além das fontes consideradas como bibliográficas, as quais sustentam as ideias e pesquisas de um trabalho científico, há outros tipos de documentos auxiliares usados como fontes de informação e que não se encontram disponibilizados em livros, bibliotecas físicas e digitais ou publicações seriadas como artigos de eventos e revistas científicas. Fez-se necessário consultá-los visto que há neles uma infinidade de informações e “[...] são importantes não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão desse problema ou, então, hipóteses que conduzem à sua verificação por outros meios” (GIL, 2002, p. 47).

O trabalho utilizou documentos de autoria própria, legislação e documentos institucionais que apresentam ao pesquisador a vantagem de permitir ao estudo a apropriação de textos regionalizados, como é o caso do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de Biblioteconomia local e também de registros históricos, os quais não estão oficialmente registrados em livros. Entre as fontes primárias escolhidas para enfatizar a necessidade de realização da pesquisa, destacam-se os documentos oficiais de órgãos e entidades governamentais e também o uso de teses, dissertações e artigos científicos.

Nesta perspectiva, enfatiza-se que não foi somente o processo de escolha desse ou daquele documento que auxiliou na resposta às questões dessa investigação; mas sim a combinação da análise e interpretação deste somada ao exercício da capacidade reflexiva, ao entrelaçamento do conteúdo do documento com o tema investigado, refletido na proximidade de relações entre o conteúdo documental, o contexto dos pesquisados e o conhecimento prévio daqueles para os quais o trabalho se destina.

O conteúdo teórico sugeriu o procedimento de coleta de dados em campo e pesquisa aplicada junto aos sujeitos motivadores da análise desse trabalho – os estudantes do curso de Biblioteconomia da UFMA e bibliotecários ligados a instituições de ensino, pois, como enfatizam Prodanov e Freitas (2013, p. 59), a pesquisa de campo colabora para a “[...] observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los.”

Com o intuito de concretizar as estatísticas, quadros, tabelas e resultados, a pesquisa exploratória desenvolvida neste trabalho iniciou pela escolha dos participantes a serem interrogados com uso de instrumento sob a forma de questionário, composto de perguntas abertas e fechadas, sendo essas últimas com possibilidades de respostas do tipo

binárias, múltipla escolha e escalonadas – inspiradas nos itens de Likert – para aumentar a flexibilidade do questionário e tornar a tarefa do participante mais agradável (VIEIRA, 2009).

A amostra envolveu o quantitativo de 87 sujeitos, incluindo estudantes e bibliotecários que se disponibilizaram a responder os questionários tanto no formato impresso quanto no formato eletrônico, conforme ilustrado no quadro 2:

Quadro 2 – Síntese do universo da pesquisa de campo

| SUJEITOS | QUANTITATIVO | |
|--------------------|---------------------------|------------|
| | Período | Quantidade |
| Estudantes | 5° | 3 |
| | 6° | 14 |
| | 7° | 10 |
| | 8° | 12 |
| | Aproveitamento de estudos | 11 |
| Bibliotecários(as) | Instituição | Quantidade |
| | UFMA | 20 |
| | UEMA | 9 |
| | IFMA | 8 |
| | Total | 87 |

Fonte: Elaborado pelo autor

Os questionários foram confeccionados em dois tipos, um para verificar as concepções dos estudantes (Apêndice A) e outro para verificar as concepções e dificuldades encontradas pelos profissionais (Apêndice B). Tratando-se da amostra e do método de distribuição, os instrumentos foram destinados, inicialmente, ao universo de 50 estudantes e 50 profissionais; elaborados nos formatos impresso e eletrônico, sendo este último através do recurso *Google Forms*, disponibilizado de maneira *online*. Ressalta-se que nem todos os 50 profissionais consultados retornaram os questionários preenchidos dentro do prazo estipulado, totalizando 37 repostas válidas.

A aplicação de questionários foi destinada aos estudantes dos períodos finais (do 5° ao 8°, englobando um significativo número de acadêmicos na fase de aproveitamento de estudos) do Curso de Biblioteconomia da UFMA e a uma amostra de profissionais que já atuam na área e exercem suas atividades em instituições públicas de caráter educacional, a saber: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Antes da realização da pesquisa de campo nesses espaços, ressalta-se que se fez necessária a realização do pedido de autorização para as representantes das redes de bibliotecas com caráter administrativo centralizado, ou seja, nas instituições UFMA (Apêndice C) e UEMA (Apêndice D). Conforme informações verbais da reitoria da instituição IFMA e de bibliotecárias da mesma, ainda não há, no Instituto, uma rede ou sistema formal, com

representante legal que responda, ao mesmo tempo, por todas as bibliotecas de todos os *campi* no Estado, há somente uma comissão formada por alguns bibliotecários do Instituto com o intuito de discutir temáticas relacionadas às bibliotecas.

Para a primeira parte do universo, as informações foram obtidas através de consulta das opiniões dos(as) estudantes dos últimos períodos do curso de Biblioteconomia da UFMA no período de coleta que se estendeu de 25 de Abril de 2018 a 4 de Maio de 2018, sendo que todos se enquadraram no requisito de terem estudado pelo menos uma das disciplinas de Língua Inglesa do Curso.

Por questões metodológicas e para melhor compreender o comportamento dos estudantes mediante o ensino da disciplina, utilizou-se também perguntas abertas no conteúdo do questionário, envolvendo questões ligadas ao ensino da Língua Inglesa nos primeiros períodos do curso e, na última parte do instrumento, foram elencadas cinco perguntas de cunho pessoal, cujas respostas variaram de acordo com a experiência de cada um.

No âmbito profissional que se estabelece dentro do espaço da biblioteca, o trabalho intencionou a averiguação de caráter quantitativo e qualitativo sobre o uso da língua inglesa no cotidiano e as influências desses usos com aspectos relacionados ao andamento das atividades, incluindo o uso e repasse da informação.

Assim, a segunda parte do universo pesquisado abrangeu uma amostra de profissionais da Biblioteconomia, através de consulta das opiniões do universo de 37 respondentes, das instituições de ensino UFMA, UEMA e IFMA – bibliotecários(as) que esporadicamente podem se deparar com documentos em língua inglesa, seja para processamento, para desempenho do trabalho ou para a realização de pesquisas de sua respectiva formação continuada. O período de coleta se estendeu de 26 de Abril de 2018 a 17 de Maio de 2018, sendo que todos se enquadraram no requisito de apresentar a formação na área solicitada, isto é, o bacharelado em Biblioteconomia. Após a coleta das respostas retiradas do quantitativo de 87 instrumentos, incluindo os impressos e os eletrônicos, tabulação e comparação de respostas, foram obtidos os dados para acrescentar mais informações às discussões da pesquisa, seguindo a sequência linear das perguntas elencadas nos mesmos.

6 A LÍNGUA INGLESA NA BIBLIOTECONOMIA: ensino e uso

A Carta Magna brasileira, que se estabelece como documento gerador de muitas outras leis, apresenta em seu teor muitos artigos e diretrizes relacionadas à dimensão educacional dos cidadãos. Entre essas leis, está a lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira (LDB), que enumera em seu artigo 43 alguns princípios a serem seguidos pela educação formal nos cursos de ensino superior presentes no país. Entre eles, o conteúdo enfatiza que esse nível de educação tem por finalidade

[...] III - **incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia** e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; IV - **promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos** que constituem patrimônio da humanidade e **comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação**; [...] (BRASIL, 2017, p. 18, grifo nosso)

É recomendável informar aqui que, para que haja a concretização de muitas das atividades grifadas no texto do artigo elencado, é necessário que se faça presente também um conjunto de competências por parte do estudante para que os trabalhos de investigação científica e o objetivo de colaborar com o desenvolvimento da ciência e, principalmente da tecnologia sejam alcançados, e entre estas, pode-se citar a Competência Linguística em um segundo idioma, um que não seja sua língua materna para que realmente haja a divulgação do conhecimento obtido, visto que é importante que os resultados das pesquisas elaboradas nas Instituições de Ensino Superior do país sejam comunicados.

Tratando-se do ensino da língua inglesa em estabelecimentos dentro do território nacional, a LDB informa em vários trechos de seu teor as seguintes assertivas

[...] IV – poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras [...] § 5º No currículo do **ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa** [...] § 4º Os currículos do ensino médio incluirão, **obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo**, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino (BRASIL, 2017, p. 12-15, grifo nosso).¹⁷

Dependendo do empenho das autoridades educacionais, em algumas escolas, a diretoria se encarrega de realizar essas pesquisas junto ao alunado para saber se há a possibilidade de abrir turmas para ensino de línguas estrangeiras, como ocorre em centros com alunos com altas habilidades, por exemplo. Porém, sabe-se que esse procedimento não é uma regra e depende de investimentos. Nessa perspectiva, é importante informar que uma mudança recente na LDB está destacada no conteúdo citado e focaliza a língua inglesa como

¹⁷ O Art. 35-A faz parte de um texto novo e foi acrescentado pela Lei nº 13.415, de 16-2-2017.

obrigatória e outros idiomas como opcionais. Ainda sobre a educação aprendida na escola, o chamado aprendizado formal, Figueiredo e Bizarro (2000, p. 470), informam que os estabelecimentos de ensino devem “[...] participar nestes saberes e saberes-fazer sem, contudo, esquecer que o trabalho cognitivo do sujeito leitor se exerce num universo humano, social e cultural que o determina fortemente.”

Esse comportamento se aplica também ao ensino na educação superior – a qual deve estudar o “meio” onde o aluno vive e, se for necessário recorrer ao estudo de outras realidades para entender aquela que está mais próxima, deve-se realizar a demonstração da necessidade das mesmas para a formação do estudante.

6.1 Estudos da relação Linguística - Biblioteconomia

Como procedimento inicial, foram realizados mapeamentos de produções que apresentam maior rigor científico (dissertações e teses) e que tratam dos assuntos de interesse do TCC para constatar de forma quantitativa a escassez de trabalhos existentes sobre a temática ora trabalhada, tanto em produções científicas nacionais quanto internacionais.

Os mapeamentos foram realizados com uso de recursos digitais através de pesquisas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), no âmbito do programa da Biblioteca Digital Brasileira (BDB) – que intenciona

[...] dar acesso aos textos completos das teses e dissertações defendidas em todo o país sem quaisquer custos [...] o aumento de conteúdos de teses e dissertações brasileiras na internet, o que significa a maior visibilidade da produção científica nacional e a difusão de informações de interesse científico e tecnológico para a sociedade em geral (INSTITUTO, 2017, não paginado).

E também na *Networked Digital Library of Theses and Dissertations* (NDLTD), um banco de dados abrangente e atualizado, que abarca desde o ano de 1996 produções científicas de todas as áreas do conhecimento, publicadas em vários países dos cinco continentes. Entre as instituições parceiras, destacam-se siglas bem conhecidas como o IBICT, a ALA, e *Online Computer Library Center* (OCLC). A NDLTD se constitui em

[...] uma organização internacional dedicada na promoção da adoção, criação, uso, disseminação, e preservação de teses e dissertações eletrônicas (ETDs) [...] *website* da biblioteca inclui fontes de pesquisa para administradores universitários, **bibliotecários**, faculdades, estudantes e o público em geral. (NETWORKED, 2017, não paginado, tradução nossa, grifo nosso)¹⁸

¹⁸ [...] an international organization dedicated to promoting the adoption, creation, use, dissemination, and preservation of electronic theses and dissertations (ETDs) [...] *website* includes resources for university administrators, librarians, faculty, students, and the general public.

Antes de delimitar a problemática a ser abordada na pesquisa, foi realizado um mapeamento nos portais das duas bibliotecas digitais já citadas, utilizando-se de termos compostos isolados e depois termos compostos combinados, tanto em língua portuguesa quanto em língua inglesa, como por exemplo: *Barreira Linguística*; *Competência linguística*; *Linguística + Ciência da Informação*; *Linguística + Biblioteconomia*.

E, para acompanhar via *e-mail* as produções sobre o tema lançadas na Internet ao redor do mundo, foi utilizado o serviço do *Google Alerts*, no qual utilizam-se os operadores booleanos e os termos “*Linguistics and Library Science*” e “*Linguistics and Information Science*”, conforme figura 3.

Figura 3 – Monitoramento da produção internacional no tema

library science AND Linguistics: novos resultados Inbox x

Alertas do Google Acadêmico <scholaralerts-noreply@google.com> [Unsubscribe](#) to me

“Natural allies” Librarians, archivists, and big data in international digital humanities project work
 AH Poole, DA Garwood - *Journal of Documentation*, 2018
 ... Information and **library science** (ILS) expertise helped DID3 researchers with issues such as visualization, rights management, and user testing ... (2015), and White and Gilbert (2016) suggest, DH and information and **library science** (ILS) complement each other ...

Exploring a New Learning Environment Through Massive Open Online Course An Overview
 S Pandey, SP Tripathi - *Library and Information Science in the Age of MOOCs*, 2018
 ... and presenting a deeper impact in different disciplines including the **library** and information **science** area, **library** and information **science** professionals are ... such as certification), many platforms are not fully accessible to all learners due to **linguistic**, technological and ...

Integrating Mentees in Mentoring Activities
 EHAY Aly - *Mentorship Strategies in Teacher Education*, 2018
 ... Lessons; Teaching Cases. Special Offers: Create a Free IGI Global **Library** Account to ... and third editions with the purchase of the Encyclopedia of Information **Science** and Technology ... General competence includes **linguistic** ...

Examining the usage, citation, and diffusion patterns of bibliometric mapping software: A comparative study of three tools
 X Pan, E Yan, M Cui, W Hua - *Journal of Informetrics*, 2018
 ... The three tools are adopted fastest and most frequently in **library** and information **science** research, and they are then gradually adopted in other areas of study, initially at a lower diffusion speed but afterward at a rapidly growing rate. Abstract ...

[PDF] International good practice in information literacy education
 D Bawden, L Robinson - *Knjižnica: Revija za Področje Bibliotekarstva in ...*, 2018
 ... There are also indications, from a study of Wikipedia variants in different languages, that there are distinct differences between different **linguistic** groups as to what is thought optimal in the number of words ... Canadian journal ...

Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto ao número de produções relativas ao tema, como recurso didático que demonstra a remota quantidade de produções localizadas através dos mapeamentos, ao longo da escrita foram elaborados os quadros 3 e 4, nos quais é possível visualizar metadados dessas produções, como: os títulos; autores; tipos de documento; data de publicação etc.

Quadro 3 – Mapeamento da produção no tema (âmbito nacional)

| AUTOR | TEMA / TÍTULO (BIBLIOTECONOMIA E CI) | INSTITUIÇÃO | TIPO DE DOCUMENTO* | DATA DE PUBLICAÇÃO |
|--|--|-----------------------|--------------------|--------------------|
| Mariângela Spotti Lopes Fujita | A LEITURA DOCUMENTÁRIA DO INDEXADOR: aspectos cognitivos e lingüísticos influentes na formação do leitor profissional | UNESP | T | 2003 |
| Claudio Marcondes de Castro Filho | BIBLIOTECA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA | USP | D | 2003 |
| Lívia de Lima Reis | DOS MODELOS CLASSIFICATÓRIOS TRADICIONAIS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO À FOLKSONOMIA: um enfoque discursivo. | UFSCAR | D | 2012 |
| Vera Maria Araujo Pigozzi de Araujo | SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO E LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS: contribuições dos estudos da linguagem. | UFRGS | T | 2013 |
| Raquel Santos Costa | A LEITURA NO CAMPO INFORMACIONAL BRASILEIRO: a temática leitura nos trabalhos dos ENANCIB - 1994 a 2013 | UFF | D | 2015 |
| Milena de Macedo Barbosa Nascimento | PRÁTICAS DE LETRAMENTO INFORMACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS EM FORMAÇÃO | UFRN | D | 2016 |
| | Tema / título (Outras áreas) | | | |
| Livia Maria Ortega | O MOODLE COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA | UNESP | D | 2012 |
| Elen Dias | FALAR OU NÃO FALAR?: eis a questão! | UNESP | D | 2003 |
| Sandra Mari Kaneko Marques | DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA POR MEIO DE DIÁRIOS DIALOGADOS DE APRENDIZAGEM | UFSCAR | D | 2007 |
| Alberto José Ferreira de Lima | LETRAMENTO DIGITAL E LETRAMENTO INFORMACIONAL NA LITERATURA NACIONAL E INTERNACIONAL EM LÍNGUA INGLESA | UFPB | D | 2012 |
| Daniel Ribeiro Merigoux | DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, A BARREIRA DA LINGUAGEM: univocidade e acumulação de conhecimento, reprodução e desigualdade simbólicas | UFRJ / ECO - IBICT | T | 2014 |
| Juliane Adne Mesa Corradi | AMBIENTES INFORMACIONAIS DIGITAIS E USUÁRIOS SURDOS: questões de acessibilidade | UNESP | D | 2007 |

*T = Tese ou D = Dissertação.

Fonte: o autor

Quadro 4 – Mapeamento da produção no tema (âmbito internacional)

| <i>AUTHOR</i> | <i>THEME (LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE – LIS)</i> | <i>INSTITUTION</i> | <i>KIND OF THE DOCUMENT*</i> | <i>DATE OF PUBLICATION</i> |
|----------------------------|--|---|------------------------------|----------------------------|
| Chukwuemeka Dean Nwakanma | <i>Alignment of competencies as identified by library and information science educators and practitioners: a case study of database management</i> | <i>McGill University (Canadá)</i> | <i>T</i> | 2008 |
| Helena Zobec | <i>An investigation of library literacy levels of flexible learners at the Canberra Institute of Technology: a pilot study</i> | <i>University of Canberra (Austrália)</i> | <i>T</i> | 1998 |
| Renee Anne Reagon | <i>Competencies required by South African, entry-level, library and information science graduates</i> | <i>University of the Western Cape (África do Sul)</i> | <i>T</i> | 2005 |
| Antonio Da Silva Rodrigues | <i>Multiculturalism in South African public libraries</i> | <i>University of South Africa (UNISA).</i> | <i>D</i> | 2005 |
| Christopher Soo-Guan Khoo | <i>Automatic identification of causal relations in text and their use for improving precision in information retrieval</i> | <i>University of Arizona (Estados Unidos)</i> | <i>T</i> | 1995 |

**T = Thesis or D = Dissertation.*

Fonte: o autor

Ao visualizar os dados do quadro 3, é possível constatar que, apesar da aproximação da área da CI com a área Linguística no que tange ao uso dos mesmos códigos (palavras ou informação registrada) na realização das atividades, ainda não há, em âmbito nacional, uma quantidade significativa de trabalhos realizados por estudantes diretamente ligados à Biblioteconomia ou por profissionais da Biblioteconomia que elaboram teses e dissertações em suas especializações.

Percebe-se, também, pelos dados do quadro 4, que o número de produções aumenta significativamente conforme aumenta, também, o alcance da pesquisa que buscou documentos produzidos em escala mundial no catálogo *online* da NDLTD. A busca com os termos compostos isolados e termos compostos combinados, digitados em língua inglesa, apresentou maiores quantidades devido ao grande número de publicações realizadas pelas especializações em CI de várias partes do mundo. Os termos utilizados (*searched themes*) foram: *Linguistic Competence + Library Science*, com o retorno de 803 documentos em língua inglesa, sendo que 55 em *Library and Information Science (LIS)*.

Ressalta-se que foram encontrados, no portal da BDTD do IBICT, quantitativos bem diferentes ao usar termos compostos isolados e depois termos compostos combinados, a saber: “Barreira Linguística” (57); “Competência linguística” (42); Linguística + Ciência da Informação (13); Linguística + Biblioteconomia (somente 3). Esse quantitativo expressa que ainda há poucos documentos publicados na BDTD sobre a relação Biblioteconomia - Linguística, embora existam outros documentos já publicados e disponibilizados nas bibliotecas digitais e repositórios de muitas Universidades do país.

6.2 Competência linguística em língua inglesa – concepção dos estudantes de Biblioteconomia da UFMA

A essência dessa produção se fundamentou no estudo interacionista junto aos estudantes do Curso de Biblioteconomia da UFMA sobre o ensino da língua inglesa e das influências desses conteúdos em outros aspectos relacionados ao estudo, ao uso e ao repasse da informação, incluindo principalmente os discentes dos períodos finais do referido curso por questões metodológicas.

No contexto da temática abordada, o conteúdo da seção visa a apresentar o perfil e percepção dos estudantes sobre o ensino desse idioma na graduação. Pesquisou-se sobre a importância de se conhecer a realidade em que cada discente está inserido; em segundo lugar, pesquisou-se sobre o comportamento informacional dos mesmos no que diz respeito ao estudo de outro idioma dentro da sua área de formação, sobre o que esses mesmos estudantes pensam

a respeito dos conteúdos e das didáticas aplicadas no tratamento do idioma e a importância do uso deste nas atividades como mediador de informação.

Sabe-se que informação é, em todos os lugares, de fundamental importância para qualquer pessoa, principalmente na condição de estudante e de pesquisador. É um bem comum inerente ao processo de construção da realidade e na realização das necessidades básicas dos indivíduos. Assim sendo, o acesso a ela é essencial para que haja o exercício de qualquer atividade profissional.

Mas, surge aqui a inquietação através da qual se construiu esse trabalho: como é possível acessar e repassar informação de forma plena no espaço acadêmico e no profissional quando essa mesma informação está em um idioma que não é o nativo do bibliotecário?

Atualmente, o ensino da língua inglesa está presente no currículo do curso de Biblioteconomia com o objetivo de adicionar conhecimentos preparatórios aos estudantes do bacharelado. Assim, o estudante deve ser motivado a perceber que o aprendizado de outro idioma só trará mais benefícios e mais qualidade, organicidade e competência, tanto no exercício diário da profissão quanto em sua vida pessoal.

Sabendo-se que a conscientização e o reconhecimento por parte dos estudantes do fato de que a aquisição de uma segunda língua só trará benefícios, a pesquisa geradora da atual produção possibilitou a identificação parcial do perfil dos estudantes do Curso de Biblioteconomia da UFMA e a parcial compreensão do comportamento de muitos deles, ao se depararem com a necessidade de aprender, revisar e trabalhar com informações na língua inglesa em suas atividades acadêmicas.

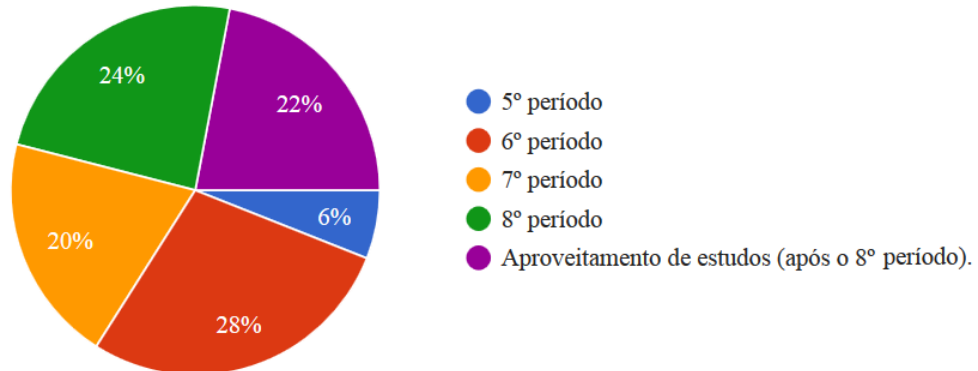
O questionário elaborado para os estudantes apresenta questões que buscam verificar as concepções dos mesmos em relação ao ensino da língua inglesa no Curso de Biblioteconomia e, futuramente, o uso desse idioma na carreira profissional. Os questionamentos envolvem perguntas que focam desde o perfil dos estudantes até as percepções destes a respeito do uso do idioma em estudo nas disciplinas do Curso.

A essência deste trabalho se embasou no estudo do perfil dos respondentes; nos conhecimentos já adquiridos (ou não) por eles no Ensino Médio; na frequência que estes fizeram a cursos de aperfeiçoamento em outros idiomas; nas ações feitas do espaço acadêmico que possibilitam contato com o idioma; na ligação das disciplinas que ensinam essa língua com outras específicas do Curso de Biblioteconomia que também tratam do uso da língua inglesa devido ao uso de instrumentos de trabalho, como a CDD; na verificação das habilidades dos discentes em cada uma das quatro competências no aprendizado de outra

língua (ler, escrever, falar e entender), englobando também as sugestões de melhorias visando ao melhor aproveitamento da carga horária das duas disciplinas analisadas.

Quanto ao perfil dos respondentes, os sujeitos se encontram matriculados em vários períodos do Curso, desde o 5º até o semestre de aproveitamentos de disciplinas, logo após o estágio, somente em fase de monografia, como se pode visualizar no gráfico 3

Gráfico 3 – Período que cursa atualmente

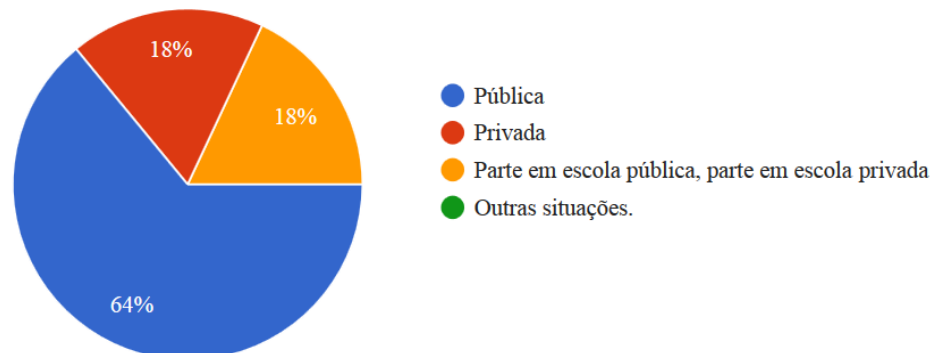


Fonte: Elaborado pelo autor

Dentro do período de coleta, percebeu-se que foram oscilantes as quantidades de participantes de cada período, sendo que a sala do 6º período apresentou maior número, por se tratar de uma turma com grande número de estudantes ativos. Logo em seguida, notou-se que os estudantes do 8º período também participaram de forma enfática, seguidos dos estudantes que já estão na fase final do Curso.

A maior parte deles veio de escolas da rede pública, sendo que 64% estudou em escolas públicas, 18% estudaram alternadamente em escolas das duas redes e somente 18% estudou em escolas da rede privada, conforme dados do gráfico 4

Gráfico 4 – Tipo de escola onde estudou os ensinos Fundamental e Médio



Fonte: Elaborado pelo autor

Quando interrogados sobre o ano de conclusão do Ensino Médio, objetivando obter dados sobre a idade aproximada e sobre a distância temporal entre a saída da última série dessa modalidade do referido ensino até a entrada na Universidade, notou-se que a

diferença apresentada entre o menor e o maior ano de conclusão do Ensino Médio revela a heterogeneidade das turmas do Curso que foram consultadas: houve uma variação muito grande, entre 1972 a 2015, sendo que ocorreram com maior frequência a conclusão em 2013, com 7 ocorrências; 2012, com 4 ocorrências e 2005, também com 4 ocorrências.

Essa variação sugere a interpretação de que muitas vezes a idade dos participantes pode influenciar no aumento do interesse de aprender outro idioma com perspectivas de usá-lo no futuro, seja em um intercâmbio ou em um mestrado.

Em relação aos primeiros contatos do estudante com atividades e conteúdos ministrados em língua inglesa, os dados informados revelaram que a maioria começou a estudar o idioma desde o Ensino Fundamental. Quando interrogados sobre a presença da disciplina de língua inglesa na escola de Ensino Fundamental, 28% dos respondentes informaram que não havia e 72% afirmaram que estudaram esse idioma na escola da educação básica.

De acordo com as diretrizes elaboradas pelo MEC quanto aos conteúdos obrigatórios a serem ministrados no Ensino Fundamental para as instituições de ensino da rede pública, não consta a existência da disciplina de Língua Inglesa nas primeiras séries da educação básica. Entretanto, a inclusão do ensino de língua estrangeira ocorre no último ciclo, mesmo com as mudanças no quesito obrigatoriedade do idioma.

Dependendo do programa escolhido pelo Governo Federal, em alguns intervalos de tempo a “língua estrangeira moderna” tida como obrigatória nas salas de aula oscilava entre a língua inglesa e a língua espanhola.

No Brasil, o ensino da língua inglesa está amparado por vários órgãos e em diferentes instâncias e, mesmo que projetos e programas governamentais mudem a forma como esse idioma deve ser ensinado na rede pública, há uma continuidade no atendimento aos preceitos da LDB e do MEC através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), seja com a oferta de forma obrigatória ou opcional.

Devido à elaboração dos PCN, o ensino da língua inglesa começou a configurar de forma mais intensa nos 3 anos do Ensino Médio. Esse mesmo documento atesta a importância do aprendizado de outras línguas por parte dos estudantes e ratifica que o “[...] processo de aprendizagem de uma língua estrangeira envolve obrigatoriamente a percepção de que se trata da aquisição de um produto cultural complexo” (BRASIL, 2002, p. 93).

E, mesmo que seja “complicado” ou “desgastante”, trata-se de algo necessário à formação dos estudantes de todos os níveis escolares e idades para que haja a compreensão da existência das diferenças tanto do ponto de vista linguístico quanto pelo olhar da

multiculturalidade que há na convivência com pessoas de outras nações. Além de preparar o estudante para convivência social com outro idioma, as experiências com o estudo se fazem enriquecedoras pois ao “internalizar” e se “[...] apropriar de uma língua, o aluno se apropria também dos bens culturais que ela engloba (BRASIL, 2002, p. 93).

Na apresentação das questões sobre o estudo do idioma nas séries que antecedem à entrada na Universidade, foi possível notar que a quantidade dos conteúdos em língua inglesa repassados aos estudantes sujeitos da pesquisa aumenta no Ensino Médio: conforme dados dos questionários, as respostas à pergunta “havia disciplina de língua inglesa na escola de Ensino Médio?” demonstraram que 92% dos pesquisados mantiveram maior contato com o idioma nessa fase e somente 8% deles não continuou a estudar o referido idioma na escola de ensino Médio.

Quando se trata da formalização do ensino e uso da língua inglesa em território nacional, ou seja, das determinações legais, há uma hierarquia a ser seguida e instâncias que regulam o tratamento do idioma, principalmente em escolas e centros de ensino da rede pública, do Ensino Fundamental ao Ensino Superior: a Constituição Federal é o primeiro documento que fornece garantias para o ensino de línguas estrangeiras em instituições de ensino através da universalização do ensino básico.

Fundamentada no artigo 205 da Carta Magna, a LDB é o outro documento que ratifica a importância do aprendizado de outra língua na educação formadora do cidadão, visto que regulamenta a estrutura da Educação no país.

Não menos importante, os PCN também se constituem em importantes normas as quais orientam a elaboração de currículos escolares, idealizando habilidades e competências que devem ser desenvolvidas pelos alunos nas disciplinas que envolvem as linguagens e códigos. Finalizando, outros órgãos que auxiliam na elaboração das diretrizes a serem seguidas são as Secretarias de Educação, tanto dos Estados quanto dos municípios.

Juntamente com as instituições públicas de ensino, há outras instituições voltadas à educação e ao ensino de línguas estrangeiras, as quais não adotam rigorosamente os princípios estabelecidos pelos órgãos governamentais, seja pelo caráter privado de seus estabelecimentos, seja pela formação dos profissionais que lá trabalham ou, também pela origem de suas filosofias de trabalho, visto que algumas não são brasileiras, têm suas sedes em outros países e por isso adotam materiais, metodologias e até horários diferenciados, como ocorre com as escolas de idiomas e com os cursos de pré-vestibular.

Essas prerrogativas suscitaram a curiosidade de saber se os sujeitos da pesquisa chegaram a frequentar alguns desses espaços antes de adentrar no Curso de Biblioteconomia.

Assim, quando foram interrogados sobre o estudo em cursos do tipo “pré-vestibular” visando entrar na Universidade e se havia nesses cursos o ensino da língua inglesa, os respondentes informaram os seguintes resultados: entre os 50 estudantes, 66% informou que não frequentou esse tipo de curso antes de entrar na graduação e somente 34% estudaram nesses espaços.

A maior parte escolheu estudar a língua inglesa também no curso pré-vestibular. E as respostas fornecidas possibilitam informar ainda que constaram 7 ocorrências de estudantes que escolheram estudar a língua espanhola como segundo idioma e os outros 43 optaram pelo aprendizado da língua inglesa.

Quando foram interrogados se já tinham participado de cursos em escolas de idiomas focados no ensino e prática da língua inglesa, as respostas se dividiram entre um grande número que não estudou em escolas de idiomas e outro grupo menor que frequentou variadas escolas de idioma, como demonstrado pelos percentuais em que somente 26% dos estudantes frequentaram algum curso particular de língua inglesa e 74% informou que não.

Percebe-se aqui uma variável que apresenta uma diferença muito grande os estudantes que participaram da pesquisa: no universo de 50 respondentes, a parcela que participou de cursos particulares em idiomas e manteve contato com a língua objeto da pesquisa somou a quantidade de 17 acadêmicos.

E, embora grande parte dos pesquisados tenha estudado em escolas da rede pública e estudado a língua inglesa desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, o dado informado permite inferir também que praticamente a terça parte deles não teve a oportunidade de frequentar aulas em escolas de idiomas no mesmo período em que eram estudantes da educação básica.

Além de não frequentar aulas nesse tipo de escola, a maioria deles também não passou por experiências práticas, com a execução de atividades realizadas em língua inglesa de forma mais intensiva, como a participação em grupos de pesquisas ou intercâmbios antes de entrar no Ensino Superior ou frequência a centros de cultura bilíngue ou mesmo bibliotecas desses centros, como as do *British Council*¹⁹ por exemplo, que contem em seu acervo muitas obras de caráter didático em língua inglesa. Ou mesmo realização de trabalhos de extensão com caráter multicultural junto a estudantes de outras nações.

Esse quadro – no qual poucos têm acesso ao ensino de línguas fora da escola pública – pode ser considerado uma representação do cenário nacional. A pesquisa *Demandas*

¹⁹ O *British Council* é uma organização internacional britânica para educação e relações culturais, com sede na cidade de São Paulo e escritórios em várias capitais do país. Realiza pesquisas sobre uso e ensino da língua inglesa em parceria com o MEC e com institutos de pesquisa como o Data Popular, Plano CDE e Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI).

de Aprendizagem de Inglês no Brasil, realizada no ano de 2014 pelo *British Council* em conjunto com o Instituto Data Popular, elenca estatísticas que mostram o “nível” do conhecimento em inglês dos brasileiros; demandas do ensino da língua em escolas e empresas e até dados sobre contratações de professores para ensinar o idioma.

Entre as informações, é possível notar que não há uma regularidade ou constância nos estudos e há entre os frequentadores muitas desistências e abandono pelos mais variados motivos. Notou-se que entre os estudantes pesquisados, há uma diferença muito grande quanto o assunto é a periodicidade do curso estudado por eles nos cursos de idiomas, ou seja, em ambientes extraclasse.

Partindo-se do menor para o maior período, constatou-se que a variação no tempo de frequência foi de 6 meses a 8 anos de estudo em um curso de língua inglesa.

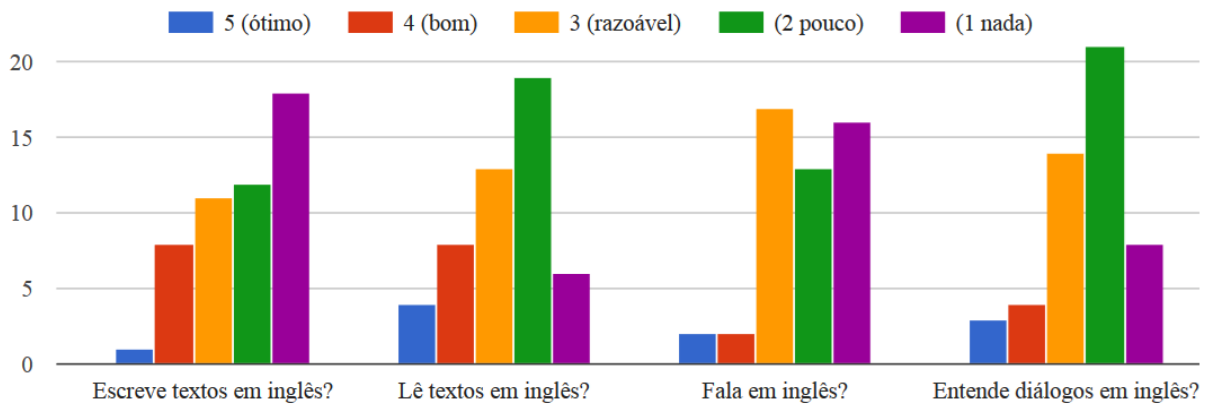
De acordo a pesquisa do *British Council* (2014), a maior parte das pessoas que estudam a língua inglesa no Brasil apresenta acentuado grau de dificuldade no uso das habilidades no momento da fala e compreensão; e paralelamente a isso, apresentam maior rendimento na escrita e principalmente na leitura. Esse fato também foi constatado no trabalho, no qual a quantidade das estatísticas assinaladas pelos acadêmicos consultados refletiram números parecidos quando o tema abordado foram as competências.

Como já enfatizado nos PCN, sabe-se que o ato de absorver e internalizar conteúdos em outra língua se constitui numa operação subjetiva porque é complexa e envolve etapas que vão desde uma simples leitura da soma de letras, perpassando pela representação por meio de signos linguísticos, interpretação de contextos até a chegada a um conjunto de termos representativos das mesmas coisas já conhecidas, mas com escrita diferente; e todo esse “processamento” demanda tempo.

Quando se trata da avaliação ou demonstração daquilo que se está aprendendo em outro idioma, é importante salientar que as ações realizadas para tentar “detectar” o conhecimento obtido, em maior ou menor grau, é conceituado costumeiramente com o uso das 4 competências que uma pessoa pode apresentar no “novo idioma” estudado, são elas: ler, escrever, falar e entender.

Seguindo as orientações para avaliação em escalas de acordo com os “itens de Likert”, fez-se necessário convidar os sujeitos a realizar uma pequena autoavaliação do que estes já sabem no idioma objeto dessa pesquisa e, quando interrogados sobre as competências que já sabiam em língua inglesa, os estudantes apresentaram vários níveis de conhecimentos em cada uma delas, expressos no gráfico 5:

Gráfico 5 – Nivelamento em cada uma das 4 competências na língua



Na análise da primeira competência, notou-se que o exercício da escrita depende muito da capacidade de leitura, ou seja, se o indivíduo não sabe ler em outro idioma, não conseguirá escrever frases longas ou mesmo páginas de texto. Já na observação da segunda competência relacionada com a leitura, notou-se que mudou a curva dos indicativos conceituais representados pelas colunas: é a competência mais acentuada na qual os pesquisados apresentam maior desempenho.

Nas competências que se relacionam à prática da conversação, incluindo a fala e o entendimento do que se ouve, notou-se que uma pequena parte dos respondentes entende diálogos pronunciados em língua inglesa, embora não apresente esse mesmo desempenho no ato de falar, visto que assim como se torna fácil ler do que escrever, o fato de entender exige menos domínio do que falar e manter a continuidade nos diálogos.

Assim, por se tratar de um tema de cunho pessoal e fortemente subjetivo, a aprendizagem e a capacitação nas normas de um determinado idioma demandam esforço e muita atenção, tanto por parte de quem ensina quanto por aquele que se propõe a aprender e praticar uma nova língua. Qualquer que seja ela, o fator tempo é requisito condicional para que ocorra um aprendizado satisfatório.

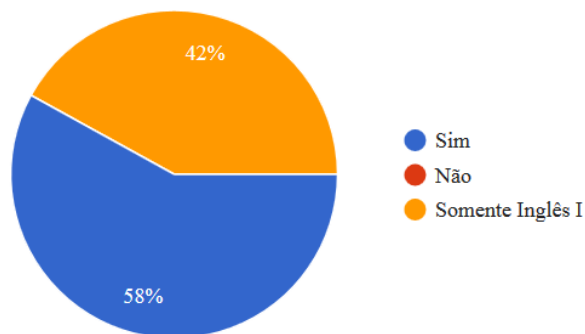
De forma lúdica, todo esse “processo” é representado na obra *As viagens de Gulliver*, do autor inglês Jonathan Swift, na qual o personagem Lemuel se perde e passa a vagar em países com habitantes estranhos e que falavam idiomas estranhos a ele. E, para que acontecesse o processo de comunicação, Lemuel tinha que “reaprender” a falar um idioma novo; e isso demorava semanas... Essa alusão representa o processo que se passa na mente da pessoa durante a “formação” de um novo código linguístico com novas significações, visto que mudam os “rótulos” de coisas e pessoas, as nomenclaturas do que é isso e do que é aquilo.

Saindo do contexto literário e adentrando ao contexto sociolinguístico, cabe lembrar que esse diferencial nas capacidades existente entre as pessoas – já analisado por Gardner – suscita na atual pesquisa a curiosidade de buscar entender o que pensam os sujeitos da mesma sobre a necessidade (ou não) da aquisição das competências em língua inglesa na graduação e para uso na atuação profissional.

Além das questões relacionadas à complexidade no ensino de outro idioma no âmbito do curso em estudo, foi possível notar que outros fatores, incluindo os de cunho institucional, colaboram de forma direta ou indireta para o bom proveito (ou não) da carga horária das duas disciplinas de Língua Inglesa ofertadas pelo Departamento de Letras/UFMA (DELER) e ministradas no Curso de Biblioteconomia da UFMA.

Nas questões relacionadas com o estudo das mesmas, de forma sequencial ou aleatória, percebeu-se que praticamente 58% dos estudantes consultados já havia concluído as duas, como demonstrado no gráfico 6:

Gráfico 6 – Estudantes que já cursaram as disciplinas Inglês I e II



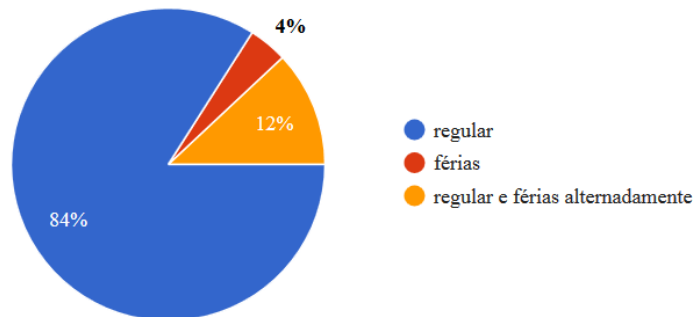
Fonte: Elaborado pelo autor

Enfatiza-se que alguns dos respondentes informaram que nem sempre as disciplinas são estudadas em dois semestres seguidos. Em muitos casos e por motivos que variam de um estudante para outro, os estudantes consultados deixam de estudar as mesmas no período nos quais elas estão e utilizam o horário para estudar outras que se constituem em requisito para outras, principalmente aquelas de cunho específico.

Em outros casos, a disciplina é ministrada em período de férias, com 4 horários seguidos em regime intensivo, somando-se ao fato de que muitos estudantes a colocam entre as últimas a serem estudadas antes do estágio obrigatório e da elaboração da monografia. Essa deficiência na oferta das disciplinas em questão se justifica pela grande demanda na busca de disciplinas de língua inglesa por outros cursos da UFMA através de seus respectivos departamentos.

Quando interrogados sobre o período no qual a disciplina foi estudada, as respostas apresentaram três resultados possíveis, conforme gráfico 7:

Gráfico 7 – Período em que os alunos cursaram as disciplinas



Fonte: Elaborado pelo autor

Através dos dados expressos no gráfico, é possível perceber que grande parte dos estudantes estudou no período regular, ou seja, durante o semestre. Entretanto, há uma parcela que ou estudou somente no período de férias ou não manteve a linearidade de estudar as duas em 2 semestres seguidos. E uma das justificativas para a ocorrência desse comportamento foi novamente o fato da falta de oferta das disciplinas.

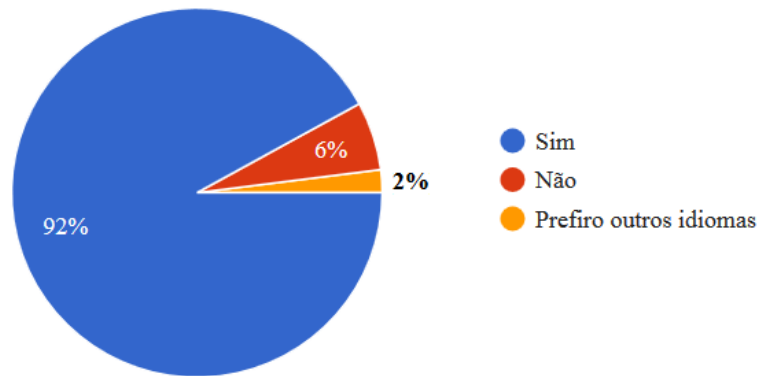
As respostas dos estudantes contribuíram para que fosse efetivada uma consulta à chefia do DELER para buscar respostas sobre as causas da escassez na oferta das disciplinas. Com o uso de informação oral, a chefia do DELER informou que esse fato ocorre devido à falta de docentes em língua inglesa em número suficiente para atender à demanda de outros departamentos, visto que cada curso exige conteúdos diferenciados dependendo do curso e de acordo com os conteúdos programáticos presentes nas ementas.

Atualmente, em muitos cursos particulares há uma tendência a manter metodologias próprias para o ensino de idiomas, bem como o foco principal na língua inglesa. Esse fenômeno recorrente se fortalece por vários motivos, incluindo a crescente demanda na busca pelo ensino do referido idioma pelas mais variadas motivações.

Em sua obra sobre o ensino da língua inglesa no Brasil, a autora Vera Lúcia informa que ela é “[...] a principal língua estrangeira estudada em países do primeiro mundo [...] O interesse de vários países em promover o ensino desse idioma é uma forma de se ter acesso à ciência e à tecnologia ocidental [...]” (PAIVA, 2010, p. 10).

No contexto da pesquisa, quando perguntados sobre o “valor” da disciplina para a área e se o ensino dela é necessário na graduação, as respostas confirmaram que o estudante de hoje é ciente de que em toda e qualquer área, é recomendável que o estudante busque algo mais do que somente o conteúdo que é repassado nas salas de aula, e isso inclui também o repasse de conteúdos em língua inglesa, como demonstra o gráfico 8:

Gráfico 8 – É necessário estudar língua inglesa na Biblioteconomia?



Fonte: Elaborado pelo autor

Notou-se que a maior parte dos estudantes reconhece o aprendizado de outro idioma como necessário para uma formação mais orgânica, visto que o curso apresenta fortes traços de conteúdo humanístico somado aos princípios de cunho técnico e gerencial trabalhados na graduação.

Analisou-se a percepção do estudante sobre a importância do idioma em estudo para uso na academia e na carreira e também sobre as múltiplas formas de como o ensino da língua pode ocorrer na formação acadêmica dos(as) bibliotecários(as).

Quanto às motivações para que haja o ensino do idioma na graduação de Biblioteconomia, os participantes da pesquisa informaram diversos motivos, e entre eles destacaram-se o aprendizado do referido idioma para a escrita científica e por motivos profissionais, como o uso da CDD, por exemplo – sendo que essa motivação foi um consenso e apresentou mais ocorrências, como se constata em algumas das falas a seguir:

“-Por tratar-se de uma língua universal, além de uma das ferramentas de trabalho do bibliotecário (CDD) ser em inglês;”

“-Existem alguns textos, ou até mesmo a CDD que ainda não foi traduzida, além de precisarmos no cotidiano, como por exemplo, um atendimento ao usuário na Biblioteca, ou até mesmo no manuseio do processamento técnico. Enfim hoje em dia é necessário que todos os cursos de graduação tenham a disciplina Inglês;”

“-Precisamos dessa disciplina para entender e usar melhor os conhecimentos adquiridos nas outras disciplinas assim como os documentos específicos da nossa área como a CDD;”

“-Alguns livros clássicos da área foram escritos em língua estrangeira e não possuem tradução, além disso, saber inglês instrumental é necessário para a compressão de alguns códigos e normas, a exemplo da CDD e da RDA;”

Outro fator que contribuiu para o reconhecimento do ensino do referido idioma na graduação foi a universalidade do mesmo, visto que a língua mais utilizada nas publicações científicas de Biblioteconomia e de outras áreas também. Além da ligação desse idioma com as produções científicas, os estudantes destacaram o seu uso no processo de crescimento profissional, o que se notou nas outras falas:

“-É uma linguagem universal;”

“-Pela necessidade de comunicação, concorrência profissional e entendimento, recuperação e transmissão da informação;”

“-Porque contribui para o perfil do profissional bibliotecário, cujo produto de trabalho é a informação. Dessa forma, é necessário para que tenha acesso à informação nos outros idiomas;”

“-A falta de conhecimento do idioma é uma barreira na construção de novas pesquisas e conseqüentemente, no desenvolvimento da área;”

“-Porque é na língua inglesa que estão escritas a maioria das publicações científicas;”

“-Para ter mais possibilidades no desenvolvimento profissional;”

“-Porque favorece o diálogo com o mundo da ciência;”

“-Para a compreensão de documentos que estão em inglês e para auxiliar os usuários estrangeiros, pois o inglês é a língua padrão usada para a comunicação;”

“-Por ser a língua científica oficial, uma ferramenta imprescindível principalmente para um profissional que almeje trabalhar com criação, tratamento, uso e disseminação de informações.”

Quando interrogados sobre a contribuição da língua inglesa para a construção do profissional ainda em formação na academia, as respostas também foram apresentadas de forma heterogênea, mas percebeu-se um enfoque direcionado para a continuação dos estudos na formação continuada e no mercado de trabalho, como demonstrado a seguir:

“-É mais uma habilidade que qualifica ainda mais o bibliotecário;”

“-Com vista a pesquisa, mestrado e doutorado;”

“-O inglês pode não ser a língua mais falada no mundo, mas é a língua de uma potência, então necessariamente, um profissional bem qualificado e apto a preencher qualquer vaga no mercado de trabalho, necessita estar preparado para se inserir nesse mercado, então ter um outro idioma é indispensável;”

“-No caso do mestrado e doutorado, onde a maioria dos artigos são em inglês;”

“-É necessário para ingressar no mestrado e indispensável para quem almeja um doutorado;”

“-Atualmente o mercado de trabalho exige que o profissional saiba falar mais do que uma língua. A língua inglesa trabalhada no curso de Biblioteconomia auxilia na formação do profissional para o mercado de trabalho;”

“-Melhorando a sua qualificação onde um mercado de trabalho exige o conhecimento de uma outra língua. Compreensão de textos, livros em língua estrangeira;”

“-Me fará um profissional diferenciado no mercado tendo em vista que é a segunda língua mais falada no mundo;”

“-Torna viável a comunicação científica internacional, além de incentivar no estudante o interesse em um possível intercâmbio;”

“-Dando ao profissional acesso a livros que geralmente estão em inglês, permitindo ao mesmo ter acesso a conteúdos para ajudá-lo em seu crescimento profissional;”

Quando argumentados sobre a contribuição de outro idioma para a área e em quais atividades da Biblioteconomia a língua inglesa pode auxiliar, mais uma vez o uso do instrumento de trabalho (no caso a CDD) foi unanimemente citado e configurou o item de maior frequência, visto que se trata de material utilizado em uma das disciplinas fundamentais do curso e que ainda não apresenta versão em língua portuguesa. Entre as respostas, destacam-se as seguintes:

“-Principalmente na compreensão de uma das ferramentas de trabalho do bibliotecário (CDD) e atendimento ao público, uma vez que o bibliotecário pode encontrar-se em situações de contato direto com o usuário, que não necessariamente será alguém que possua conhecimento da sua língua de origem;”

“-Na utilização da CDD e alguns softwares;”

“-Pesquisa em bases de dados, leitura da Classificação Decimal de Dewey;”

“-Principalmente na utilização da CDD, mas auxilia também no processamento técnico em instituições que possuem em seu acervo materiais em uma outra língua;”

“-Processo de classificação, catalogação, a exemplo a utilização da CDD;”

“-No processamento técnico ao lidar com o código de classificação, CDD, Referência quanto ao atendimento ao usuário diverso etc.”

Assim como ocorre nas instituições dos ensinos Fundamental e Médio, cada instituição de nível superior tem liberdade para desenvolver os currículos de cada curso, desde que sigam as diretrizes da Constituição, da LDB e não deixem de contemplar as disciplinas básicas do chamado “currículo mínimo” de cada curso.

Embora haja em cada curso um documento norteador (o PPP ou PPC) para o ensino, tanto das disciplinas específicas do curso quanto das disciplinas complementares e que geralmente são oferecidas por outros departamentos, muitas vezes as ementas e os conteúdos programáticos nele existentes não seguidos pelos ministrantes das disciplinas. Na maioria das vezes, esse comportamento influencia no “distanciamento” por parte dos estudantes quanto se trata da relação ou aproximação daquela disciplina com sua área de formação.

Quando interrogados se os conteúdos trabalhados nas disciplinas de Língua Inglesa (I e II) se apresentam como compatíveis com as atividades específicas da área da Biblioteconomia, as respostas se dividiram entre sim e não. Ou seja, refletiram a experiência que cada um passou durante a disciplina: uns de forma positiva; outra parte com número maior de respondentes se expressou de forma negativa, com variadas justificativas:

“-Não, a linguagem é geral, mas parte do estudante buscar aprimoramento;”

“-Sim. A professora buscou trabalhar na disciplina textos sobre a área;”

“-Não! As disciplinas são altamente superficiais e sem um planejamento preocupado com a necessidade da formação profissional específica. Principalmente, inglês I;”

“-Não, a ementa incompatível com as atividades do bibliotecário, e o professor muitas das vezes não tem ideia do que de fato o bibliotecário faz, e como aplicar na disciplina de inglês atividades que ajudem a formação do bibliotecário;”

“-Os professores do inglês 1 e 2 trabalharam artigos de biblioteconomia, portanto foram compatíveis;”

“-Sim, embora não seja o suficiente para o domínio da língua inglesa;”

“-No período em que eu fiz Inglês I, a professora utilizou textos baseados na Biblioteconomia, abordando assuntos da área;”

“-Sim, porém, elas são introdutórias, de modo que o aluno precisa buscar além do que é oferecido em sala se realmente quiser aprender;”

“-Sim, o professor adaptou para nosso contexto;”

“-Pelo que eu estudei sim. Contudo, sugiro que seja praticada a conversação ao invés de tanta gramática;”

“-Não. Quando fiz a disciplina Inglês I o conteúdo trabalhado foi muito fraco (verbo to be, saudações, horas, algumas profissões, etc);”

“-Sim, no entanto acho que precisa melhorar o conteúdo das disciplinas;”

“-As ementas das disciplinas são boas, na minha opinião, porém elas não são trabalhadas de forma plena. Lembro que quando fiz a disciplina o professor dava aulas sobre assuntos muito básicos do inglês pois a maior parte da turma não tinha facilidade para compressão da língua. Acredito que a metodologia utilizada pelo professor foi correta, pois acompanhou o ritmo da maioria;”

“-Não, visto que muitos dos professores de outros departamentos não direcionam o conteúdo para as práticas e rotinas do profissional, como uso da CDD que é editada na língua inglesa, o que acaba por não auxiliar os discentes com o manuseio de ferramentas do dia a dia do profissional.”

Quanto à forma sugerida para a ministração das aulas das referidas disciplinas no curso estudado, o PPP elenca na descrição das ementas os tópicos para guiar o docente sobre o que deve ser abordados de forma que a disciplina de Inglês I apresenta em sua ementa “[...] Estudo de textos de interesse geral e específico: leitura e compreensão, enfoque gramatical, vocabulário, inferência. (UNIVERSIDADE, 2007, p. 36); e a disciplina de Inglês II apresenta como tópicos a “[...] Leitura, compreensão e tradução de textos específicos. Dewey Decimal Classification and Relative Index. Anglo American Cataloguing Rules. Resumo de Textos.” (UNIVERSIDADE, 2007, p. 37).

Nota-se que enquanto a primeira disciplina apresenta caráter mais generalista, a segunda sugere para o professor um conteúdo mais instrumental e voltado para a área da Biblioteconomia, o que não vem ocorrendo segundo os relatos apresentados pela maior parte dos estudantes consultados.

A última pergunta do questionário, direcionada diretamente à coleta de sugestões fundamentadas nas experiências dos sujeitos que participaram do processo de aprendizagem, apresenta-se sob a forma de análise desses mesmos sujeitos a respeito dos conteúdos e metodologias utilizadas na transmissão das atividades das disciplinas.

Quando interrogados sobre possíveis mudanças no processo de ensino das disciplinas de Língua Inglesa (I e II) no âmbito do Curso, as respostas elencadas se concentraram na melhoria dos métodos de ensino, na adequação à ementa e na aproximação

do conteúdo repassado à realidade profissional que será vivenciada pelos estudantes, como pode ser conferido nas respostas a seguir:

“-Falta interdisciplinaridade com a Biblioteconomia, professores engajados para fazer essa ligação com a área e as necessidades dos alunos;”

“-Adaptar mais às disciplinas, sempre relacionando o conteúdo com o as atividades do bibliotecário;”

“-Especificação, ou seja, planejar a disciplina não para ler textos em inglês como forma de seminário, como acontece com Inglês I (ministrado pela prof. Suzana), mas sim, buscar entender qual seria a necessidade do bibliotecário em estudar outra língua e a partir daí buscar estratégias para execução;”

“-Talvez a metodologia do professor. Ele entender que tem alunos que realmente não sabem nada de inglês;”

-Essas disciplinas deveriam ser ministradas tendo ligação direta com as disciplinas de classificação, por exemplo;

-Acho que ambos departamentos deveriam entrar em acordo do que poderia interessar de fato na graduação e ser aplicado de forma real já que tanto em biblioteconomia e outros curso que possui a(s) disciplinas tem o mesmo ensino apesar que as ementas sejam diferentes. Ou fazer uma ementa que pudéssemos fazer em outros cursos;

“-A aplicabilidade para a área da biblioteconomia. Tirando de foco as ideias básicas já instruídas nos ensinamentos fundamental e médio e implementando com os termos mais utilizados na biblioteconomia, principalmente com o trato com o usuário;”

“-Apesar da ementa das disciplinas prevê a adequação do conteúdo às necessidades do curso, isso não tem acontecido. Seria interessante a existência de apenas uma disciplina de Inglês instrumental com programa pré-definido no Projeto Político Pedagógico do curso. Além disso, uma preparação dos professores de outros departamentos é essencial para que se cumpram os objetivos que tal disciplina necessita alcançar. Além disso, disciplinas eletivas ou opcionais para aprofundamento no idioma seriam bem vindas;”

“-Diria que não são as disciplinas em si que precisam melhorar, e sim a disposição do aluno em aprender. Não é possível aprender bem inglês em apenas dois semestres de curso, por esse motivo, volto a afirmar que o aluno precisa ter disposição em buscar conhecimento extraclasse;”

“-Acho que seria interessante estudar a CDD na disciplina, pois na disciplina Documentária I muitos alunos reclamam pelo fato do código ser em inglês. Vale lembrar que tais alunos já passaram pelas disciplinas de inglês;”

Assim como ocorre com conteúdos de cunho técnico, o ensino de disciplinas que tratam da gramática, leitura, literatura e outros aspectos de outro idioma sempre apresentam dificuldades por vários fatores: um deles envolve questões subjetivas, como relações de afinidade, por exemplo, nem sempre ocorre a “identificação” do estudante com as novas regras ou contextos, o que também abarca o reconhecimento (ou não) da necessidade de se aprender o idioma; outro fator está ligado diretamente ao “estilo de vida” das pessoas na sociedade do século XXI – a falta de tempo para incluir algo que mude a rotina.

Assim como em outras áreas, o aprendizado eficiente para o desenvolvimento de competências em outra língua é uma atividade que exige investimento em tempo, o que muitas vezes não ocorre por parte dos estudantes e por uma gama de motivos.

A pesquisa tentou investigar, entre os estudantes do Curso de Biblioteconomia da UFMA, alguns dos desafios tanto no aprendizado da língua inglesa quanto na relação desta com a área e com outras disciplinas do Curso. Além disso, buscou também verificar como estão as habilidades e competências nos processos de leitura e de interpretação de texto em língua inglesa junto a esses estudantes. As respostas apresentadas, retiradas da consulta através de questionários (impresso e eletrônico), suscitaram os seguintes resultados:

Os respondentes sujeitos da pesquisa apresentaram respostas muito diferentes em alguns quesitos devido à heterogeneidade dos períodos ouvidos, nos quesitos idade, formação básica, experiências educativas etc. Essa diversificação influenciou no foco que cada atribuiu a determinados itens da pesquisa. Como a maior parte deles veio de escolas da rede pública, o fato de não ter muito contato com um ensino intensivo certamente influenciou também no aproveitamento da carga horária das disciplinas na graduação, que muitas vezes foram ministradas de forma básica para adequar o conteúdo à realidade de estudantes que não tiveram uma base sólida – fato que por si só já geraria novos estudos no tema.

Mesmo com o ensino do idioma em questão de forma deficiente no ensino fundamental e também no ensino médio, a busca por informações e a capacidade que cada estudante demonstrou nas quatro competências através dos itens do gráfico refletem competências medianas em língua inglesa, o que já pode ser considerado como algo positivo para o uso da língua na atuação profissional.

Apesar das questões relacionadas à complexidade, a dificuldades institucionais e a não linearidade das duas disciplinas de Língua Inglesa, percebeu-se que praticamente todos os participantes reconhecem o “valor” que a disciplina apresenta para a área e que o ensino dela é necessário na graduação, principalmente no contexto “globalizado” e multicultural da sociedade atual. E quanto às sugestões de melhoria no ensino das disciplinas de língua inglesa existentes no Curso atualmente, os estudantes enfatizaram a aproximação entre os conteúdos ministrados e as atividades típicas da profissão, ou seja, maior ligação do conteúdo geral com os específicos da Biblioteconomia, o que sugere também adaptações para o ensino de um inglês mais instrumental (o ESP) para otimizar o ensino com melhores resultados.

6.3 Competência linguística em língua inglesa – concepção dos profissionais da Biblioteconomia

A Constituição brasileira – como muitos outros documentos legislativos de cunho trabalhista – motiva na sociedade a livre iniciativa de ocupações de cunho intelectual e, assim como ocorre com as profissões ligadas à docência no ensino superior, a profissão de bibliotecário encontra-se diretamente ligada ao desenvolvimento da Ciência em seus mais diversos aspectos e áreas. Nesse viés, logo nas primeiras linhas do Código de Ética Profissional, mais precisamente no artigo segundo, é apresentada ao profissional a tarefa de “[...] **observar os ditames da ciência** e da técnica, servindo ao poder público, à iniciativa privada e à **sociedade em geral** [...]” (CONSELHO, 2002, p. 64, grifo nosso).

Partindo-se novamente da assertiva de que a Ciência é universal e de que muitos dos documentos, diretrizes e instrumentos que orientam as técnicas executadas pelo profissional da Biblioteconomia se encontram – em grande número – registrados em língua inglesa, faz-se necessário enfatizar que não é somente o estudante da área que tem motivos para se interessar pelo idioma em estudo; os profissionais atentos também já notaram que a aquisição de outros idiomas contribui para a otimização profissional em tempos de mudanças globais, às quais são sentidas também no universo da linguagem pela convivência com a multiculturalidade trazida por outras línguas – como, por exemplo, o que ocorre no processo de referência pela ocasião de um atendimento a um usuário estrangeiro falante da língua inglesa que deseja realizar uma consulta no acervo ou pesquisa bibliográfica.

Por questões metodológicas, foram incluídos no universo da pesquisa profissionais que atuam em instituições de ensino, visto que os mesmos costumemente convivem com documentos (em vários suportes) em língua inglesa, principalmente em publicações da área biológica e da área tecnológica.

No contexto da temática abordada no trabalho, pesquisou-se sobre a formação dos profissionais e as realidades nas quais cada um está inserido, perpassando pela investigação sobre os conhecimentos destes sobre a língua aqui estudada e como se dá o uso da mesma no cotidiano profissional, com ênfase na descrição das dificuldades encontradas.

O instrumento elaborado para os profissionais apresenta questões que buscam identificar as principais dificuldades quanto ao uso da língua inglesa no desempenho das funções da área biblioteconômica e também as concepções dos mesmos em relação ao ensino do idioma em estudo no currículo da graduação na qual estudaram. Entre os questionamentos, enfatizam-se a formação do profissional, as percepções deste sobre o fato de saber, em maior ou menor grau, lidar com os documentos apresentados em língua inglesa.

Após visualização das respostas contidas nos questionários, entendeu-se que, na profissão de bibliotecário, o uso da língua trabalhada aqui se faz necessário tanto para o tratamento de documentos quanto para o atendimento a pessoas que se utilizam desse idioma para realizar suas comunicações. Ou seja, assim como outros espaços de atuação, a biblioteca não está alheia a mudanças de cenário e, claro, com um cenário “globalizado” na Ciência.

Do mesmo modo que a informação é importante para o estudante e para o pesquisador, ela é fundamental a qualquer um que dela necessite para realizar as atividades básicas inerentes ao desempenho de sua profissão. Assim sendo, é recomendável que o bibliotecário também desenvolva pelo menos os conteúdos básicos em língua inglesa para acessar e repassar informação de forma plena em seu espaço de trabalho, principalmente na condição de mediador entre a informação e o indivíduo que dela precisa.

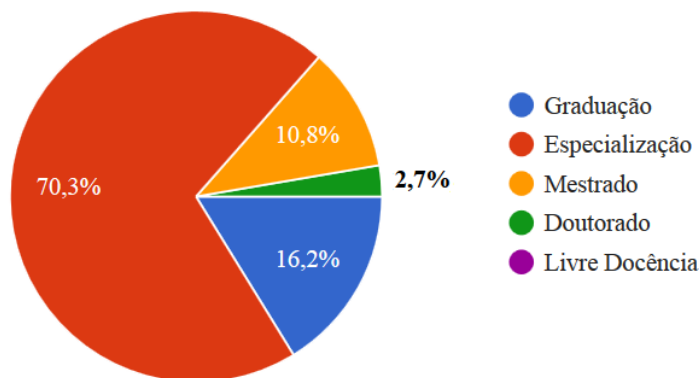
Partindo-se da assertiva de que a aquisição de uma segunda língua trará benefícios à atuação no ambiente de trabalho e, conseqüentemente promoverá no indivíduo a oportunidade de ajudar no crescimento institucional, a pesquisa geradora da atual produção buscou compreender as motivações que levam (ou não) os(as) bibliotecários(as) a estudar, aprender e aplicar a língua inglesa em suas atividades profissionais.

Seguindo a ordem linear do instrumento, a primeira parte se referiu ao perfil dos profissionais consultados e teve como primeiro questionamento a pergunta que verificou a formação acadêmica dos mesmos, ou seja, qual o curso superior (ou cursos) eles estudaram na graduação. Os dados informaram que todos os 37 consultados apresentam bacharelado em Biblioteconomia, sendo que, entre eles, há várias ocorrências de profissionais com mais de uma graduação – fato que mais uma vez comprova a interdisciplinaridade da área da Biblioteconomia com outras áreas do conhecimento e também com outras profissões. Entre os participantes que apresentam outras graduações encontrou-se 2 casos de bibliotecários com

formação também no curso de Pedagogia, uma ocorrência de 1 entrevistado com formação em Biblioteconomia e também Sistemas de Informação e 1 caso de um profissional com formação em Biblioteconomia, Filosofia, Administração de Empresas e Direito em seu currículo.

Logo após, a segunda questão – ainda voltada aos conteúdos mais direcionados à especialização – verificou qual era a titulação dos entrevistados, conforme gráfico 9.

Gráfico 9 – Titulação dos(as) bibliotecários(as) entrevistados(as)



Fonte: Elaborado pelo autor

Notou-se que a maior parte dos bibliotecários das instituições estudadas não parou de buscar conhecimentos; eles investiram em sua formação continuada, o que vem a ser um fator positivo. Entre eles, 26 apresentam especialização; 6 somente com a graduação; 1 com doutorado e 4 com mestrado.

Sobre as áreas de especialização estudadas por eles, houve uma heterogeneidade muito grande quanto à formação. Entre elas, a maior ocorrência se deu para a Educação e Docência do Ensino Superior, com 7 ocorrências; algumas voltadas para a gestão, também com 7 ocorrências, sendo que variava o foco da gestão: com 2 casos referentes à gestão de arquivos; 2 casos para gestão especificamente de bibliotecas; 2 casos de gestão pública; 2 para gestão escolar.

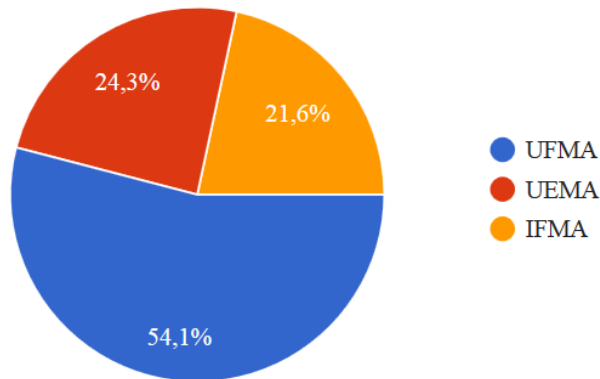
Logo após, foi possível notar a ligação da biblioteca com a área linguística visto que três dos entrevistados apresentam especializações ligadas à Linguística e/ou Leitura. Com menos ocorrências, foram constatados, também, casos de formação continuada voltada para a área social, incluindo especializações em Administração, Ciências Sociais, Ciências Políticas, Turismo e Hotelaria.

Prosseguindo, foi solicitado ao respondente a identificação do seu local de trabalho entre as 3 instituições incluídas no universo da pesquisa para posterior comparação e, como resultados foram fornecidos os seguintes dados: a maior parte dos bibliotecários que

participaram ativamente através do preenchimento do questionário foram os profissionais da UFMA, tanto da ilha de São Luís quanto do continente – de outras cidades do Estado.

Quanto ao universo de respondentes de cada uma das 3 instituições, os dados são os seguintes: 20 profissionais da UFMA; 9 da UEMA e 8 do IFMA, com respectivas proporções apresentadas no gráfico 10:

Gráfico 10 – Instituição na qual trabalha



Fonte: Elaborado pelo autor

A última pergunta da primeira parte – a qual aborda o perfil dos respondentes – buscou saber sobre a experiência destes com o trabalho de bibliotecário, ocasião na qual se verificou há quanto tempo o respondente exercia a profissão.

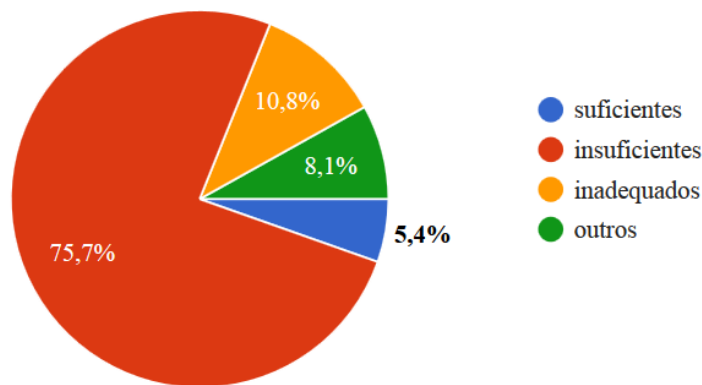
Assim como ocorreu uma variação muito grande nas respostas do quesito sobre o ano de conclusão do Ensino Médio entre os estudantes, notou-se também um distanciamento muito grande entre o menor e o maior período de trabalho na função de bibliotecário entre os participantes consultados. Esse fato se reforça pelos dados em que alguns trabalham somente há 3 ou 8 meses enquanto que outros já apresentam vários anos no desempenho da atividade, chegando até a 34 anos.

Em seguida, iniciou a segunda parte do questionário – a qual se interessou em investigar a concepção e uso da língua inglesa nas atividades profissionais desenvolvidas pelos entrevistados, ocasião na qual se verificou, também, os conhecimentos já adquiridos por eles, quais os pontos de vista de cada um sobre o uso da língua na atuação profissional e também sobre a aplicação de metodologias de ensino e sobre o próprio ensino na graduação que cumpriram.

Sabe-se que, atualmente, o ensino da língua inglesa está presente no currículo da maior parte (ou quase todos) os cursos de Biblioteconomia do país, com o objetivo de preparar melhor os estudantes do bacharelado para a carreira. Porém, sabe-se, também, que nem sempre é possível aos departamentos inserirem de forma efetiva o ensino desse idioma na graduação.

A primeira pergunta se referiu diretamente à investigação sobre a existência ou não de disciplinas de língua inglesa na graduação de Biblioteconomia frequentada pelos respondentes. Pelas respostas, notou-se que todos os 37 profissionais tiveram acesso ao aprendizado da língua inglesa quando eram estudantes. Os entrevistados foram convidados, então, a realizar uma breve análise sobre os conteúdos ministrados nas disciplinas de língua inglesa estudadas por eles no curso de Biblioteconomia, independentemente de serem ofertadas na modalidade obrigatória ou optativa. E os dados apontam que somente para 2 deles os conteúdos foram suficientes; para 28, foram insuficientes; para 4, foram inadequados e para outros 3, os conteúdos não se enquadraram em nenhuma das alternativas fornecidas, como demonstrado no gráfico 11.

Gráfico 11 – Conceituação dos conteúdos ministrados na graduação



Fonte: Elaborado pelo autor

Como as respostas informadas diferiram muito entre os respondentes, fez-se necessário conhecer os motivos pelos quais eles chegaram às suas conclusões através de pergunta aberta. Quando foram interrogados sobre o porquê da escolha por esta ou aquela opção, as respostas apresentadas sob a forma de declarações foram as seguintes:

“-Por que não era um Inglês instrumental;”

“-Cursei duas disciplinas em níveis diferentes, mas as considerei insuficientes por serem muito básicas;”

“-A primeira disciplina foi muito bem ministrada, porém era apenas uma base para a segunda que trataria da área de forma mais detalhada, entretanto a disciplina foi abandonada pela docente no meio do semestre e foi feito arranjos para que a turma não ficasse prejudicada, portanto pouco conteúdo foi visto e estudado;”

“-Devido o tempo, um ou dois semestres é muito pouco para aprendermos a língua, mesmo que seja de forma técnica;”

“-Carga horária pequena, apesar de voltado para a biblioteconomia, se tivesse sido ministrada em períodos finais, teria tido maior aproveitamento;”

“-Metodologia e conteúdo que não agregam em nada, foi perda de tempo;”

Notou-se, também, que as opiniões relatadas pelos profissionais sobre a eficiência dos conteúdos ministrados nas referidas disciplinas apresentam muitos pontos em comum com as declarações dos estudantes: entre esses pontos destacaram-se principalmente aspectos ligados à superficialidade dos conteúdos, à falta de adequação para conteúdos específicos da área e ao pouco tempo de carga horária para o repasse de muito conteúdo.

Durante os ensinamentos fundamental e médio muitos estudantes frequentam cursos de língua estrangeira visando entrar de forma mais rápida na Universidade ou mesmo no mercado de trabalho. Não distante dessa realidade, muitos estudantes de graduação também recorrem aos cursos de idiomas para melhorar seu “desempenho” dentro da graduação.

Em algumas áreas, o curso universitário praticamente exige que seu frequentador procure aprender conteúdos em língua inglesa para conseguir realizar as tarefas da academia. Entre os profissionais da informação essa tendência também ocorre e muitos estudam nesses cursos de maneira paralela à graduação. Quando interrogados sobre a frequência a esses cursos, 23 deles (uma parcela de 62,2%) responderam que não frequentaram e 14 (37,8%) bibliotecários(as) responderam que sim.

Entre os respondentes que frequentaram cursos de idiomas, foi possível verificar uma oscilação bem grande no período no qual estes ficaram no referido curso: de 3 meses a 5 anos. Ressalta-se que houve uma ocorrência atípica quanto à modalidade de curso de idioma frequentado: um dos profissionais informou ter frequentado um curso público de idiomas, no qual optou por estudar a língua inglesa.

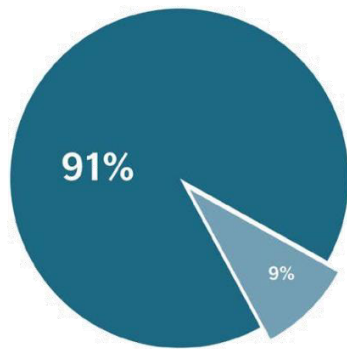
Portanto, apesar do respondente não se enquadrar na categoria “escola particular”, o mesmo frequentou escola de idiomas.

Essa necessidade de estudar em escolas de idiomas se justifica por diversificados motivos e um deles está voltado ao crescimento profissional, principalmente quando se trata dessa “escalada” dentro de oportunidades oferecidas na iniciativa privada. Em pesquisa realizada no ano de 2013 com 77 executivos de várias partes do mundo, o *British Council* apresenta dados que ratificam a língua inglesa como o idioma dominante no mundo dos negócios e enfatiza que as modalidades mais estudadas se concentram no “inglês técnico” ou “instrumental” objetivando a compreensão de manuais e *softwares* específicos; e em segundo

lugar vem a ênfase na conversação, abrangendo a fala e compreensão oral, objetivando o contato com representantes, clientes e fornecedores internacionais.

Quanto ao uso do idioma, a maior parte afirmou que a língua inglesa é o principal idioma usado nos negócios; a quantidade daqueles que afirmaram que não é, ou que não sabiam ou que não responderam somou apenas 9%, como demonstrado no gráfico 12 (BRITISH, 2014, p. 14; adaptado).

Gráfico 12 – Considera a língua inglesa como idioma dos negócios?



Fonte: British Council / Business English Index / GlobalEnglish Corporation (2014).

Esse cenário de busca por uma formação mais consistente também é reconhecido tanto pelos bibliotecários quanto pelos estudantes, não somente pelo fato da língua aqui estudada ser tratada como idioma dos negócios (cunho mercadológico) como também pelo uso desta nas produções científicas (cunho acadêmico).

Nesse contexto, quando foram interrogados sobre a importância do aprendizado de outro idioma para atuação profissional, praticamente todos os entrevistados reconhecem que é necessário saber pelo menos um pouco e, quando foi solicitado o porquê, as respostas da questão aberta refletiram as mais variadas motivações, conforme descrição a seguir:

“-Sim, porque na busca de informações e na indexação dos livros dominar a língua inglesa é de suma importância;”

“-Sim, porque dentre as formas de disseminação da informação, por exemplo, podemos citar a Elsevier, EBSCOhost, livros eletrônicos disponibilizados em língua estrangeira na área de acervo digital oferecido na página do NIB, dentre outras. Nessa perspectiva, acrescenta-se as bases de dados, plataformas digitais, a exemplo a OECD ilibrary, e-books também em língua estrangeira, que são meios de proporcionar a aquisição da informação ao usuário. Portanto, observa-se a necessidade de aprendizagem de forma abrangente de outro idioma;”

“-Sim, uma vez que lidamos com tal necessidade diariamente no ambiente de trabalho e, dependendo da área de atuação, isso poderá ocorrer com mais ou menos frequência;”

“-Muito importante, pois nos possibilita mais conhecimento e mais oportunidade no mercado de trabalho, sendo que sem outro idioma me sinto limitada, e principalmente sem a língua inglesa”

A aprendizagem e a prática de outro idioma estão intrinsecamente atreladas ao desenvolvimento dos profissionais que trabalham em Instituições de Ensino Superior (IES). Geralmente, em países democráticos e que investem no desenvolvimento da Ciência, parte do montante destinado à área da educação perpassa pelos investimentos no fator humano. Nessa perspectiva, o conteúdo da LDB relacionado à administração e funcionamento dessas instituições envolve, entre muitos outros fatores, a capacitação das pessoas que trabalham nesses estabelecimentos, como se pode ler nos princípios a serem seguidos por elas, presentes no artigo 43. Entre eles, o teor informa que as IES têm por finalidade

[...] II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, **e colaborar na sua formação contínua**; III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive [...] (BRASIL, 2017, p. 18, grifo nosso)

Aos profissionais que atuam em Universidades públicas, por exemplo, há muitos projetos de incentivo à especialização que geralmente são patrocinados pela própria instituição visando a qualificar seus servidores.

Fundamentada nesse fato, a pesquisa solicitou aos profissionais entrevistados que respondessem se havia ou não algum desses projetos ou programas para aprendizagem do idioma em estudo no local de trabalho do bibliotecário. Diante da pergunta, 51,4% dos bibliotecários informou que há iniciativas para aprendizagem do idioma no local de trabalho e 48,6% afirmou que não havia.

De acordo com as respostas informadas, constatou-se que mais da metade dos profissionais conta com auxílios e incentivos da instituição onde trabalha visando a melhorar seus conhecimentos, habilidades e competências em língua inglesa.

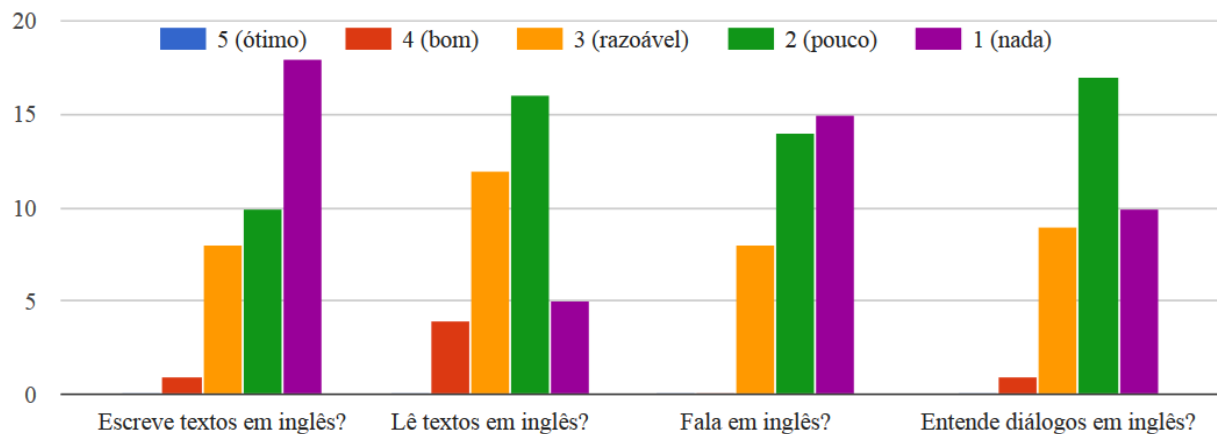
Entende-se que no contexto profissional, o termo “competência” não se refere somente a questões ligadas à linguagem; ele também está associado à existência de um agente responsável pela realização de alguma atividade especializada ou que responda por alguma unidade em razão do cargo que ocupa. Qualquer que seja a situação, nessas áreas, ela não

deixa de ser uma atribuição na qual se espera que o profissional possua habilidades, atitudes e conhecimentos suficientes para desenvolver a tarefa que lhe foi confiada, independentemente do campo de atuação.

No campo da Biblioteconomia, assim como em outras profissões, desenvolver competências em língua inglesa ajuda a aumentar as realizações profissionais, além de fortalecer o *status* da instituição. Como já citado anteriormente, esse desenvolvimento não se trata de um processo rápido ou automático; é um esforço contínuo.

Entre os profissionais, a pesquisa também avaliou o andamento dos conteúdos em língua inglesa já incorporados por eles tanto nos estudos da educação básica quanto na graduação de Biblioteconomia, ocasião na qual se percebeu que, assim como os acadêmicos consultados, os(as) bibliotecários(as) também apresentaram acentuado grau de dificuldade no uso das habilidades no momento da fala e compreensão; e paralelamente a isso, apresentaram maior rendimento na escrita e principalmente na leitura. Porém, as estatísticas resultantes dos “conceitos” assinalados pelos profissionais permitiram constatar que os estudantes abordados no trabalho forneceram maiores índices nos quesitos “bom” e “ótimo”, conforme se pode notar no gráfico 13

Gráfico 13 – Competências em língua inglesa



Fonte: Elaborado pelo autor

Entre os profissionais, a análise da primeira competência forneceu suporte para inferir que o exercício da escrita também está ligado à capacidade de realizar a leitura, ou seja, percebe-se que os itens “bom” e “razoável” apresentam maior desempenho na leitura do que na escrita de textos na língua inglesa. Entre os bibliotecários consultados, a segunda competência relacionada com a leitura também é a que apresenta melhores indicadores.

Quanto às competências relacionadas à comunicação, incluindo a fala e o entendimento do que se ouve, notou-se entre os profissionais um quantitativo menor de indivíduos que entende diálogos em língua inglesa do que o apresentado na mesma pergunta

direcionada aos estudantes. O comportamento que se assemelha entre os dois grupos está no melhor desempenho no ato de entender diálogos do que no ato de falar.

Da mesma forma que foi dirigida aos estudantes a interrogação sobre as formas pelas quais a língua inglesa auxilia nos estudos, fez-se necessário investigar, também, os profissionais sobre a contribuição do idioma tratado para a rotina e em que atividades da Biblioteca a língua inglesa poderia auxiliar.

Esse quesito apresentou uma diversidade de respostas, sendo que de forma mais resumida os entrevistados se referiram aos serviços de catalogação e classificação como um todo e aos serviços de Referência, bem como a relação entre esses dois serviços. Essa preocupação foi destinada ao uso de ferramentas digitais, como as bases de dados, que foi o serviço mais lembrado e citado. Quando foram perguntados em quais atividades da biblioteca a língua inglesa pode auxiliar, entre outras respostas, destacam-se as seguintes:

“-Indexação de materiais, serviço de referência (no atendimento aos usuários), levantamento bibliográfico, acesso a base de dados e portais como o da capes;”

“-Nas atividades de Referência, Processamento Técnico etc;”

“-Em todas: da formação de coleção à referência;”

“-Na busca de documentos em bases de dados;”

“-Para trabalhos de pesquisa em Bases de Dados;”

“-Na catalogação e indexação de documentos, bem como no serviço de referência;”

“-Levantamentos bibliográficos, atendimento ao público;”

“-Pode auxiliar no atendimento na referência, na busca em base de dados, no processamento, nos indexadores;”

“-Na referência, no tratamento técnico do acervo, em atividades culturais, em uma possível parceria institucional internacional, enfim, são grandes as possibilidades para uso da língua inglesa nas atividades de uma biblioteca;”

Como já abordado anteriormente, as rotinas de trabalho na atualidade não exigem somente o estudo de conteúdos técnicos inerentes às especificidades da profissão; seja nas atividades de ensino de uma licenciatura ou no desempenho de uma atribuição de bacharelado ou mesmo em funções de trabalhos da área tecnológica ou ainda de atribuições de serviços que não necessitam de um diploma de nível superior, é necessário que o indivíduo tenha uma soma de “conhecimento de mundo”, incluindo aqui conhecimentos básicos em língua inglesa.

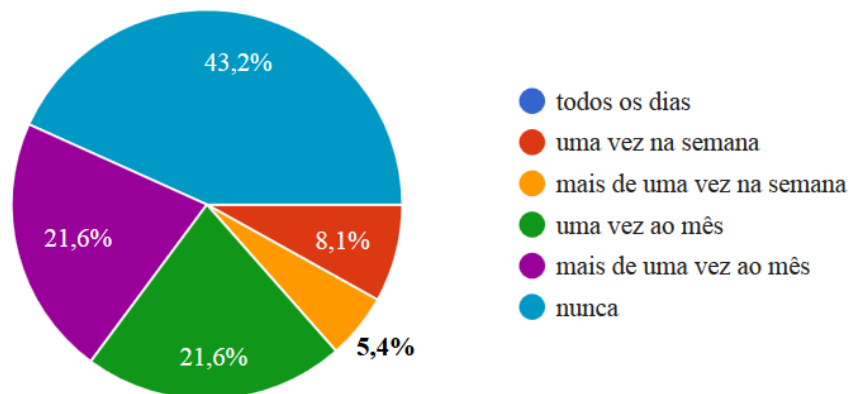
Entre as atividades diárias realizadas pelos bibliotecários, há aquelas destinadas à organização do acervo, envolvendo desde a aquisição ao desbastamento. Muitas vezes, os

documentos que formam esse acervo podem, esporadicamente, chegar em sua versão original e, quando se trata de artigo produzido em outros países, chegar em outro idioma, que pode ser a língua inglesa.

Nessa perspectiva, foi solicitado que os respondentes da pesquisa se manifestassem sobre a quantidade de documentos em inglês (em qualquer suporte) que eles recebiam em seu local de trabalho e qual a frequência de chegada.

Após a contagem das respostas, chegou-se aos seguintes números: 16 ocorrências de profissionais que nunca recebem ou receberam; 8 ocorrências de profissionais que recebem mais de uma vez ao mês; 8 ocorrências de profissionais que recebem pelo menos uma vez ao mês; 3 ocorrências de profissionais que recebem pelo menos uma vez na semana e 2 ocorrências de profissionais que recebem mais de uma vez na semana. As porcentagens estão representadas no gráfico 14

Gráfico 14 – Frequência de recebimento de documentos em língua inglesa



Fonte: Elaborado pelo autor

Da mesma forma que a barreira linguística desacelera o desenvolvimento dos trabalhos relacionados com a indexação de um documento novo no acervo, há outras atividades presentes do dia a dia das bibliotecas que também apresentam um certo grau de dificuldade quando o conteúdo a ser trabalhado se apresenta em outro idioma.

Para saber quais são as atividades que mais exigem conhecimentos no idioma em estudo para que o trabalho se concretize, foi lançada uma pergunta com a enumeração de várias atividades rotineiras e, no fim do enunciado foi fixada uma pergunta aberta para coletar a descrição de alguma outra atividade não descrita entre as opções.

Para fins de comparação e para facilitar a apresentação dos dados, as respostas dadas à interrogação sobre a complexidade e o grau de dificuldade no uso da língua inglesa de acordo com o tipo de trabalho realizado na biblioteca, as atividades foram divididas e elencadas em ordem decrescente, como demonstra o conteúdo do quadro 5:

Quadro 5 – Uso da língua inglesa em atividades da biblioteca

| DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE | QUANTIDADE | PERCENTUAL |
|---|------------|------------|
| Uso de base de dados | 22 | 59,5% |
| Processamento técnico (incluindo a indexação e catalogação com o auxílio de normas e padrões internacionais) | 19 | 51,4% |
| Leitura de textos em inglês (incluindo livros, artigos impressos, artigos <i>online</i> , manuais, <i>Abstracts</i> , teses e dissertações, dicionários, resumo de livros, CDs, DVDs) | 15 | 40,5% |
| Atendimento (Referência tradicional) | 15 | 40,5% |
| Uso de <i>softwares</i> para processamento técnico | 9 | 24,3% |
| Uso de Serviço de Referência Virtual (SRV) | 8 | 21,6% |
| Busca no acervo | 5 | 13,5% |

Fonte: Elaborado pelo autor

Ressalta-se que, além das opções apresentadas no quadro 5, o instrumento elencou uma opção que não foi contemplada por nenhum dos respondentes e que se referiu ao uso de equipamentos, bem como a leitura de seus respectivos manuais, os quais se constituíram como atividades que apresentam dificuldade na rotina.

Ao visualizar as informações do quadro 5, notou-se que a atividade mais citada como complexa e que apresenta o maior percentual de dificuldade (59,5%) foi o uso das bases de dados, por se tratar de um recurso tecnológico de caráter mais sofisticado. Assim, as respostas dadas para essa questão reforçam as declarações anteriormente fornecidas pelos consultados sobre o auxílio do idioma para o eficiente desenvolvimento dos trabalhos diários, ocasião na qual os bibliotecários também se reportaram com muita frequência ao uso da base de dados como uma atividade que exige bons conhecimentos em língua inglesa. Esse fato se justifica pelo fato de que essas bases são construídas seguindo o idioma do “desenvolvedor”, ou seja, grande parte (ou quase todas) são originalmente elaboradas em inglês. Mesmo que a “interface” do usuário esteja configurada para aparecer em língua portuguesa, muitas vezes as instruções de como manuseá-las e as formas de contato com o suporte ou com os desenvolvedores estão em língua inglesa.

A última opção (outros), reservada para a indicação de alguma outra atividade não enumerada, também se reportou de maneira direta ao uso do recurso ora tematizado. Em resposta ao quesito “outras atividades”, o respondente especificou: “-*Creio que o mais difícil seja não utilizar, mas conhecer as ferramentas de busca e bases de dados científicas estrangeiras devidos as barreiras culturais*”. Ou seja, há o reconhecimento de que é necessário ao profissional acompanhar as mudanças no cenário mundial, principalmente o pano de fundo tecnológico, que é muito dinâmico e desafiador.

Tanto o “universo tecnológico” quanto o “universo social” demonstram-se inovadores e mudam muito com o passar do tempo. Nesse último, o avanço da multiculturalidade pela convivência entre nações exige que o bibliotecário domine não somente as competências técnicas, mas manifeste o aspecto humanístico da profissão na valorização dos usuários ao focar no aperfeiçoamento do serviço de Referência e na atenção para as demandas proporcionadas por eles, mesmo tratando-se daqueles que não conseguem realizar sozinhos as etapas do processo de referência pelo fato de não saberem verbalizar suas necessidades informacionais no mesmo idioma do bibliotecário.

Essas adaptações no atendimento foram preconizadas por Figueiredo (1974, p. 175) ao enfatizar que “[...] os métodos de proporcionar serviços de referência aos consulentes dependem também de circunstâncias individuais e das diretrizes de cada biblioteca específica, as quais certamente não se enquadram em padrões preestabelecidos.” Ou seja, o fato do bibliotecário se empenhar em aprender outro idioma é uma forma de otimizar o desempenho nos serviços de atendimento prestado a determinada comunidade.

Em Biblioteconomia, entende-se o termo Referência como

[...] um setor físico, uma função, um processo ou um serviço que um profissional da informação realiza, procurando resolver algum tipo de consulta informacional. Os termos *reference department*, *reference servisse* e *reference work* são algumas das primeiras expressões em inglês, do atual termo referência – tomada da tradução de *reference work*, cuja origem etimológica é do latim *referee*, que significa indicar e informar. (PINTO, 2016, p. 243)

No dicionário ODLIS, o termo Serviço de Referência reflete a soma de competências adquiridas e que devem ser exercidas pelo bibliotecário para que a necessidade de informação dos usuários seja suprida através de uma mediação eficiente. Engloba “Todas as funções desempenhadas por um bibliotecário treinado e empregado no setor de referência de uma biblioteca, a fim de satisfazer às necessidades informacionais dos usuários (pessoalmente, por telefone ou por *e-mail*).” (REITZ, 2002, p. 564, tradução nossa)²⁰

Nesse contexto, a pesquisa buscou também respostas para os casos atípicos ou que ocorrem com pouca frequência, mas que acontecem em maior ou menor ocorrência dependendo do público que a biblioteca atende e da demanda dos usuários. Assim, foi lançada aos participantes das três instituições pesquisadas, uma pergunta sobre um hipotético caso de atendimento a um usuário estrangeiro com vistas a saber como se daria o desenrolar do processo de referência.

²⁰ All the functions performed by a trained librarian employed in the reference section of a library to meet the information needs of patrons (in person, by telephone, or via e-mail).

Quando foram interrogados sobre essa possibilidade, a maior parte informou que encontraria dificuldades no atendimento a usuário estrangeiro: 11 respondentes (29,7%) informaram que não e 26 (70,3%) apontaram que sim.

Quando interrogados sobre os motivos geradores das dificuldades, praticamente todos os participantes citaram o desenvolvimento do processo de comunicação em si; enquanto outros informaram que ainda não tiveram a oportunidade de passar pela experiência de atender um usuário estrangeiro, como demonstrado a seguir:

“-Ainda não atendi aluno estrangeiro, mas como não falo com fluência possivelmente a comunicação não seria eficaz;”

“-Apesar de nenhum frequentar a biblioteca onde trabalho, se aparecer não saberei como me comunicar;”

“-Até o momento não tivemos atendimento de usuários de outras nacionalidades;”

“-Conversação difícil para um feedback positivo;”

“-Na verdade, nunca atendi um estrangeiro, mas talvez provavelmente teria dificuldade, devido meu inglês não ser fluente;”

“-Por não dominar e compreender a língua;”

“-Para atendimento torna-se necessário falar fluentemente;”

“-Com certeza, pois tem que falar e entender pelo menos o básico para que haja em feedback;”

“-Para que o setor de referência consiga completar seu papel ele precisa de feedback e sem entender a pergunta não se consegue obter respostas;”

Ressalta-se que somente um dos respondentes abordou de forma positiva a efetivação do processo de referência na ocasião de um atendimento a usuário falante da língua inglesa, segundo os dados, o respondente declarou ter entendimento do idioma *“-Tenho alguma habilidade de comunicação em mais de um idioma de modo a dar informações básicas ao pesquisador”*.

Assim como outras instituições ligadas à educação e à cultura, a biblioteca deve se preocupar em oferecer para a comunidade que atende uma gama de serviços pontuais e satisfatórios; também é recomendável que ela desenvolva produtos objetivando a eficiência e otimização desses mesmos serviços. Em relação a essa demanda, a sinalização, o processo de atendimento e mesmo os produtos podem ser personalizados e confeccionados em língua inglesa para facilitar o atendimento de usuários que não falem ou leiam em língua portuguesa

ou, por exemplo, um que olhe a biblioteca como um “ponto turístico” e resolva buscar no acervo informações geográficas, gastronômicas, culturais etc. sobre a cidade que visita.

Quando interrogados sobre a existência de algum produto confeccionado pela biblioteca ou algum serviço ofertado, ambos no idioma aqui estudado visando a facilitar o atendimento a usuário não fluente na língua portuguesa, 11 participantes (29,7%) informaram que sim e 26 (ou 70,3%) informaram que não.

Os 11 respondentes, os quais afirmaram que a biblioteca na qual trabalham oferece produtos e/ou serviços personalizados, também descreveram quais eram eles, com foco para as bases de dados, entre outros:

“-Por exemplo, tem-se na área de acervo da página do NIB/UFMA, a Elsevier, EBSCOhost, livros e artigos eletrônicos disponibilizados em língua inglesa;”

“-Base de dados, artigos do comut, impressos em língua estrangeiras e-books;”

“-Material de informação em língua inglesa e auxílio em pesquisa em língua inglesa, caso solicitado;”

“-Levantamento bibliográfico quando solicitado na língua inglesa.”

Visando à coleta de sugestões por parte daqueles que já passaram pelo aprendizado da língua na graduação e agora trabalham com o trato de documentos no referido idioma, a pesquisa destinou as duas últimas perguntas para que os(as) bibliotecários(as) também participassem da discussão sobre as possibilidades de melhorias no que diz respeito ao aperfeiçoamento dos conteúdos, bem como das didáticas aplicadas no ensino da língua inglesa na graduação.

O objetivo se concentrou em estabelecer uma análise comparativa entre as respostas dos dois públicos (estudantes e profissionais) para buscar novas ideias que visem garantir a continuidade do crescimento na área de formação, fato que se sustenta nas propostas elencadas no Código de Ética, o qual enfatiza que o profissional deve “[...] cooperar intelectual e materialmente para o progresso da profissão, mediante o intercâmbio de informações [...]” (CONSELHO, 2002, não paginado).

A penúltima pergunta se direcionou ao exame do “tipo de inglês” ensinado aos profissionais participantes durante os estudos da graduação e objetivou a busca da opinião sobre o aspecto da língua inglesa ensinado na Biblioteconomia. Foram elencadas três opções, sendo que, no fim do enunciado, havia espaço para a descrição de outros possíveis olhares apontados pelos respondentes. A primeira opção tratava do “aspecto instrumental” (incluindo aquisição do idioma, vocabulário, sintaxe e semântica); a segunda tratava do “aspecto acadêmico” (incluindo competências de leitura, escrita, fala e compreensão) e a terceira

tratava do “aspecto profissional” (incluindo os fins específicos da Biblioteconomia, como procedimentos técnicos).

As respostas revelaram opiniões equilibradas, visto que praticamente a mesma quantidade de respondentes escolheu uma das 3 opções sugeridas: 11 participantes apontaram a opção que tratava do “aspecto instrumental”, mais 11 participantes escolheram a segunda, que tratava do “aspecto acadêmico” e outros 11 participantes indicaram a terceira, que se referia ao “aspecto profissional”; somente 4 respondentes não concordaram com nenhuma das três opções e manifestaram outro olhar para o aspecto da língua ensinada na graduação onde estudaram, como demonstrado na descrição das opiniões a seguir:

“-Não acrescenta em nada, a disciplina e superficial;”

“-Muito básico. Não atende nenhuma das opções acima;”

“-O Inglês trabalhado na Biblioteconomia é básico, gramatical;”

“-Nenhuma das opções acima.”

A última pergunta do questionário distribuído aos profissionais também foi direcionada à coleta de sugestões fundamentadas nas experiências destes sobre o processo de aprendizagem na graduação e se apresentou sob a forma de análise desses mesmos sujeitos a respeito dos conteúdos e metodologias utilizadas na transmissão das disciplinas.

Quando interrogados sobre as possíveis mudanças no processo de ensino da Língua Inglesa no Curso de Biblioteconomia, as respostas elencadas foram bem heterogêneas e algumas se demonstraram fora do alcance da temática da pesquisa. Entretanto, muitas se assemelharam às respostas dos estudantes e se concentraram no possível aumento de carga horária e também na melhoria dos métodos de ensino, envolvendo desde a adequação do conteúdo para seguir a ementa do curso à aproximação de teoria com a realidade profissional vivida através da realização de exercícios práticos, como pode ser conferido a seguir:

“-Acredito que a ementa e o conteúdo é o necessário, para mais aprofundamento o ideal é o profissional buscar fora, pela minha experiência o que ficou a desejar foi o comprometimento da docente com a disciplina;”

“-Direcionar o trabalho com a língua inglesa para o mercado real em Biblioteconomia;”

“-Que seja mais direcionada aos serviços da biblioteca de compreensão básica dos termos mais utilizados para facilitar no trabalho;”

“-Maior carga horária e mais atividades práticas;”

“-Textos de documentos em inglês nas bases de dados;”

“-No mínimo o inglês instrumental;”

“-Minha sugestão é que haja uma concordância entre as necessidades quanto ao uso da língua pela profissão de bibliotecário e a ementa da disciplina ministrada na academia, com práticas voltadas para o fazer desse profissional, não apenas na tradução e interpretação de textos como também no desenvolvimento de diálogos de referencia na referida língua;”

“-O ideal seria que houvesse uma mudança e fossem inseridas disciplinas direcionadas à língua inglesa com conversação e textos, afinal o mundo mudou, e nós, bibliotecários, precisamos acompanhar essas mudanças. E que assim, sejamos incentivados a fazer um curso de inglês pra nos adequarmos ao mundo globalizado;”

“-Que possamos ter contato prático, com resoluções práticas com o uso da língua inglesa. Sair das aulas expositivas e perceber na realidade como se pode usar seus conhecimentos da língua;”

“-Que a Língua Inglesa seja trabalhada como Inglês Instrumental e ao mesmo tempo voltada para aplicar nas atividades de uma biblioteca;”

“-Deveria ser incluído conversação e oferecido em mais períodos durante o curso;”

“-Aliar a teoria a prática e inserir conversação no conteúdo;”

“-Acredito que deva ter mais cadeiras da língua estrangeira. No mínimo deveria ser ofertada 3 cadeiras.”

Entre os profissionais, a pesquisa também investigou os níveis de conhecimento em cada uma das competências e habilidades (ler, escrever, falar e entender) e focou muito mais no uso da língua inglesa nas atribuições do trabalho dos(das) bibliotecários(as) que no ensino propriamente dito do referido idioma; contudo, os profissionais também foram convidados a apresentar suas inquietações sobre a existência das disciplinas que ensinam o mesmo e também sobre a forma como elas são repassadas na graduação.

Para realizar a sondagem de um tema complexo como o tratado aqui – que engloba aspectos cognitivos, subjetivos, estruturais, institucionais, profissionais, comerciais etc. – faz-se necessário observar, também, o contexto no qual ele é tratado. Sabe-se que não é em um curto período de tempo que as possíveis sugestões de melhoria podem apresentar resultados práticos por depender também de fatores externos e sociais (humanos). Observou-se, pelas declarações dos profissionais, que muitas variáveis podem interferir, de forma positiva ou negativa, no desenvolvimento de algo que foi planejado anteriormente. E não é diferente na atividade de ensino e uso de outro idioma.

Primeiramente, podem existir fatores subjetivos: a efetividade ou não do ensino pode estar na disposição do estudante em aprender – o que também pode existir devido a motivações de cunho pessoal. Essas motivações (que podem ser de cunho socioeconômico, familiar, ideológico etc) apresentam a tendência de “ditar” o grau de interesse do indivíduo, quando ele ainda é aluno, e refletir severamente no grau de importância que ele atribuirá ao aprendizado de outro idioma quando for um profissional.

Questões estruturais e institucionais também podem influenciar tanto no ensino quanto na continuidade dele, depois que o profissional começa a atuar. Embora a profissão de bibliotecário esteja diretamente ligada ao desenvolvimento da Ciência, a sociedade em geral e muitas autoridades não conseguem enxergar essa ligação, o que pode gerar falta de investimentos e até desvalorizações para a área. No caso do Curso alvo da pesquisa, notou-se uma irregularidade muito grande na oferta das disciplinas e, principalmente, na disponibilização de docentes para ensinar o idioma.

Embora muitos dos profissionais da informação das instituições estudadas tenham conseguido investir em sua formação continuada pelo fato de trabalharem em instituições de ensino, o que se nota é quem nem sempre outros tipos de instituição realizam projetos de incentivo à formação continuada ou patrocinam os mesmos.

Fatores econômicos também podem afetar o bom desenvolvimento do ensino de disciplinas e, conseqüentemente, o aproveitamento do conteúdo nos desempenhos das funções no local de trabalho, como foi enfatizado em uma das falas de um dos profissionais quando o mesmo declarou que *“a disciplina foi abandonada pela docente no meio do semestre e foi feito arranjos para que a turma não ficasse prejudicada, portanto pouco conteúdo foi visto e estudado”*. Nota-se aqui que o ensino de disciplina de qualquer natureza fica prejudicado quando ocorre quebra nos conteúdos programáticos e não há uma continuidade na ministração dos conteúdos.

7 CONCLUSÃO

Após o debate sobre a relação Linguística – CI que enfatiza a percepção de Dias e Naves (2007, p. 83) de que um dos “[...] fatores de distorção considerados no trabalho de indexação é a limitação lingüística, encontrada principalmente em indexação na área de humanidades, mais do que na técnica.” e após o exame das definições sobre os temas *ensino, linguagem, leitura, interpretação, mediação e qualidade*, depreendeu-se que a problemática aqui trabalhada é de grande complexidade porque envolve desde questões estruturais a questões subjetivas, tanto da parte do usuário quanto por parte dos profissionais que os atendem nas bibliotecas e também pelo fato de não haver tantas obras sobre o assunto elaboradas exclusivamente por bibliotecários.

Quanto ao ensino entre os estudantes, a pesquisa inferiu que se fazem necessárias algumas adaptações curriculares no Curso de Biblioteconomia da UFMA, visando principalmente à adequação de conteúdos para maior aproximação de teoria com prática, com vistas a otimizar os conhecimentos lingüísticos para as próximas gerações de estudantes e futuramente, de bibliotecários também.

Fundamentado nas respostas adquiridas no decorrer da pesquisa social, sugestiona-se a maior aproximação acadêmica entre os departamentos de Biblioteconomia e Letras da UFMA, com vistas a elaborar um planejamento que envolva, de forma mais efetiva, os docentes do DELER com as questões relacionadas ao ensino da língua inglesa direcionada especificamente para o estudante de Biblioteconomia, como está descrita na ementa da disciplina “Inglês II” expressa no PPP do referido curso, na qual se pode constatar a existência de um “guia” para aproximar os conteúdos ao estudo da CDD.

O fato de conseguir compreender com facilidade aquilo que é lido se constitui em um importante avanço para alavancar o desenvolvimento dos serviços de síntese e representação da informação visando a melhor atender os anseios da sociedade.

O “trabalho de leitura” referenciado aqui não se limita somente aos conteúdos elaborados na língua vernácula, oportunidade na qual enfatiza-se, mais uma vez, que se faz indispensável aos profissionais da informação – incluindo novamente os(as) bibliotecários(as) – a busca de conhecimentos lingüísticos também na língua inglesa para que a representação dos documentos (em vários suportes) seja efetuada com maior fidelidade. Daí a importância de uma pesquisa a mais que pode funcionar também como um retrato demonstrativo do posicionamento dos bibliotecários na qualidade de mediadores da informação através dos serviços que exerce, incluindo o atendimento no setor de Referência.

Assim, manifesta-se indispensável que o indivíduo seja capacitado para compreender as mais variadas linguagens que o envolvem na sociedade, seja ela em forma de texto ou em forma de símbolos e códigos. Evidencia-se a importância da interpretação das palavras como atividade fundamental para compreender o mundo circundante.

Sabe-se que, dentre outras atividades desse profissional, está a de mediador da informação, função onde reside o dever (que alguns consideram como privilégio) de auxiliar na construção do conhecimento e no desenvolvimento da Ciência. Ao atuar como “ponte” entre a informação e o pesquisador, o bibliotecário se configura como participante indispensável no processo de construção do conhecimento e ao mesmo tempo, desempenha seu papel como cidadão. E, no contexto da Biblioteconomia, não se pode pensar na relação entre as pessoas e a informação sem vinculá-las com a questão do exercício da cidadania.

No contexto dos conhecimentos interdisciplinares, essa produção focou, também, na busca por respostas sobre o uso da língua inglesa como fator de melhoria no processo de mediação realizado durante a execução do serviço de Referência, no qual o bibliotecário deve rever suas práticas, adotando uma postura metodológica interdisciplinar e, para isso, é necessário aperfeiçoar sua visão de mundo e da própria profissão.

Entendeu-se, também, que uma rápida análise da realidade tecnológica nos faz perceber que, atualmente, a sociedade exige do bibliotecário uma postura proativa, conhecimentos interdisciplinares e transversais, bem como a posição de mediador da informação e de promotor de ações cidadãs do processamento técnico até a Referência.

Quanto aos profissionais, a análise apontou a importância da atuação destes na qualidade de mediador e orientador do acesso à informação, visto que o bibliotecário possibilita o acesso rápido a ela através de seu saber e competência dentro do grupo social no qual está inserido; ao mesmo tempo que apresentou as dificuldades encontradas por eles hoje no que tange ao uso da língua inglesa nas atividades rotineiras, nas quais se percebeu que a falta de precisão e clareza na prática de ações como a catalogação, indexação e elaboração de resumos pode colaborar para o desconhecimento e para a baixa utilização dos produtos e serviços disponibilizados.

Diante desse quadro, sugestiona-se aos bibliotecários que adotem postura interdisciplinar e se comportem como promotores de atividades construtivas, como, por exemplo, incentivar a constituição de uma biblioteca em conjunto com outros profissionais, agir como educador e exercer suas ações pautado em valores democráticos, solidários e de responsabilidade social.

Juntamente com outros profissionais, como os pedagogos e professores das licenciaturas em várias línguas e literaturas, por exemplo, o bibliotecário terá a oportunidade de atuar de forma dinâmica e trabalhar, ao mesmo tempo, dois aspectos que contribuirão seguidamente para seu crescimento profissional: primeiramente, ele poderá estender sua atuação em projetos e ações de leitura, o que certamente poderá alavancar sua formação interdisciplinar; em segundo plano, o fato de trabalhar junto a outros profissionais constituir-se-á em um procedimento que poderá aumentar, também, a visibilidade da profissão, visto que os trabalhos executados alcançarão um número bem maior de pessoas, chegando até aquelas que ainda desconhecem a importância e papel social desse profissional. Nota-se que a disseminação de informações é uma tarefa necessária e importante para a sociedade, o que implica em afirmar que as atividades desse profissional devem ser valorizadas por parte dessa mesma sociedade que recebe os efeitos de seus serviços.

Um dos resultados esperados se manteve na expectativa de que os bibliotecários aprendessem como aproveitar as colaborações da Linguística para que esta ajude nos estudos que exploram as relações entre a linguagem e as práticas da CI.

Subentende-se que o tema trabalhado é de grande complexidade porque não depende somente do trabalho dos bibliotecários, estendendo-se, também, à capacidade interpretativa dos usuários; entretanto, torna-se indispensável a esses profissionais a busca contínua por melhorias em suas competências e habilidades, para a elevação da profissão no mundo “globalizado”.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Câmara dos Deputados. **LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 14. ed. Edições Câmara: Brasília, DF, 2017. (Série legislação, 263, PDF)
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos...** Brasília, DF, [s.n.], 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio:** orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais. Volume Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, DF, 2002.
- BRITISH COUNCIL. **Demandas de aprendizagem de inglês no brasil:** elaborado com exclusividade para o british council pelo instituto de pesquisa data popular. São Paulo: British Council Brasil, 2014. (série teaching english)
- BUTLER, Pierce. **An introduction to library science.** Chicago: The University of Chicago Press, 1933. Disponível em: <<https://archive.org/details/introductiontoli011501mbp>>. Acesso em 10 nov. 2017.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax.** Cambridge: The MIT Press, 1965. Disponível em: <<http://faculty.georgetown.edu/irvinem/theory/Chomsky-Aspects-excerpt.pdf>>. Acesso em 8 jan. 2016.
- CINTRA, Anna Maria Marques. Elementos de linguística para estudos de indexação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 5-22, 1983. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1526/1144>>. Acesso em: 2 maio 2015.
- CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Resolução n.º 42 de 11 de janeiro de 2002. Dispõe sobre Código de Ética do Conselho Federal de Biblioteconomia. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 14 de jan. 2002. Seção I, p. 64. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=64&data=14/01/2002>> Acesso em: 5 Maio 2018.
- CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **A Biblioteconomia no Brasil.** Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/institucional/historico/a-biblioteconomia-no-brasil/>> Acesso em: 4 Maio 2018.
- DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. **Análise de assunto:** teoria e prática. Brasília: Thesaurus, 2007.
- ELLIS, Rod. **Second Language Acquisition.** Oxford: Oxford University Press, 1997. (Oxford Introductions to Language Study)
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 5. ed. Curitiba: Positivo Editora, 2010. 2272 p.

FIGUEIREDO, Nice. Evolução e avaliação do serviço de referência. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 2, n. 2, p.175-198, jul./dez.1974. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/16327>>. Acesso em: 20 jun 2018.

FIGUEIREDO, Olívia; BIZARRO, Rosa. A leitura como processo cognitivo. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF THE INTERNATIONAL SOCIETY OF APPLIED PSYCHOLINGUISTICS, 5., 1997, Porto. **Proceedings...** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 465-470. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8471.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2015.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução a biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 2007.

GARDNER, Howard E. **Frames of mind: the theory of multiple intelligences**. New York: Basic Books, 2011. (e-book)

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e da documentação**. Brasília, DF: MCT: CNPq: IBICT, 1994.

HUTCHINSON, Tom.; WATERS, Alan. **English for Specific Purposes: a learning-centred approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, Janet (Eds.). *Sociolinguistics: Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 269-293.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **O que é?** Brasília, DF, [s.n.], 2017. Disponível em: <<http://btdt.ibict.br/vufind/Content/whatIs>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LEITE, Francisco Tarciso. Método científico e metodologia. In: _____. **Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Ideias e Letras, 2008. cap. 4, p. 87-120.

LOGAN, Robert K. **Que é informação?: a propagação da informação na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

MELO, Fábio José Dantas de; BRÄSCHER, Marisa. **Fundamentos da Linguística para a formação do profissional de informação**. Brasília: Thesaurus, 2011. 124 p.

MENDONÇA, Ercilia Severina. A lingüística e a ciência da informação: estudos de uma interseção. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 50-70, set./dez., 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a06v29n3>>. Acesso em: 02 maio 2016.

MICHAELIS On-line. **Competência**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=ZpP2>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Apresentação - PET**. [S.l.; s.n.], 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Unesp, 1996.

MOURA, Maria Aparecida. Leitor-bibliotecário: interpretação, memória e as contradições da subjetividade em processos de representação informacional. **Perspect. ciênc. inf.** Belo Horizonte, v.9 n.2, p. 158-169, jul./dez., 2004. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=13188>. Acesso em: 2 maio 2015.

NETWORKED DIGITAL LIBRARY OF THESES AND DISSERTATIONS. **Mission, Goals, and History**. [s.l.;s.n.]. Disponível em: <<http://www.ndltd.org/about>>. Acesso em: 20 maio 2017.

ORTEGA, Cristina Dotta. **Informática documentária: estado da arte**. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-27032004-155935/publico/Ortega.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

OXFORD Living Dictionaries. **Definition of competence in English**. [s.l.]: Oxford University Press, 2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/competence>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PINTO, Alejandra Aguilar. Os serviços de referência: mudanças, desafios e oportunidades na sociedade da informação. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Org.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília, DF: Ipea, 2016. cap. 10, p. 241-279.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. [recurso eletrônico] 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamritam. **The five laws of Library Science**. Digitization dLIST Classics. London: Edward Goldston, 1931.

REITZ, Joan M. **ODLIS: Online Dictionary of Library and Information Science**. [sl;sn] 2002. Disponível em: <<http://vlado.fmf.uni-lj.si/pub/networks/data/dic/odlis/odlis.pdf>>. Acesso em: 12 Dez. 2017

SANTOS, Ana Paula Lima dos; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 116-131, jul./dez., 2013.

Disponível em: < <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248/264>>. Acesso em: 18 jun 2018.

SARACEVIC, Tefko. **Ciência da informação: origem, evolução e relações**. Perspectiva em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVEIRA, Luhilda Ribeiro. **Competências do bibliotecário no trabalho em biblioteca universitária**. 2017, 107f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação) – Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2121/dissertacao_luhilda.pdf>. Acesso em: 2 Jun 2018.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. **Perspectivas em Ciência da informação**. [S.l.], v.15 n.3, p. 52-66, set./dez. 2010.

SOUZA, Katyusha Madureira L. de et al. Competência: diferentes abordagens e interpretações como estímulo à Ciência da Informação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CRUESP, 2008.

STATISTA GmbH. **The most spoken languages worldwide**. Statista GmbH, 2017. 61 p. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/266808/the-most-spoken-languages-worldwide/>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

STERNBERG, Robert J.; STERNBERG, Karin. **Cognitive Psychology**. 6. ed. Belmont, CA: Wadsworth, 2012.

TOSQUI, Patrícia. **Construção e ancoragem ontológica do vocabulário básico bilíngüe do turismo para fins didáticos**. Araraquara, 2007. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103624>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Centro de Ciências Sociais. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia**. São Luís, [s.n.], 2007. Disponível em: <<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/VoxFpKFSbrfu2g6.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Qualidade em serviços de informação**. São Paulo: Arte & ciência, 2002.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

ZARIFIAN, Philippe. **Objetivo competência: por uma nova lógica**. São Paulo: Atlas, 2001.

APÊNDICE A – Questionário para os estudantes



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão

QUESTIONÁRIO 1 - Estudante

Prezado(a) estudante de Biblioteconomia,

As questões a seguir buscam verificar as concepções que você tem em relação ao ensino da língua inglesa no curso de Biblioteconomia e, futuramente, o uso na carreira profissional. Essa pesquisa é parte da Monografia de conclusão do referido curso da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). As informações aqui coletadas serão utilizadas somente para fins acadêmicos e, os dados dos respondentes serão mantidos em anonimato, em cumprimento aos princípios éticos da pesquisa científica. Sua colaboração é indispensável para o sucesso dessa pesquisa. Desde já, agradeço sua

PERFIL DO RESPONDENTE

- 1) Período que cursa atualmente: _____
- 2) Estudou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em que tipo de escola?
 Pública Privada Parte em escola pública, parte em escola privada Outras situações
 Ano de conclusão do Ensino Médio: _____
- 3) Na escola onde estudou o ensino Fundamental havia disciplina de língua inglesa? Sim Não
 E no Ensino Médio? Sim Não
- 4) Fez curso pré-vestibular antes de entrar na graduação? Sim Não
 Se a resposta foi sim, por quanto tempo e qual o idioma escolhido? _____
- 5) Você frequentou algum curso particular de língua inglesa? Sim Não
 Se a resposta foi sim, por quanto tempo aproximadamente? _____
- 6) Qual sua competência em língua inglesa em cada uma das 4 (quatro) abaixo?

| | 5 ótimo | 4 bom | 3 razoável | 2 pouco | 1 nada |
|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Escreve textos em inglês? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Lê textos em inglês? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Fala em inglês? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Entende diálogos em inglês? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

CONCEPÇÃO E USO DE LÍNGUA INGLESA NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

- 7) Você já cursou as disciplinas Inglês I e II do Curso de Biblioteconomia?
 Sim Não Somente Inglês I
- 8) Você cursou a(as) disciplina(as) em que período?
 regular férias regular e férias alternadamente
- 9) Você considera necessário estudar a Língua inglesa no Curso de Biblioteconomia?
 Sim Não Prefiro outros idiomas.
 Por quê? _____

QUESTIONÁRIO 1 - ESTUDANTE

10) Como a língua inglesa pode auxiliar na construção do profissional em formação ?

11) Na sua concepção, em que atividades da Biblioteconomia a língua inglesa pode auxiliar?

12) Os conteúdos trabalhados nas disciplinas de Língua Inglesa (I e II) são compatíveis com as atividades da área? Justifique.

13) Na sua opinião, o que precisa melhorar nas disciplinas de Língua Inglesa (I e II)?

APÊNDICE B – Questionário para os profissionais



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luis - Maranhão

QUESTIONÁRIO 2 - PROFISSIONAL

Prezado(a) Bibliotecário(a),

As questões a seguir buscam verificar as concepções que você tem em relação ao uso da língua inglesa nas atividades biblioteconômicas e, em caráter de pesquisa de opinião, pretende coletar informações sobre as habilidades e/ou dificuldades encontradas no desenvolvimento de trabalhos profissionais que envolvem esse idioma. Essa pesquisa é parte da Monografia de conclusão no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). As informações serão utilizadas somente para fins acadêmicos e os dados dos respondentes serão mantidos em anonimato, em cumprimento aos princípios éticos da pesquisa científica. Sua colaboração é indispensável para o sucesso dessa pesquisa. Desde já, agradeço sua colaboração.

PERFIL DO RESPONDENTE

- 1) Qual sua formação acadêmica (curso ou cursos)? _____
- 2) Qual sua titulação?
- () Graduação () Especialização () Mestrado
- () Doutorado () Livre Docência
- Em que área? _____



- 3) Instituição na qual trabalha: _____
- Há quanto tempo exerce a profissão? _____ anos _____ meses

CONCEPÇÃO E USO DA LÍNGUA INGLESA NAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

- 4) Você cursou disciplinas de língua inglesa na graduação de Biblioteconomia? () Sim () Não
- Se a resposta foi sim, os conteúdos em língua inglesa que você estudou no curso (disciplinas obrigatórias e/ou optativas) foram: () suficientes () insuficientes () inadequados () outros
- Por quê? _____
- _____
- _____

- 5) Você frequentou algum curso particular de língua inglesa? () Sim () Não
- Se a resposta foi sim, por quanto tempo aproximadamente? _____

- 6) Você considera importante o aprendizado de outro idioma para a sua atuação profissional? Por quê?
- _____
- _____

- 7) Em seu local de trabalho existem iniciativas para o aprendizado de outros idiomas?
- () Sim () Não

- 8) Qual sua competência em língua inglesa nas 4 (quatro) listadas abaixo?

| | 5 ótimo | 4 bom | 3 razoável | 2 pouco | 1 nada |
|-----------------------------|---------|-------|------------|---------|--------|
| Escreve textos em inglês? | () | () | () | () | () |
| Lê textos em inglês? | () | () | () | () | () |
| Fala em inglês? | () | () | () | () | () |
| Entende diálogos em inglês? | () | () | () | () | () |

APÊNDICE C – Termo de autorização para pesquisa na UFMA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 - São Luís - Maranhão.

NÚCLEO INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Maria de Fátima Oliveira Costa, diretora do Núcleo Integrado de Bibliotecas (NIB) e Bibliotecária/Documentalista na Universidade Federal do Maranhão, matrícula nº 1189596, autorizo **Eliel da Silva Cardozo**, matrícula 2012001247, RG 889371970, aluno do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, a realizar aplicação de questionários (físicos e digitais) com os(as) bibliotecários(as) desta reconhecida instituição, para fomentar a realização da pesquisa monográfica **“A língua inglesa e o profissional da informação - da dimensão cognitiva à prática: implicações na leitura e interpretação do texto, indexação e atendimento”**, que tem por objetivo geral a pretensão de investigar o aprendizado, uso e prática da língua inglesa na graduação e a aplicação, produção e uso de recursos nesse idioma no cotidiano profissional dos(as) bibliotecários(as).

A pesquisa acima mencionada compromete-se a:

- 1 Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos;
- 2 Assegurar a privacidade das pessoas citadas em documentos institucionais e/ou contratadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS nº 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

São Luís, 25 de abril de 2018

Maria de Fátima Oliveira Costa

Diretora do Núcleo Integrado de Bibliotecas da UFMA.

Maria de Fátima O. Costa
Diretora do NIB UFMA
Mat. 1189596 CRB 1347

APÊNDICE D – Termo de autorização para pesquisa na UEMA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
Autarquia instituída nos termos da Lei 3.260 de 22 de agosto de 1972 – São Luís - Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO SISTEMAS DE BIBLIOTECAS INTEGRADAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Glória Maria Nina Baima, diretora do Sistema de Bibliotecas Integradas (SIB) e Bibliotecária/Documentalista na Universidade Estadual do Maranhão, autorizo **Eliel da Silva Cardozo**, matrícula 2012001247, RG 889371970, aluno do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, a realizar aplicação de questionários (físicos e digitais) com os(as) bibliotecários(as) desta reconhecida instituição, para fomentar a realização da pesquisa monográfica **“A língua inglesa e o profissional da informação - da dimensão cognitiva à prática: implicações na leitura e interpretação do texto, indexação e atendimento”**, que tem por objetivo geral a pretensão de investigar o aprendizado, uso e prática da língua inglesa na graduação e a aplicação, produção e uso de recursos nesse idioma no cotidiano profissional dos(as) bibliotecários(as).

A pesquisa acima mencionada compromete-se a:

- 1 Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos;
- 2 Assegurar a privacidade das pessoas citadas em documentos institucionais e/ou contratadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS nº 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

São Luís, 03 de maio 2018

Gloria Maria Nina Baima
Gloria Maria Nina Baima
Diretora Bibliotecária
Mat.: 0295

Diretora do Sistema de Bibliotecas Integradas da UEMA

APÊNDICE E – Buscas no portal da BDTD do IBICT

Assunto
▼

Q Buscar
Busca Avançada

Busca: Linguística e Biblioteconomia

Refinar a Busca

Instituições ▲

| | |
|--------|---|
| UFF | 1 |
| UFRN | 1 |
| UFSCAR | 1 |

Repositório ▲

| | |
|-------------------------------------|---|
| Repositório Institucional da UFF | 1 |
| Repositório Institucional da UFRN | 1 |
| Repositório Institucional da UFSCAR | 1 |

Programa ▲

| | |
|---|---|
| PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM | 1 |
| Programa de Pós-graduação em Linguística | 1 |

Autor ▲

| | |
|--------------------------------------|---|
| Costa, Raquel Santos | 1 |
| Nascimento, Milena de Macêdo Barbosa | 1 |
| Reis, Livia de Lima | 1 |

A mostrar 1 - 3 resultados de 3 para a busca 'Linguística e Biblioteconomia', tempo de busca: 0.26s

Ordenar Data Ascendente ▼

Ver Tudo
Exportar

1 **Dos modelos classificatórios tradicionais na ciência da informação à folksonomia: um enfoque discursivo**

por Reis, Livia de Lima
Data de Defesa 2012

Assuntos: "; "...CNPQ::Biblioteconomia..."

🔗 Obter o texto integral

Dissertação
Ver +

2 **Práticas de letramento informacional de bibliotecários em formação**

por Nascimento, Milena de Macêdo Barbosa
Data de Defesa 2016

Assuntos: "; "...CNPQ::LINGUISTICA, LETRAS E ARTES::LINGUISTICA..."

🔗 Obter o texto integral

Dissertação
Ver +

3 **A leitura no campo informacional brasileiro: a temática leitura nos trabalhos dos ENANCIB - 1994 a 2013**

por Costa, Raquel Santos
Data de Defesa 2017

BRASIL
Serviços
Participe
Acesso à informação
Legislação
Canais

Idioma ▼

[Página Inicial](#)
[Sobre a BDTD](#)
[Rede BDTD](#)
[Acesso Aberto Brasil](#)
[Serviços](#)

Assunto
▼

Q Buscar
Busca Avançada

Busca: Linguística AND Ciência da Informação

Refinar a Busca

Instituições ▲

| | |
|----------|---|
| IBICT | 2 |
| UFSCAR | 2 |
| PUC_RS | 1 |
| UFPA | 1 |
| UNISINOS | 1 |

Repositório ▲

| | |
|--|---|
| Repositório Institucional da UFSCAR | 2 |
| Repositório Institucional do IBICT | 2 |
| Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC_RS | 1 |
| Repositório Institucional da UFPA | 1 |

A mostrar 1 - 7 resultados de 7 para a busca 'Linguística AND Ciência da Informação', tempo de busca: 1.97s

Ordenar Relevância ▼

Ver Tudo
Exportar

1 **A gramaticalização de informação: uma abordagem sociocognitiva**

por Souza, Marcos Gonzalez de
Data de Defesa 2013

Assuntos: "; "...CNPQ::CIENCIAS SOCIAIS APLICADAS::CIENCIA DA INFORMACAO..."

🔗 Obter o texto integral

Tese
Ver +

2 **Representação da informação arquivística: diálogos e conexões interdisciplinares**

por Aguiar, Andressa Furtada da Silva de
Data de Defesa 2013

Assuntos: "; "...CNPQ::CIENCIAS SOCIAIS APLICADAS::CIENCIA DA INFORMACAO..."

🔗 Obter o texto integral

APÊNDICE F – Busca no portal da NDLTD



Search results

Showing 1 to 10 of 562 (0.24 seconds)

Spelling suggestions: "linguistics AND library science" "linguistics AND library science"

Refine Query

Linguistics AND Library Science

Source

Filter by source

Publication year

Start year to End year

Language

English 315

Portuguese 57

Chinese 25

Swedish 23

French 22

Czech 6

Spanish 2

Catalan 1

Italian 1

Lithuanian 1

Tagged with

Language 86

- 1 [Automatic text summarization in digital libraries](#)
Mlynarski, Angela, University of Lethbridge. Faculty of Arts and Science 2006 [\(has links\)](#)

A digital library is a collection of services and information objects for storing, accessing, and retrieving digital objects. Automatic text summarization presents salient information in a condensed form suitable for user needs. This thesis amalgamates digital libraries and automatic text summarization by extending the Greenstone Digital Library software suite to include the University of Lethbridge Summarizer. The tool generates summaries, nouns, and non phrases for use as metadata for searching and browsing digital collections. Digital collections of newspapers, PDFs, and eBooks were created with summary metadata. PDF documents were processed the fastest at 1.8 MB/hr, followed by the newspapers at 1.3 MB/hr, with eBooks being the slowest at 0.9 MB/hr. Qualitative analysis on four genres: newspaper, M.Sc. thesis, novel, and poetry, revealed narrative newspapers were most suitable for automatically generated summarization. The other genres suffered from incoherence and information loss. Overall, summaries for digital collections are suitable when used with newspaper documents and unsuitable for other genres. [Full Text \(PDF\)](#)

[Read more](#)

[Dissertations, Academic](#) [Digital libraries](#) [Automatic abstracting](#) [Cluster analysis – Computer programs](#)
[Computational linguistics](#)
- 2 [Human Factors in Information Seeking: A study of relationship between situational and psychological factors and information seeking behaviour of linguists](#)
Kumari, Suman R 1999 [\(has links\)](#)

Information Seeking

[Library and Information Science](#)
- 3 [An information network for linguistics and Indian languages: A proposal including a study of its problems and prospects](#)
Murthy, Sulochana S 1998 [\(has links\)](#)

A proposal including a study of its problems and prospects

[Library and Information Science](#)
- 4 [Relationship analysis of image descriptions: An ontological, content analytic approach.](#)
Benson, Allen C. Unknown Date [\(has links\)](#)

The relationships humans express when describing images have powerful, but poorly understood, effects on how visual information is represented, structured, and processed in information systems. This study evaluates the benefits and difficulties of using content analysis and ontological analysis as predictors of relationship instances and types occurring in image descriptions. A random sample of 36 documented reference transactions from the administrative files of the Pittsburgh Photographic Library is analyzed in light of three describing contexts: image searcher, curator, and cataloger. Through the qualitative and quantitative assessment of image descriptions, the research leads to several key findings and contributions. The most important findings vindicate the claim that recognition, capture, and

ANEXO A – Resolução 0492/2001

DIRETRIZES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA*Diretrizes Curriculares**1. Perfil dos Formandos*

A formação do bibliotecário supõe o desenvolvimento de determinadas competências e habilidades e o domínio dos conteúdos da Biblioteconomia. Além de preparados para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta, os egressos dos referidos cursos deverão ser capazes de atuar junto a instituições e serviços que demandem intervenções de natureza e alcance variados: bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural etc.

As IES poderão acentuar, nos projetos acadêmicos e na organização curricular, características do egresso que, sem prejuízo do patamar mínimo aqui considerado, componham perfis específicos.

2. Competências e Habilidades

Dentre as competências e habilidades dos graduados em Biblioteconomia enumeram-se as típicas desse nível de formação.

A) Gerais

- gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los;
- formular e executar políticas institucionais;
- elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos;
- utilizar racionalmente os recursos disponíveis;
- desenvolver e utilizar novas tecnologias;
- traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação;
- desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres;
- responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo.

B) Específicas

Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente;

- Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação;
- Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza;

- Processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação;
- realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação.

3. *Conteúdos Curriculares*

Os conteúdos dos cursos distribuem-se em conteúdos de formação geral, destinadas a oferecer referências cardeais externas aos campos de conhecimento próprios da Biblioteconomia e em conteúdos de formação específica, que são nucleares em relação a cada uma das identidades profissionais em pauta.

De caráter propedêutico ou não, os conteúdos de formação geral envolvem elementos teóricos e práticos e têm por objetivo o melhor aproveitamento dos conteúdos específicos de cada curso.

Os conteúdos específicos ou profissionalizantes, sem prejuízo de ênfases ou aprofundamentos programados pelas IES, têm caráter terminal. Constituem o núcleo básico no qual se inscreve a formação de bibliotecários.

O desenvolvimento de determinados conteúdos como a Metodologia da Pesquisa ou as Tecnologias em Informação, entre outras – poderá ser objeto de itens curriculares formalmente constituídos para este fim ou de atividades praticadas no âmbito de uma ou mais conteúdos.

Recomenda-se que os projetos acadêmicos acentuem a adoção de uma perspectiva humanística na formulação dos conteúdos, conferindo-lhes um sentido social e cultural que ultrapasse os aspectos utilitários mais imediatos sugeridos por determinados itens.

As IES podem adotar modalidades de parceria com outros cursos para:

- ministrar matérias comuns;
- promover ênfases específicas em determinados aspectos da carreira;
- ampliar o núcleo de formação básica;
- complementar conhecimentos auferidos em outras área.

4. *Estágios e Atividades Complementares*

Mecanismos de interação do aluno com o mundo do trabalho em sua área, os estágios serão desenvolvidos no interior dos programas dos cursos, com intensidade variável segundo a natureza das atividades acadêmicas, sob a responsabilidade imediata de cada docente. Constituem instrumentos privilegiados para associar desempenho e conteúdo de forma sistemática e permanente.

Além disso, o colegiado do curso poderá estabelecer o desenvolvimento de atividades complementares de monitoria, pesquisa, participação em seminários e congressos, visitas programadas e outras atividades acadêmicas e culturais, igualmente orientadas por docentes (de preferência em regime de tutoria) a serem computadas como carga horária.

5. Estrutura do Curso

A estrutura geral do curso de Biblioteconomia deverá ser definida pelo respectivo colegiado, que indicará a modalidades de seriação, de sistema de créditos ou modular.

6. Avaliação Institucional

Os cursos deverão criar seus próprios critérios para a avaliação periódica, em consonância com os critérios definidos pela IES à qual pertence, incluindo aspectos técnico-científicos, didático-pedagógicos e atitudinais.